CADERNO DE ESTUDOS

Tema do Ano - 2027

CELEBRAR O AMOR DE DEUS

"Onde estiverem dois ou três reunidos
em meu nome, ali estou no meio deles"

Mateus 18.20



luterano.org.br ieclboficial

Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil





FICHA TÉCNICA

Subsídios para o estudo do Tema e Lema de 2027

Coordenação geral
Paulo Afonso Butzke – Núcleo de Produção e Assessoria da IECLB (NPA)

Arte do Tema do Ano 2027
Suzana Witt

Equipe de coordenação e revisão
Ana Isa dos Reis Costella, Bianca Daiane Ücker Weber, Carla Vilma Jandrey, Carmen Michel, Daniela Hack, Emilio Voigt, Joni Roloff Schneider, Gabriela Giese, Juliana Ruaro Zachow, Kátlin Franciele Dickel, Luiza Carolina Pereira da Silva, Martina Wrasse Scherer, Olmiro Ribeiro Júnior, Paulo Afonso Butzke, Simone Engel Voigt e Wagner Petry Moraes

Revisão ortográfica
Susanne Buchweitz

Projeto gráfico
Andrei Lysik Viega

Acesse todos os recursos da campanha no Portal da IECLB:
www.luterano.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caderno de estudos : tema do ano 2027 : celebrar o amor de Deus / coordenação Paulo Afonso Butzke.
- - São Leopoldo, RS : Editora Sinodal, 2026.

ISBN 978-65-5600-139-5

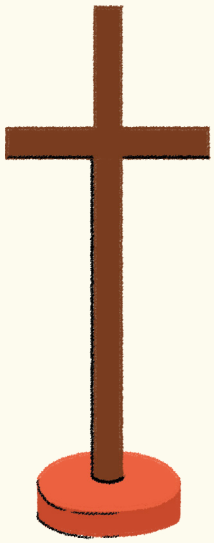
1. Comunhão 2. Culto (Ensino religioso) 3. Deus (Cristianismo) Amor 4. Fé (Cristianismo) 5. Jesus Cristo 6. Missão da Igreja 7. Reflexões Ensinamento bíblico I. Butzke, Paulo Afonso.

26-417605.0 CDD-231.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Amor de Deus : Cristianismo 231.6

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB SP-010133/0



SUMÁRIO

Ficha técnica — 02

Seção I — 04

Apresentação — 04

Texto-base — 05

O cartaz do Tema do Ano + proposta metodológica — 12

Liturgia do Tema do Ano — 14

Música do Tema do Ano — 23

Culto e Missão – Vai e Vem — 25

Seção II – Fundamentos — 29

Seção III – Temas litúrgicos — 38

Seção IV – Temas relacionados — 51

Seção V – Modelos na prática — 66

Seção VI – Materiais da Rede Sinodal — 92







SEÇÃO I

APRESENTAÇÃO

Com alegria e gratidão, apresentamos o *Caderno de Estudos do Tema do Ano 2027* da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que nos convida a refletir sobre o tema "Celebrar o amor de Deus".

Inspiradas e inspirados pela promessa de Jesus Cristo – "Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mateus 18.20) –, somos convidadas e convidados a redescobrir a centralidade do Culto como espaço privilegiado da presença de Deus entre nós. No Culto, somos pessoas agraciadas pelo seu amor e respondemos em fé por meio de nosso louvor e nossas súplicas. O Culto em comunidade acontece em igrejas grandes e pequenas. Também pode ser celebrado em outros espaços, como em pontos de pregação, ou junto a uma pessoa enferma. O importante é a promessa da presença de Jesus! Ele está entre as pessoas que se reúnem em seu nome!

Em um contexto de profundas transformações sociais, culturais e religiosas, este material propõe um olhar atento sobre o significado do Culto na tradição luterana e em sua vivência nas comunidades de hoje. Mais do que uma atividade da vida comunitária, o Culto é o lugar onde Deus reúne, alimenta, consola e envia seu povo para o testemunho e o serviço no mundo.

Que os estudos, reflexões e diálogos promovidos por este caderno contribuam para fortalecer a compreensão e a experiência do Culto como celebração viva do amor de Deus, renovando nosso compromisso com o Evangelho, nossa vida comunitária e nossa Missão no mundo. A todas as pessoas que colaboraram na elaboração deste caderno, nossa gratidão.

Pa. Sílvia Beatrice Genz
Pastora Presidente da IECLB





TEXTO-BASE

TEMA DO ANO 2027

Celebrar o amor de Deus

LEMA BÍBLICO 2027

Jesus diz: "Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mateus 18.20)

Introdução

Em um tempo marcado por rápidas transformações culturais, modos diversos de viver a fé e profundas mudanças nas relações humanas, a Comunidade cristã é constantemente desafiada a reafirmar o que está no centro de sua caminhada: a presença amorosa de Deus em meio ao seu povo. É nesse horizonte que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil propõe, para o Tema do Ano 2027, **"Celebrar o amor de Deus"**, uma reflexão sobre o significado do Culto e sua centralidade na vida pessoal e comunitária de fé.

Inspirado pelo Lema Bíblico que provém das palavras de Jesus em Mateus 18.20 — ***"Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles"*** —, o Tema do Ano 2027 aponta para a promessa fundamental que sustenta a reunião da Comunidade cristã: Cristo está presente quando seu povo se reúne em seu nome. Essa presença se manifesta na escuta da Palavra, na celebração dos Sacramentos, na oração, na comunhão, no louvor e no serviço. Assim, o Culto não é apenas uma atividade entre tantas outras da vida comunitária, mas constitui o acontecimento central da vida de fé, no qual a Comunidade recebe e celebra o amor de Deus.

O Culto é, por excelência, espaço de encontro: encontro com Deus, com outras pessoas, consigo mesmo e com toda a Criação. Nele, a vida concreta, com suas alegrias e dores, esperanças, frustrações, perguntas e desafios, é acolhida e iluminada pelo Evangelho. Na celebração, Deus reúne, alimenta, consola, fortalece e renova sua Comunidade. Ao mesmo tempo, é desse encontro que nasce o envio para a Missão, o serviço e o testemunho no mundo. O Culto, portanto, não termina em si mesmo: a Comunidade reunida é também Comunidade enviada.

É nesse sentido que a reflexão proposta pelo Tema do Ano 2027 coloca a IECLB diante de uma pergunta fundamental: **como celebrar o Culto de modo que sua centralidade na vida pessoal e comunitária da fé seja efetivamente percebida, compreendida e experimentada?** A questão adquire especial relevância diante das transformações sociais, culturais e religiosas do mundo contemporâneo, que também repercutem sobre a vida litúrgica das Comunidades. Mudam as formas de participação, as expectativas em relação à celebração, as experiências de pertencimento e as maneiras pelas quais as pessoas se relacionam com a fé e com a Comunidade.

O desafio litúrgico contemporâneo consiste, portanto, em celebrar de modo que o Culto permaneça, simultaneamente, **fiel ao Evangelho, enraizado na tradição confessional luterana, compreensível no contexto cultural atual e aberto ao mistério de Deus**. Não se trata simplesmente de adaptar a celebração



às mudanças culturais, nem de preservar formas litúrgicas sem considerar o contexto em que são vividas. Trata-se de discernir, à luz do Evangelho e da tradição da Igreja, como a celebração pode continuar sendo lugar de encontro com o Deus vivo e de edificação da Comunidade cristã.

O *Caderno de Estudos do Tema do Ano 2027* oferece subsídios para essa importante reflexão. Suas páginas procuram estimular Comunidades, Paróquias, Sínodos, instituições e lideranças a olhar para o Culto como dom e como centro da vida comunitária.

O Lema Bíblico e o Tema do Ano 2027

Iniciamos a exposição sobre o Tema do Ano 2027 com o Lema Bíblico escolhido. Mateus 18.20 é palavra bíblica conhecida e muito utilizada na exposição de temas eclesiológicos. Mais: ela define nossa compreensão de Igreja!

O capítulo 18 de Mateus é conhecido como o "discurso da comunidade" – aqui Jesus utiliza duas vezes a palavra "igreja/comunidade" (+Mateus 16.18 – Pedro) no contexto de um novo padrão de relacionamentos da comunidade discípula. Ela já vive a realidade do Reino de Deus, o que impacta sua vida e a diferencia da sociedade circundante.

• **Grande é o pequeno e prioridade absoluta é a ovelhinha que se perdeu (vv. 11-14)!**

Assim, as regras que regem o processo de resolução de conflitos na Comunidade (vv. 15-18) são pautadas pela misericórdia e pelo perdão – e não pela exclusão sumária e humilhante. A intenção é que a Graça prevaleça, mantendo todas as pessoas na comunhão.

Nesse contexto, o que é dito sobre a Comunidade é impressionante e se diferencia de qualquer outra associação humana: o que é decidido também tem validade no céu! De onde vem tal poder e autoridade? Os versículos 19 e 20 respondem, numa argumentação crescente.

> ***V. 19:*** *"Em verdade também lhes digo que, se dois de vocês, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que vierem a pedir, isso lhes será concedido por meu Pai, que está nos céus."*

A validade celeste da decisão da Comunidade está fundamentada no relacionamento com Deus, expresso na atitude de trazer o assunto a Ele em oração. A Ele pertencem o ouvir e o atender. O tamanho da Comunidade ou a quantidade de pessoas não são critérios para a resposta de Deus, pois já duas pessoas – o número mínimo para constituir uma comunhão –, são suficientes, desde que concordantes acerca do pedido comum. O pedido que tem a promessa de ser atendido tem como objetivo o bem de toda a Comunidade. Para pedidos egoístas, a promessa não vale.

> ***V. 20:*** *"Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles."*

A promessa do atendimento, a autoridade e o poder desta comunhão estão fundamentados na presença de Jesus no meio das pessoas reunidas em seu nome. Em Jesus, Deus está presente na Comunidade, atualizando a *shekiná*, a morada de Deus no meio do povo. Aqui é importante lembrar que o Evangelho de Mateus está emoldurado pela cristologia do Emanuel – Mateus 1.23 e Mateus 28.20: aquele que nasceu da virgem foi chamado Emanuel e prometeu estar com a sua Comunidade até o fim

dos tempos! Nesta cristologia, a simultaneidade entre o Jesus terreno e o Cristo exaltado é fluida, preparando e antecipando os dogmas cristológicos e trinitários da Igreja antiga.

Enquanto a promessa do v. 19 se referia a uma situação comunitária concreta na qual duas pessoas se unem em oração, aqui a promessa vale para a vida da Igreja de forma abrangente. Quando duas ou três pessoas se reúnem em nome de Jesus, Ele está presente. O pequeno número acentua a grandeza da promessa. Tamanho e importância não são critérios para sua presença, mas apenas sua própria decisão, sempre atualizada pela invocação "em seu nome". Essa presença transforma uma reunião terrena, de pessoas comuns, em igreja, espaço de salvação em meio ao mundo, templo.

Para citações bíblicas em documentos oficiais, a IECLB utiliza a Nova Almeida Atualizada (NAA), da Sociedade Bíblica do Brasil. No lema do Tema do Ano 2027 (Mateus 18.20), a expressão "dois ou três" pode ser percebida como masculina genérica. Por isso, recomenda-se, sempre que possível, a formulação "duas ou três pessoas estiverem reunidas em meu nome". Essa expressão preserva o sentido da mensagem bíblica e comunica de forma mais clara e acolhedora a abrangência dessa promessa de Jesus, reafirmando que a sua presença é promessa para todas as pessoas que se reúnem em seu nome.

O verbo *"reunir" (synago/congregare)* leva imediatamente a associações com o Culto. Antes de nos aprofundarmos neste aspecto, é importante ressaltar que a presença do Emanuel e a invocação de seu nome também ocorrem em muitos outros momentos da vida comunitária e da vida pessoal. Há muito mais Culto na vida do que nos damos conta. Estamos constantemente envolvidas e envolvidos pela presença do Emanuel.

A Igreja nasce do Culto

Importante também é registrar que Mateus 18.20 é determinante para a definição do que é Igreja nos Escritos Confessionais. Assim, a Confissão de Augsburgo, Art. VII, afirma: igreja é a *"congregação (synago/congregare) de todos os crentes, entre os quais o evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com o evangelho"*. Igreja é definida a partir do Culto. Nele, pessoas se reúnem – ou melhor, são reunidas –, cativadas à fé pelo anúncio do Evangelho e assim transformadas em Igreja pelo Cristo vivo presente na prédica e nos Sacramentos. Lutero expressa isto da seguinte forma:

- "Pois a igreja é criatura do Evangelho... isso porque somos nascidos de Deus e carregados por sua palavra poderosa" (Comentário de Lutero sobre suas teses debatidas em Leipzig, OS I, p. 378).
- "A igreja nasce da palavra da promessa, por meio da fé, e pela mesma é alimentada e conservada" (Cativeiro Babilônico da Igreja, OS II, p. 410-411).

Para Lutero, o Culto é o lugar institucional pelo qual é possível reconhecer a existência da verdadeira Igreja:

- "Em que sinal, portanto, posso reconhecer a igreja? Pois é necessário que nos seja dado um sinal visível pelo qual sejamos congregados num só lugar para ouvir a palavra de Deus. Resposta: o sinal é necessário e nós também o temos, a saber, o batismo, o pão e sobretudo o evangelho... Pois onde encontras o batismo, o pão e o evangelho, seja onde for e entre quaisquer pessoas que sejam, não duvides que ali está a igreja" (Resposta a Ambrósio Catarino, OS v. 3, p. 32).

O centro gravitacional da vida comunitária luterana é o Culto. Tudo parte dele e gravita em torno dele.

A dinâmica do Culto

Determinante para a compreensão do Culto e sua Liturgia é como Lutero descreve sua dinâmica interna. No Culto de dedicação da capela do castelo de Torgau, a primeira igreja evangélica construída após a Reforma, em 5 de outubro de 1544, ele descreveu a estrutura e o propósito do Culto evangélico:

> *"Que esta casa seja consagrada de tal forma que nela somente haja lugar para Cristo nosso Senhor falar a nós através de sua santa palavra e nós falarmos com ele através da oração e do louvor"* (WA 49, 588).

Culto é um evento comunicativo, marcado pelo responsório e pela ressonância entre a fala de Deus que nos interpela e nossa resposta de fé. É uma dinâmica com elementos que vêm de direções distintas e que não devem ser confundidos:

- "...não se devem confundir as duas coisas: a missa e a oração, o sacramento e a obra, o testamento e o sacrifício, visto que o primeiro vem de Deus a nós pelo ministro sacerdote e exige fé, enquanto o outro provém de nossa fé e se dirige a Deus mediante o sacerdote e quer ser ouvido. *Aquele desce, este sobe"* (Cativeiro Babilônico da Igreja, OS II, p. 375).

A "santa palavra" desce, nos encontra e revela o que Deus tem a nos dizer. Na fé, esta palavra se torna existencial e verdadeira em nós/para nós, e desta forma nos transforma. O que vem "de fora", "de cima", nos toca, nos preenche, nos renova, nos vitaliza internamente, assim como o ar que respiramos. Desta forma, o mistério de Deus que inspiramos, expiramos e expressamos nas orações, no louvor, na confissão de fé, no silêncio meditativo sobe novamente para Ele.

Descer – subir. Uma tensão que não pode ser dissolvida. Fazê-lo equivaleria à ilusão de termos Deus sob controle, de podermos manipulá-lo, de podermos "puxá-lo para baixo". A Teologia luterana sabe que Deus é soberano e é Ele quem decide como e onde sua palavra irá nos tocar e quais efeitos provocar (CAV).

Assim, a Liturgia luterana é a dramatização da história da salvação. É rememoração, *anamnese* dos feitos de Deus. Em seus passos, ela celebra o agir de Deus na história e, ao rememorar, atualiza sua ação em favor do mundo. Liturgia luterana também é um espaço de espera, de expectativa, de oração, de *epiclese* que pede que o Espírito de Deus se mostre, se revele e aja entre nós. A arte litúrgica que organiza a celebração é arte humana, teológica, que aguarda com expectativa a manifestação divina. Ela conduz o povo fiel à experiência com o sagrado, à vivência da fé, sendo, desta forma, essencialmente mistagógica.

O dito acima sobre o Culto e a Liturgia encontrou expressão no formato da missa, abordado por Lutero especialmente no escrito "Missa Alemã"[1], de 1526 (Jubileu de 500 anos!). Assim como em sua espiritualidade, Lutero se manteve no fluxo da tradição e promoveu ajustes principalmente nos dois centros do Culto: prédica e Santa Ceia. Ambos foram submetidos à Teologia reformatória e redimensionados: voltaram a ser compreendidos como dádivas que descem do céu como dádivas divinas.

Trago agora exemplos da Liturgia de entrada que mostram como esse "descer" e "subir" moldam os passos litúrgicos.

O voto inicial *"em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo"* expressa que Deus desce e abre um espaço onde Ele está presente, em comunhão com a sua Comunidade. *"Eu, o Deus trino, estou no meio de vocês, com a minha palavra,*

[1]LUTERO, Martinho. Missa alemã e ordem do culto (1526). In: LUTERO, Martinho. Obras Selecionadas: volume 7: Igreja e Culto. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 211-235.



com a minha bênção". O voto trinitário não é uma formulação que um ser humano pudesse afiançar. Deus proclama estar entre nós, transformando-nos em sua Comunidade. Na verdade, o voto anuncia que o céu está aberto neste momento de Culto. Tudo o que segue na Liturgia acontece na força do Deus Triúno, que, em sua generosidade, cria, salva e vivifica. Nos movemos num espaço sagrado aberto pelo próprio Deus. O voto também nos lembra do Batismo, quando nos tornamos suas filhas e filhos e fomos inseridas e inseridos na Comunidade. O voto trinitário, pois, sempre é memória batismal.

O próximo passo litúrgico sobe – apresenta a Deus a nossa miséria e pecado. "*Kyrie eleison*"! É um misto de confissão de fé e súplica por misericórdia. É a oração do coração que concentra tudo o que queremos fazer subir a Deus. Antes de tudo, é um pedido por misericórdia, porque, na presença do Deus vivo, a Comunidade se percebe desnuda em seus pecados e necessidades (Isaías 6.5). A Ele também trazemos a miséria do mundo, os indizíveis sofrimentos das pessoas, de toda a Criação, na esperança de que o Senhor da história intervenha poderosamente para que sua vontade e a justiça de seu Reino prevaleçam. Ao dirigir-se a Cristo como "Senhor", a Comunidade também confessa sua fé no Senhor da história, uma confissão com conotação política que, desde o início, significou risco para a existência pessoal e comunitária.

Após o *Kyrie*, a Comunidade reunida é envolvida pelo canto dos anjos: seres celestiais cantam, louvam, exaltam, adoram. Somos transportadas e transportados para a noite santa de Natal, rodeadas e rodeados por pastores e por "uma multidão do exército celestial", em ressonância com outras esferas espirituais, ao entoarmos em conjunto o *Glória in excelsis*. O canto celeste, angelical, desce, nos envolve e se transforma em prece e louvor, porque Deus nos traz a paz, seu *shalom*. O Glória provém do cristianismo oriental, cantado ao amanhecer, quando a claridade do novo dia vence a escuridão da noite.

O fluir da Liturgia permite à Comunidade sempre novas percepções. A oração do dia é a transição entre a Liturgia de entrada e a Liturgia da palavra. O antigo nome latino deste elemento é oração da coleta, que vem de *colligere*, reunir, congregar. "Coletados" e reunidos em oração são todas as orações pessoais, todos sentimentos e emoções trazidas, todas as expectativas, esperanças e perguntas que movem as pessoas, um momento de densa comunhão.

Nos passos litúrgicos que seguem – especialmente nos dois centros do Culto: Palavra e Santa Ceia – até a bênção final, a dinâmica se mantém: Deus faz sua Graça e salvação descer até nós e nós fazemos nosso louvor e nossas súplicas subirem a Ele. Assim, o Culto é celebração do seu amor e através dele estamos inseridas e inseridos na história da salvação.

O presente caderno de estudos

O presente caderno de estudos está organizado como um amplo conjunto de reflexões, subsídios litúrgicos e propostas práticas destinadas a Comunidades, Paróquias, Sínodos e instituições. O material busca aprofundar a compreensão da relação entre Culto, fé cristã, comunhão e Missão, destacando que celebrar o amor de Deus significa viver concretamente a presença de Cristo na Comunidade e no serviço às pessoas.

A primeira seção do caderno inicia com a saudação da Pa. Sílvia Beatrice Genz, seguida pelo texto-base do Tema do Ano. Seguem a interpretação da arte do cartaz, elaborada pelo P. Marcelo Peter e pela professora Jéssica Peter, e uma proposta metodológica desenvolvida pela Cat. Maria Dirlane Witt para o



trabalho com crianças, jovens e pessoas adultas. Depois, encontramos uma Liturgia preparada pela Pa. Ma. Ana Isa dos Reis Costella e a Música Tema do Ano composta pelo musicista Me. Odilon Duffeck. Na sequência, o P. Sidney Retz aborda a relação entre Culto e Missão na perspectiva da Campanha Vai e Vem, enfatizando que celebrar o amor de Deus significa viver a presença de Cristo na Comunidade e traduzir a fé em cuidado, unidade, testemunho e serviço às pessoas.

A segunda seção reúne os fundamentos bíblicos e teológicos do Culto cristão. Em "O Culto na Bíblia", o Prof. Dr. Roger Marcel Wanke demonstra que o Culto é uma resposta à ação graciosa de Deus e possui seu centro em Jesus Cristo. A partir das Escrituras, o autor mostra que a adoração acompanha toda a história da salvação e se manifesta tanto na celebração comunitária quanto na vida cotidiana de fé e serviço. Já o Prof. Dr. Júlio Cézar Adam, em "A Reforma do Culto e o Culto da Reforma", apresenta a compreensão de Martim Lutero de que o Culto é, antes de tudo, iniciativa de Deus, que encontra sua Comunidade por meio da Palavra e dos Sacramentos. O autor destaca que a Reforma valorizou a centralidade do Evangelho, a participação da Comunidade e a liberdade litúrgica, compreendendo o Culto como fortalecimento da fé e envio para a Missão no mundo.

A terceira seção dedica-se a assuntos constitutivos da vida litúrgica. A Cat. Dra. Erli Mansk apresenta o significado do ano litúrgico, destacando como os tempos de Advento, Natal, Quaresma, Páscoa e Pentecostes conduzem a Comunidade pelo mistério da vida, morte e ressurreição de Cristo. Uma proposta metodológica elaborada pela Cat. Maria Dirlane Witt para o trabalho com crianças, jovens e pessoas adultas aprofunda a compreensão do ano litúrgico. O P. Dr. Romeu Ruben Martini reflete sobre a Liturgia do Culto como encontro e diálogo entre Deus e a Comunidade, organizada em torno dos momentos de Entrada, Palavra, Ceia do Senhor e Saída. O Cat. Dr. Louis Marcelo Illenseer e a musicista Ma. Daniela Weingärtner ressaltam a importância da música na tradição luterana, compreendendo-a como forma privilegiada de proclamar o Evangelho e fortalecer a comunhão da Comunidade. Complementando essa seção, o P. Dr. Éder Beling apresenta o espaço litúrgico como elemento integrante da celebração, destacando a importância da acessibilidade, da acolhida e da centralidade de Cristo na organização dos ambientes de Culto.

Na quarta seção, o caderno amplia a reflexão para diferentes perspectivas contemporâneas da celebração cristã. A Pa. Ma. Sandra Kamien Tehzy aborda os desafios do Culto na metrópole, enquanto a Mus. Dra. Soraya Heinrich Eberle reflete sobre a relação entre espiritualidade e Culto. O P. Dr. João Henrique Stumpf, no texto "Culto e diaconia", destaca a inseparável relação entre celebração e serviço, afirmando que a fé se concretiza na solidariedade, na acolhida e no compromisso com a dignidade humana. O P. Dr. Emílio Voigt trata das possibilidades e desafios do Culto na era digital, e o P. Dr. Eloir Enio Weber apresenta a importância das celebrações na Rede Sinodal de Educação como espaços de espiritualidade, diálogo, acolhimento e formação integral.

A quinta seção possui caráter eminentemente prático e começa com a reflexão sobre equipes litúrgicas elaborada pelo P. Me. Carlos Romeu Dege e pela Pa. Ma. Tânia Cristina Weimer, que ressaltam a importância da participação comunitária e do sacerdócio geral das pessoas cristãs. Em seguida, a Pa. Ma. Ana Isa dos Reis Costella apresenta o Culto de Tomé como uma celebração acolhedora para pessoas que vivem dúvidas, buscas e experiências diversas de fé. Os Pastores William Bretzke, Daniel Port e Rafael Coelho descrevem a experiência do Culto contemporâneo como instrumento missionário capaz de comunicar o Evangelho de forma acessível e contextualizada, sem perder sua identidade luterana. A Pa. Vera Maria Immich reflete sobre Cultos com pessoas enlutadas e a importância da pastoral da consolação. O Diac. Me. Vanderlei Boldt apresenta subsídios para celebrações com pessoas enfermas, destacando a presença, a escuta e a oração como expressões concretas da Graça de Deus. A Pa. Vera



Lúcia Engelhardt trata dos Cultos realizados com pequeno número de participantes, enfatizando que o valor da celebração não depende da quantidade de pessoas presentes, mas da promessa da presença de Cristo. Esta seção é concluída pela reflexão da Pa. Vera Regina Waskow e da Cat. Pa. Daniela Hack sobre Cultos familiares e intergeracionais.

Por fim, a sexta seção traz a tradicional contribuição da Rede Sinodal de Educação, oferecendo reflexões e materiais voltados à Educação Infantil, ao Ensino Médio, às meditações e às celebrações comunitárias.

Em seu conjunto, o caderno articula fundamentos bíblicos, teológicos, litúrgicos e pastorais para afirmar que o Culto cristão é lugar de encontro com Deus, fortalecimento da fé, construção da comunhão e motivação para a Missão. Este caderno é fruto de uma construção coletiva, realizada em mutirão. Agradecemos, de coração, a todas as autoras e a todos os autores que se envolveram nessa caminhada e contribuíram para sua realização.

Expressamos nossa gratidão especial às colegas e aos colegas da Sede da IECLB, cuja colaboração foi fundamental: à Pa. Ana Isa dos Reis Costella, pela contribuição na concepção da estrutura deste caderno; ao musicista Wagner Petry Moraes, pela dedicação e liderança na área da música; e à comunicadora Gabriela Giese, pela condução do processo de elaboração da arte, em parceria com a designer Suzana Witt, autora da arte que dá identidade visual a este material.

Que este material contribua para que a IECLB valorize cada vez mais o privilégio de reunir-se em nome de Cristo e, na celebração, experimente e testemunhe a força transformadora do amor de Deus.

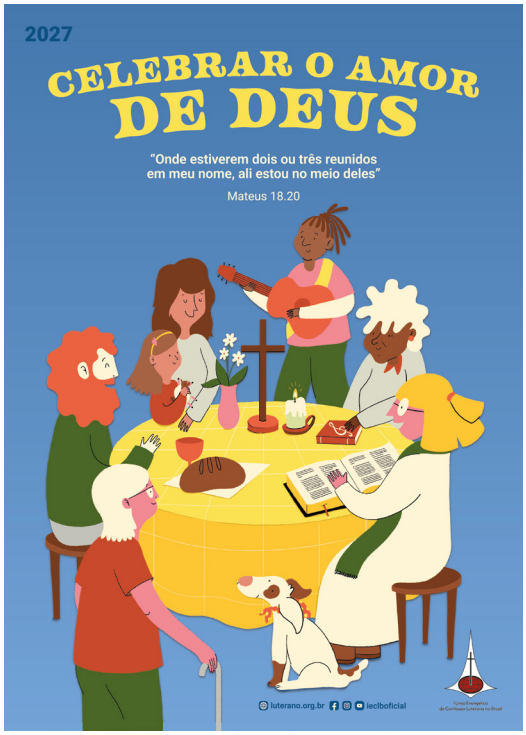
P. Dr. Paulo Afonso Butzke
Núcleo de Produção e Assessoria



A ARTE DO CARTAZ DO TEMA DO ANO 2027

Pastor Marcelo Peter
Pedagoga Jéssica Peter

Há mais de cinco décadas, a IECLB convida as Comunidades e Paróquias para caminharem juntas em reflexão bíblica com o Tema do Ano. Para incentivar essa caminhada, entre os muitos recursos e subsídios de estudo, está o cartaz, sempre colocado à nossa disposição. Através deste material, a IECLB nos impulsiona a visualizar e traduzir o tema em imagens.



O cartaz do Tema do Ano 2027 é um convite para a celebração da vida de Culto nos mais distintos espaços comunitários. No topo, com letras grandes, está escrito CELEBRAR O AMOR DE DEUS. Logo abaixo, vemos o lema que conduz a arte. São palavras de Jesus que incentivam o encontro, a celebração, a vivência da fé comunitária: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mateus 18.20).

Os demais elementos que estão presentes podem ser entendidos como uma representação visual e simbólica das palavras de Jesus em Mateus 18.20. Nessa perspectiva, é importante ressaltar que o Culto da Comunidade é, por excelência, um espaço de encontro, onde Deus nos reúne, alimenta, consola, cuida, fortalece e renova.

O item que ocupa a maior parte da arte é a mesa. Ela é redonda. Indica visualmente que, ao redor dela, todas as pessoas têm lugar. Essa mesa, simples e aconchegante, com uma toalha amarela vibrante, automaticamente nos remete à ideia de uma refeição. É natural pensarmos na Santa Ceia, na qual Cristo está verdadeiramente presente e se dá à Comunidade. Nessa mesa, encontramos elementos que nos lembram da sacralidade da vida celebrativa: pão, cálice, Bíblia, vela, Livro de Canto, cruz e flores.

Sobre a mesa, nota-se que a cruz é um elemento central. Na verdade, observando a composição geral do cartaz, percebemos que essa cruz é o epicentro de toda a arte. Nem precisamos medir; é esteticamente perceptível. De imediato, compreendemos que o encontro celebrativo das pessoas cristãs sempre deve ter a cruz e o Cristo como centro, pois celebramos o amor de Deus, que nos deu seu Filho para a nossa salvação.

As pessoas que se reúnem ao redor da mesa são todas diferentes, tanto em idade quanto em características. E todas elas, sem distinção, encontram lugar à mesa para celebrar. O que une e reúne essas diferentes pessoas é a fé em Cristo.



É interessante observar que a Bíblia sobre a mesa está aberta, tal qual as Bíblias que usamos em nossos espaços de celebração comunitária. A Bíblia aberta nos sugere que é por meio da leitura, da escuta e do estudo da Palavra de Deus que se gera em nós o sentido de pertencimento a esta comunidade de fé. Ao lado da Bíblia, estão o cálice e o pão, reforçando que Palavra e Sacramentos são eixos fundamentais para celebrar o amor de Deus.

A vela acesa remete à presença de Deus junto à Comunidade reunida; as flores nos lembram que celebrar o amor de Deus também significa cuidar da Criação, isto é, da vida por inteiro.

A música é parte essencial na composição do cartaz. Uma das pessoas está tocando um instrumento de cordas, enquanto o Livro de Canto sobre a mesa convida todas as pessoas a acompanhar cantando. A música é esse elemento que gera comunhão e envolvimento entre as pessoas que, amorosamente, são reunidas e assim celebram.

Um elemento muito singelo que aparece sentado junto à mesa é um cãozinho. Trata-se do Paçoca, personagem da revista *O Amigo das Crianças*, publicação que comemora 90 anos de história. A presença do Paçoca não é apenas lúdica. A presença de um animal de estimação na arte instintivamente nos remete à compreensão de que esta Comunidade é familiar, acolhedora, aconchegante e próxima da vida diária das pessoas.

O cartaz do Tema do Ano de 2027 tem, com toda certeza, uma infinidade de possibilidades interpretativas. É possível encontrar, nesta rica, simples e singela arte, diferentes formas de refletir com as pessoas acerca da vida celebrativa em Comunidade. Esta é apenas uma das possíveis leituras do cartaz. Com este impulso, queremos estimular outras formas de interpretá-lo. Que possamos, em conjunto, reunidas e reunidos em fé e esperança, CELEBRAR O AMOR DE DEUS!

Acesse aqui para ver a metodologia do cartaz.
Ou utilize o QR-Code ao lado para acessar.



LITURGIA DO TEMA DO ANO 2027 - IECLB

Tema do Ano: Celebrar o amor de Deus
Lema Bíblico: "Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mateus 18.20)

Pa. Ma. Ana Isa dos Reis Costella

Um símbolo para o ano inteiro:

É no Culto que o amor de Deus pode ser provado de forma intensa, profunda e significativa.

O teólogo e liturgista J. J. von Allmen usa a metáfora do coração para comparar a relação entre o Culto e a vida. Assim como o coração, por meio do movimento da sístole e da diástole, recebe e distribui, compassada e ritmicamente, o sangue para todo o corpo, garantindo vida e fornecendo-nos energia, também o Culto congrega as pessoas em comunidade, nos fortalece e anima para uma vida com sentido e nos envia para agir com amor no mundo e na sociedade. O Culto é uma questão central da vida.

Sugere-se o **coração com a cruz de Cristo no centro** como símbolo que nos acompanhará ao longo deste ano, permanecendo junto à pia batismal. Sugerem-se também **pequenos corações** a serem entregues às pessoas ou famílias.

➔ **Para a confecção do coração com a cruz de Cristo**, que permanece no espaço litúrgico durante a vigência do TA 2027, sugere-se:

- um coração em tamanho grande;
- no centro desse coração, a cruz de Cristo;
- que o coração e a cruz sejam confeccionados em material que favoreça sua utilização ao longo do ano (exemplo: madeira, MDF, feltro, tecido, vime, isopor com laminação, fibra de vidro, metal etc.). Dependendo do material, podem ser confeccionados em formato 3D, com ou sem enchimento;
- que a cruz seja fixada no centro (meio) do coração;
- que o coração com a cruz de Cristo seja mantido em destaque junto à pia batismal, em suporte próprio, pedestal, painel ou outro recurso que o mantenha visível à Comunidade ao longo de todo o ano;
- quanto às cores: o coração em cor vermelha (simboliza o amor, o sacrifício de Cristo e a ação do Espírito Santo) e a cruz em cor branca ou dourada (cores relacionadas a Jesus, associadas ao absoluto, ao começo e ao fim; significam luz, pureza e perfeição).

➔ **Para a confecção dos pequenos corações:**

- podem ser confeccionados em diferentes materiais, como MDF, madeira, feltro (com ou sem enchimento), tecido (com enchimento), crochê (com ou sem enchimento), EVA, papel cartão ou outros recursos disponíveis na Comunidade – para a confecção dos corações, é possível envolver os grupos e demais pessoas da Comunidade;
- podem variar em tamanho, cor e acabamento – essa diversidade recorda que o amor de Deus acolhe e reúne pessoas de todas as idades, etnias, gêneros e realidades, formando uma só Comunidade em Cristo;
- recomenda-se que os pequenos corações possuam um cordão, fita ou outro recurso semelhante para que possam ser pendurados e levados para casa como sinal do amor de Deus que nos reúne e acompanha;
- sempre que possível, recomenda-se que o Tema e o Lema do Ano integrem o símbolo, podendo ser inscritos no coração ou apresentados em *tags*, fitas, cartões ou outros elementos que o acompanhem.



A Liturgia do Tema do Ano 2027 sugere que:

- o grande coração com a cruz de Cristo esteja junto à pia batismal e nele já estejam pendurados alguns corações pequenos;
- no Voto Inicial da Liturgia de Entrada, sejam pendurados de quatro a oito corações pequenos que representam crianças, pessoas jovens, pessoas adultas e pessoas idosas, bem como os diversos lugares dos quais Deus reúne seu povo: do norte, do sul, do leste e do oeste;
- na confecção do grande coração com a cruz de Cristo, sejam previstos pontos de fixação que permitam a colocação e a retirada dos pequenos corações ao longo do ano, por meio de furos, ganchos, argolas, fitas ou outros recursos compatíveis com o material utilizado;
- os corações pequenos que serão entregues às pessoas na Liturgia de Despedida estejam dispostos em cestos ou outro recipiente, junto ao grande coração com a cruz de Cristo e à pia batismal.

Para os Cultos durante o ano de 2027, sugere-se que:

- o grande coração com a cruz de Cristo permaneça junto à pia batismal;
- os corações pequenos sejam entregues ao longo do ano, em momentos em que a Comunidade deseja tornar visível o amor de Deus e o compromisso de celebrar esse amor em comunidade. Confira algumas possibilidades:

a) na acolhida de visitantes

b) no Batismo

c) na admissão por meio da Profissão de Fé

Nós nos alegramos imensamente por receber vocês em nosso convívio e partilhar a mesma fé com vocês. Recebam este coração como sinal do amor de Deus que nos reúne e da comunhão que partilhamos em Cristo.

d) em oração memorial

Em meio à saudade e à dor, Deus nos envolve em seu amor. Recebam este coração como sinal da presença do Deus Consolador, que caminha junto e sustenta vocês na esperança e na força da ressurreição.

e) em visitas pastorais

Sua Comunidade se lembra de você e compartilha este coração como sinal do amor de Deus que permanece presente em todos os momentos da vida.

f) em celebrações de jornadas ou passagens da vida

Receba este coração como sinal do amor de Deus, presente em todos os tempos, também nesta etapa de sua vida.

Os símbolos sugeridos se tornam sinais visíveis da presença amorosa de Deus na vida da Comunidade.

Junto à pia batismal, permanece o grande coração, símbolo do amor de Deus. Em seu centro está a cruz de Cristo, por meio de quem conhecemos esse amor. Pelo Batismo, Deus nos acolhe e nos reúne como comunidade de fé. O coração permanece visível ao longo do ano, recordando que Cristo continua presente onde as pessoas se reúnem em seu nome. Dele partem pequenos corações, entregues em momentos de acolhida, consolo, celebração e envio, como sinal do amor de Deus que acompanha sua Igreja e cada pessoa em sua caminhada. Um convite e um chamado para celebrar o amor de Deus ao longo da vida.





Preparação do Culto

Pia/fonte batismal: sugere-se que seja decorada com flores e ramos verdes ou coloridos. Quando possível, ela deve estar em destaque, colocada à entrada do templo/espaço litúrgico. A pia batismal poderá estar previamente preparada, provida de água. Junto à pia batismal, sugere-se que sejam colocados o grande coração com a cruz de Cristo e os corações pequenos.

Símbolos: providencie o grande coração com a cruz de Cristo e os corações pequenos. Verifique as sugestões acima descritas.

Consideração 1: a proposta litúrgica prevê a celebração da Ceia do Senhor. Caso ela não seja celebrada, incluir o Pai Nosso no final da Oração geral da Igreja e seguir para a Liturgia de Despedida.

Consideração 2: na Liturgia da Palavra, indicamos como Evangelho o texto de Mateus 18.20, Lema do Ano, com a possibilidade de ampliar a leitura para a perícope de Mateus 18.18-20. Também é possível incluir outros textos bíblicos, a exemplo do Salmo 84 ou de outro salmo de louvor, bem como textos bíblicos apresentados no Caderno de Estudos do Tema do Ano.

Consideração 3: as anotações em cor laranja são informações ou rubricas destinadas a orientar o bom andamento do Culto e não devem ser lidas.

Consideração 4: a pessoa oficiante (liturga/liturgo), representada pela letra L., pode ser a Ministra, o Ministro ou alguém da Equipe de Liturgia, de um grupo ou de grupos da Comunidade.

Consideração 5: a música do Tema do Ano estará disponível no Portal Luterano, na página do Tema e Lema do Ano 2027.



LITURGIA DE ENTRADA

Sino
Prelúdio
Acolhida

L. Deus nos encontra e reúne. A cada Culto, nós celebramos o amor de Deus.

Bem-vinda, irmã! Bem-vindo, irmão!

O Tema deste ano da IECLB nos convida a celebrar o amor de Deus.

É no Culto que o amor de Deus pode ser provado de forma intensa, profunda e significativa. Esse Deus de amor nos conhece profundamente. Nós nos reunimos aqui, em Culto, trazendo nossas alegrias e também tristezas, sonhos e medos, esperanças e preocupações, perguntas e dúvidas, e Deus nos acolhe assim como somos e como estamos. Em sua presença, encontramos consolo e orientação, renovamos as forças, reacendemos a esperança e recebemos novo ânimo para viver com fé, amor e sentido.

Celebremos juntas e juntos o amor de Deus, que nos reúne, alimenta, fortalece e envia.

(Demais assuntos pertinentes à Comunidade local podem ser incluídos neste momento da Acolhida.)

Hino

(De pé)

Voto inicial

L. Por amor, Deus vem ao nosso encontro. Ele promete: "Onde duas ou três pessoas estiverem reunidas em meu nome, ali estou no meio delas". Com essa confiança, celebramos na presença do Deus Trino, que está no meio de nós.

C. **Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.**

(A pessoa liturga se dirige à pia batismal, junto da qual estão o grande coração e os pequenos corações.)

L. No Batismo, provamos o amor incondicional de Deus, que nos acolhe como suas filhas e seus filhos. Por amor, Deus nos reúne como comunidade de fé: pessoas de diferentes gerações, gêneros, raças e etnias, histórias e lugares.

(Pessoas de diferentes idades e/ou grupos da Comunidade, cada uma com um pequeno coração nas mãos, se dirigem até o grande coração e prendem nele os pequenos corações, cuidando para não os fixar sobre a cruz de Cristo que está no meio do coração.)

L. Como sua Comunidade, celebramos o amor de Deus.



Confissão de pecados

L. Estamos na presença do Triúno Deus. À luz do seu amor, reconheçamos nossas faltas, nossas omissões e tudo aquilo que fere a comunhão com Ele, com as pessoas e com a Criação. Confessemos os nossos pecados:

Deus de amor, estamos reunidas e reunidos em nome de Jesus Cristo. Somos tua Comunidade. Diante de tua presença, reconhecemos que nem sempre valorizamos a comunhão que nos ofereces. Com facilidade, nos afastamos de ti e das outras pessoas e deixamos de reconhecer a importância do Culto em nossa vida pessoal e comunitária.

Quando há conflitos, nem sempre sabemos buscar caminhos que promovam o perdão, a paz e a reconciliação. Reúne-nos sempre de novo junto a ti, Deus de misericórdia, e faze de nós uma Comunidade que celebra teu amor, que acolhe, cuida, reconcilia e busca o bem comum. Por Jesus Cristo, rogamos:

C. ♪ **Perdão, Senhor, perdão – LCI 35**

Absolvição

L. "Por amor, Deus nos acolhe e aceita em nossa culpa e fragilidade" (*). Seu perdão nos restaura, nos transforma e nos permite viver a vida renovada que Ele nos oferece. Alegremo-nos, pois os nossos pecados são perdoados. Isto anuncio a vocês em nome do Trino Deus (+). Amém.

Gesto da paz

L. Por amor, Deus nos perdoa e nos reconcilia. Somos Comunidade reunida em nome de Jesus, o Príncipe da Paz, que partilha conosco a sua paz. A paz de Cristo nos orienta a viver em comunidade e no mundo: uma paz ativa, que restaura, cura, reconcilia e promove justiça. Como sinal da paz que Cristo nos oferece e que nos chama a compartilhar, saudemo-nos mutuamente com um aperto de mão, um abraço ou um olhar carinhoso, desejando: "A paz de Cristo esteja com você!"

Oração do dia

L. Oremos: Deus de amor, agradecemos porque nos reúnes em tua presença. Tu tomas a iniciativa e vens ao nosso encontro. Aqui, estamos para celebrar o teu amor. Conforme tua promessa, permanece entre nós. Fala através de tua Palavra, fortalece nossa comunhão e alimenta-nos com teu amor. Ensina-nos a reconhecer a importância do Culto para nossa vida pessoal e comunitária, pois é nele que nossa fé é alimentada, nossa esperança renovada e nossa comunhão fortalecida. Por Jesus Cristo, em nome de quem nos reunimos, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo hoje e sempre. Amém.

(Sentar)





LITURGIA DA PALAVRA

(Costura) **L.** "Por amor, Deus nos orienta pela sua Palavra, fazendo-nos compreender sua vontade para nossa vida." (*)

Hino

Leituras bíblicas (Confira a Consideração 2 que consta na Preparação do Culto.)

Prédica (Leia os subsídios no *Caderno de Estudos do Tema do Ano 2027*.)

Confissão de fé

Hino: Música Tema do Ano 2027 - Celebrar o amor de Deus

Oração geral da Igreja

LITURGIA DA CEIA DO SENHOR

Preparo da mesa e ofertório

L. Por amor, Deus se dá a nós na celebração da Ceia. Ele nos alimenta e nos possibilita provar o seu amor. Em gratidão a Deus, celebramos seu amor e doamos com alegria e compromisso com seu Reino.

Hino: Partilha – LCI 224

(De pé)

Oração de ofertório

L. Oremos:

L. Bendito sejas, Deus Criador, pelas ofertas recolhidas. Que sejam destinadas à promoção do teu amor, do convívio entre todas as tuas filhas e todos os teus filhos e da edificação de teu Reino. Bendito sejas, ó Deus, pelo pão e pelo fruto da videira, produtos da generosidade da terra e do trabalho humano, que aqui te trazemos e que usas para nos dar vida e salvação.

C. Amém.

Oração eucarística

L. O Senhor esteja com vocês.

C. E também com você.





L. Vamos elevar os nossos corações a Deus.

C. **Ao Senhor os elevamos.**

L. Demos graças ao Senhor, nosso Deus.

C. **Isso é digno e justo.**

L. Oremos: Sim, é digno, justo e nosso dever render graças a ti, ó Deus, em todos os tempos e lugares. Por amor, tu tomas a iniciativa, vens ao nosso encontro, abres espaço para nossa vida junto a ti e nos acolhes com ternura e misericórdia. Tu nos acompanhas com teu amor nos dias de alegria e nos tempos de aflição. Estamos aqui porque tu nos chamaste e nos reúnes como tua Comunidade. Com gratidão e alegria, juntamos nossa voz à de toda a Criação e te louvamos, cantando:

C. ♪ Santo, santo, santo – LCI 237

Santo, santo, santo, meu coração te adora. Meu coração só sabe dizer: santo és, Senhor.

L. Graças te damos, ó Deus, que vieste a nós em Jesus Cristo, teu Filho, nosso Salvador. Em Jesus, teu amor tomou forma humana e habitou entre nós. Ele acolheu as pessoas, com atenção especial às excluídas, buscou as que estavam perdidas, aproximou as pessoas umas das outras e instaurou a boa nova do teu Reino. Ele revelou que ninguém está fora do alcance do teu amor e que nada pode nos separar desse amor.

Por sua vida, morte e ressurreição, tu nos reconciliaste contigo e nos deste a promessa de vida nova. É em nome de Jesus que nos reunimos e que celebramos a Ceia, memorial do seu amor. Na noite em que foi traído, Jesus tomou o pão e, tendo dado graças, o partiu e disse: "Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim" (breve pausa). De igual modo, depois de haver ceado, Jesus tomou o cálice, rendeu graças e o deu, dizendo: "Este cálice é a nova aliança no meu sangue, dado e derramado em favor de vós; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim".

L. Vem, Espírito Santo. Conforme a promessa de Cristo, permanece entre nós quando nos reunimos em seu nome. Que, em cada Culto, encontremos acolhimento para nossa vida, consolo para nossas dores, motivos de gratidão por nossas alegrias e esperança para seguir, servindo com amor. Reúne-nos em um só corpo, fortalece os laços que nos unem e renova em nós a alegria de celebrar o amor de Deus.

L. Lembra-te, ó Deus, de todas as pessoas que nos antecederam e reúne-nos com elas na mesa do banquete do Reino prometido, por Cristo inaugurado.

C. ♪ Por Cristo, com Cristo e em Cristo – LCI 256

Por Cristo, com Cristo e em Cristo seja a ti, Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda honra e toda glória, agora e para sempre. Amém, amém, amém.





Pai-Nosso

Fração

L. O cálice, pelo qual damos graças, é a comunhão do sangue de Cristo. O pão, pelo qual damos graças, é a comunhão do corpo de Cristo.

C. **Nós, embora muitas e muitos, somos um só corpo.**

Cordeiro de Deus/Agnus Dei

L. Eis o Cordeiro de Deus.

Convite/comunhão

L. Eis que tudo está preparado. É Cristo quem nos convida e nos serve. Venham.

(Durante a comunhão, pode-se cantar ou executar uma música.)

(Sentar)

Oração pós-comunhão

L. Graças, Deus de misericórdia, pois te dás a nós na celebração da Ceia e, assim, sentimo-nos pessoas alimentadas por teu amor. Concede, em tua bondade, que essa Ceia nos fortaleça na fé em ti e na disposição de celebrar o teu amor no Culto, na família, na sociedade e no mundo. Por Jesus Cristo, nosso Salvador.

C. **Amém.**

LITURGIA DE DESPEDIDA

Avisos gerais

Entrega dos corações pequenos

L. Jesus promete: “Onde duas ou três pessoas estiverem reunidas em meu nome, ali estou no meio delas”. Neste Culto, assim como em todos os outros, celebramos a presença amorosa de Deus entre nós.

O coração maior com a cruz de Cristo permanecerá entre nós ao longo deste ano como sinal do amor de Deus e de sua presença no meio de nós. É um memorial que nos convida a celebrar o amor de Deus a cada Culto e a cada dia de nossa vida.

Esse pequeno coração quer acompanhar você. Que ele recorde a importância do Culto em nossa vida pessoal e comunitária: lugar de encontro com Deus, de comunhão entre irmãs e irmãos, de renovação da fé e de fortalecimento da esperança. Ao olhar para este coração, lembre-se: você é amada, você é amado por Deus. Ele vem a nós e nos reúne em comunidade. Receba e celebre o amor de Deus.





Entrega dos corações pequenos (confira na descrição inicial Um símbolo para o ano inteiro.)

Hino: Tema do Ano 2027 (durante a entrega dos corações pequenos)

Bênção

Que Deus, que nos reuniu em seu amor, permaneça conosco e nos sustente com sua Graça.

Que Jesus Cristo, presente em nosso meio, fortaleça nossa fé, nossa esperança e nossa comunhão.

Que o Espírito Santo conserve em nós a alegria de celebrar o amor de Deus e nos fortaleça para vivê-lo a cada dia.

O Trino Deus abençoe e guarde você e nos reúna, sempre de novo, em sua presença. (+) Amém.

Envio

L. Deus nos reuniu em Culto. Aqui, pudemos experimentar comunhão e acolhimento. Deus nos motiva a viver, no dia a dia, o que experimentamos neste encontro. A partir do Culto, nasce o envio para a Missão, o serviço e o testemunho no mundo. A "vida cristã é uma atitude constante de Culto" (**), pois seguimos a voz de Deus e dialogamos com Ele constantemente. Vamos em paz, celebremos o amor de Deus e sirvamos com gratidão e alegria.

C. Demos graças a Deus.

Poslúdio

Sino

Referências

(*) *Missão de Deus – nossa paixão:* texto-base para o PAMI 2008-2012, IECLB, p. 52 s.
(**) *Livro de Culto da IECLB*, p. 14.





MÚSICA TEMA DO TEMA DO ANO 2027

Celebrar o amor de Deus

Mus. Me. Odilon Duffek

Refrão
Porque onde duas ou três pessoas
estiverem reunidas em meu nome,
ali estou no meio delas,
celebrando o amor de Deus.

Estrofe 1
Deus enviou o seu Filho amado,
Palavra viva que faz
celebrar o amor de Deus,
a boa nova espalhar.

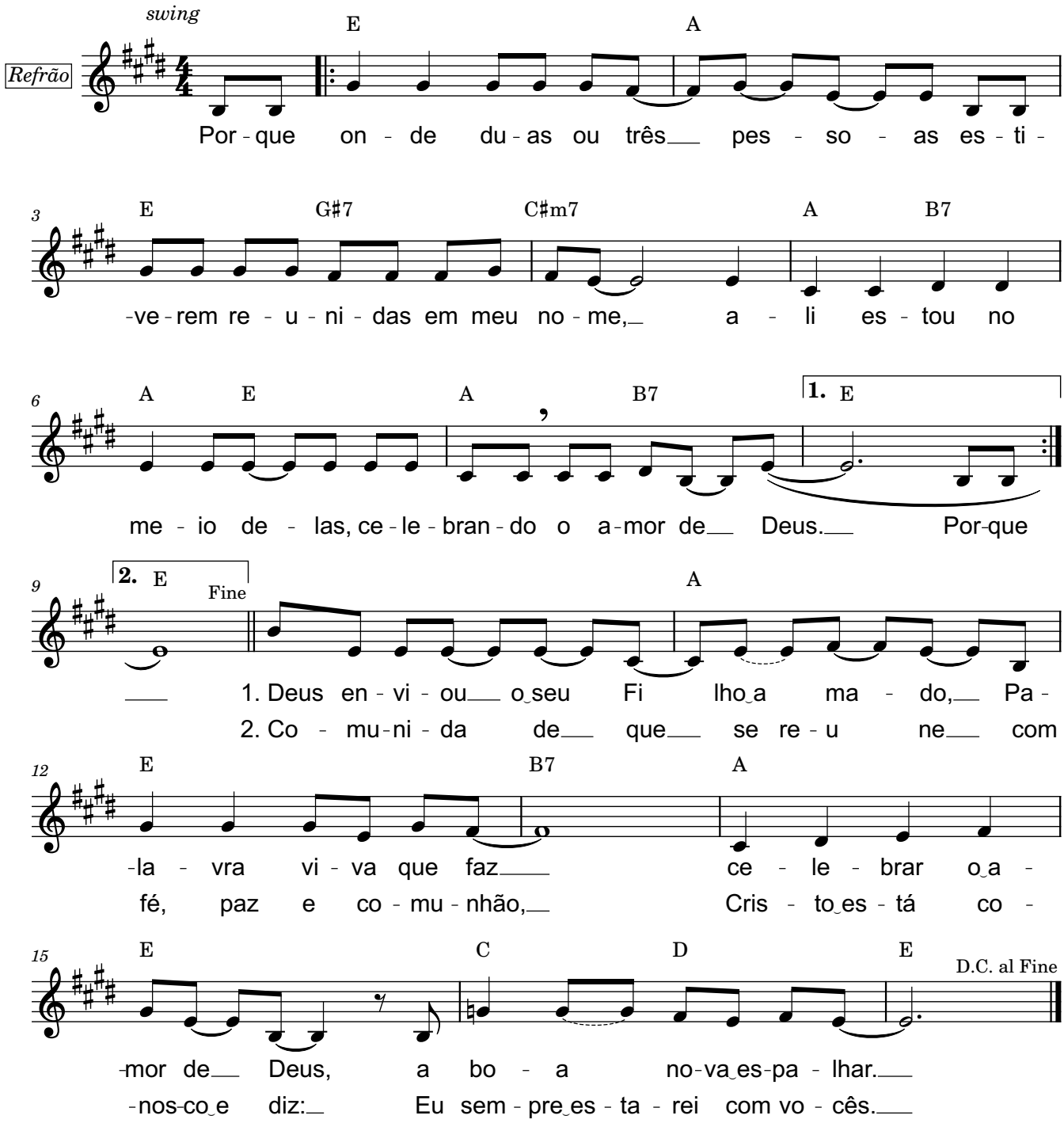
Estrofe 2
Comunidade que se reúne
com fé, paz e comunhão,
Cristo está conosco e diz:
Eu sempre estarei com vocês.



Celebrar o amor de Deus

(Tema do Ano 2027)

Compositor: Odilon Duffeck



Clique aqui para acessar a página do Tema do Ano no Portal Luterano ou utilize o *QR-Code* ao lado. Ali você encontrará os arquivos referentes à música Celebrar o amor de Deus.

A CAMPANHA VAI E VEM

Culto, Missão e Unidade no cotidiano das Comunidades

P. Sidney Retz

O Tema da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) para 2027 – "Celebrar o amor de Deus" – nos convida a olhar para a vida de nossas Comunidades e perceber como esse amor se manifesta no dia a dia. O lema de Mateus 18.20 nos lembra que a presença de Cristo não depende de grandes multidões, grandes estruturas ou grandes eventos. Ele está presente quando duas ou três pessoas se reúnem em seu nome, quando a Palavra é ouvida, quando a fé é partilhada e quando o amor se transforma em cuidado.

Celebrar o amor de Deus é um convite para redescobrirmos o coração da Igreja: uma comunidade reunida em torno de Cristo, alimentada pela Palavra, fortalecida na comunhão e enviada para servir.

A promessa de Cristo nos lembra que os encontros simples também são lugares de sua presença: um grupo de oração, uma visita, uma reunião de conselho, um encontro de jovens, uma conversa entre amigas e amigos ou um momento de oração em família.

A proposta para 2027, tendo como fio condutor *Culto, Missão e Unidade da Igreja*, nos ajuda a perceber que essas dimensões estão profundamente ligadas. Elas se completam: celebramos porque Deus nos ama; esse amor nos reúne e nos fortalece; e, fortalecidas e fortalecidos por Ele, somos enviadas e enviados para amar e servir.

1. Culto: mais que um evento, um centro de vida

No Culto, a Comunidade se reúne para ouvir a Palavra, cantar, orar, celebrar e partilhar a vida. É nesse encontro que o amor de Deus é anunciado e experimentado. O Culto não é apenas um momento da programação da Igreja, mas um encontro vivo com Cristo, presente na Palavra e nos Sacramentos.

Quando a Comunidade se reúne – mesmo que sejam apenas "dois ou três" – Deus está presente. Ele fortalece a fé, renova a esperança e nos lembra que não caminhamos sós.

Celebrar o amor de Deus no Culto significa reconhecer que somos pessoas acolhidas pela Graça, e não por eventuais méritos. Essa é uma das marcas fundamentais da confessionalidade luterana: a centralidade da Graça, da fé e da Palavra. O Culto é, assim, fonte de vida para toda a caminhada cristã.

Mas precisamos reconhecer que, às vezes, o Culto pode se transformar em rotina ou obrigação. Celebrar o amor de Deus nos desafia a recuperar o sentido do Culto como um encontro vivo, significativo e acolhedor.

Podemos nos perguntar:

- A linguagem utilizada no Culto é compreensível para quem participa?
- Há espaço para a participação da Comunidade?
- A pregação dialoga com a vida concreta das pessoas?
- A música ajuda a Comunidade a participar e celebrar ou se limita à execução?

Uma Comunidade que celebra o amor de Deus cuida do Culto com carinho e atenção. Equipes de liturgia podem ser formadas e capacitadas. Pessoas membro podem participar das leituras, orações, acolhida e de-

mais momentos da celebração. Gestos simples, como receber as pessoas na porta, lembrar quem está de aniversário ou envolver as crianças, comunicam o amor de Deus de maneira muito concreta.

O Culto não termina quando a celebração acaba. O que celebramos no domingo precisa continuar durante a semana. Uma fé ativa no amor contribui para um testemunho coerente no cuidado mútuo.

2. Cuidado mútuo: da intenção à prática

O cuidado mútuo não pode permanecer apenas como uma boa intenção. O cuidado precisa ganhar rosto, mãos, tempo e presença. Uma Comunidade que celebra o amor de Deus precisa perceber as pessoas que fazem parte dela, especialmente aquelas que estão passando por momentos de fragilidade.

Podemos perguntar:

- Sabemos quem são as pessoas que mais precisam de cuidado em nossa Comunidade?
- Existe uma equipe ou um ministério de visitação?
- Como acolhemos quem chega pela primeira vez?
- Como nos aproximamos de quem se afastou?
- Como acompanhamos famílias que atravessam momentos difíceis?

Na prática, o cuidado pode se expressar por meio de grupos ou equipes de cuidado e Diaconia; visitas regulares a pessoas enfermas e idosas; redes de apoio em situações de luto ou dificuldades financeiras; acompanhamento de famílias em momentos de crise; espaços de convivência e escuta.

Cuidar também significa saber escutar. Muitas vezes, falamos bastante, mas escutamos pouco. Criar espaços seguros para que as pessoas possam falar de suas alegrias, medos, dúvidas e sofrimentos é uma maneira profunda de celebrar o amor de Deus.

3. Confessionalidade luterana: uma identidade que orienta a vida

A confessionalidade luterana não é apenas um conjunto de doutrinas. Ela também é uma maneira de compreender, celebrar e viver a fé no dia a dia.

Uma pergunta importante para nossas Comunidades é: as pessoas compreendem o que significa ser luterana ou luterano?

Nem sempre, Infelizmente. Por isso, a formação é tão necessária. Precisamos criar oportunidades para que crianças, jovens e pessoas adultas conheçam melhor a fé cristã e a confessionalidade luterana. Isso pode acontecer por meio de cursos básicos de fé cristã; estudos sobre a identidade e a confessionalidade luterana; formação bíblica; formação contínua de lideranças.

Uma Comunidade que conhece sua identidade tem melhores condições de dialogar com o mundo sem perder aquilo que lhe é essencial.

4. Unidade da Igreja: reunidas e reunidos em Cristo, fortalecidas e fortalecidos no amor

O Lema Bíblico de Mateus 18.20 aponta para a comunhão: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome...” A Igreja é, por natureza, Comunidade.

Em um mundo marcado por divisões, polarizações e individualismo, viver a unidade é um testemunho importante. Unidade não significa que todas as pessoas pensem da mesma maneira. Unidade significa reconhecer que, apesar das diferenças, somos um só corpo em Cristo. A unidade se fortalece quando aprendemos

a dialogar, respeitar e buscar aquilo que nos une.

Vivemos um tempo em que as polarizações políticas, sociais e religiosas estão presentes nas famílias e em nossas Comunidades. Por isso, a unidade precisa ser cultivada com cuidado. Isso exige: promover uma cultura de diálogo respeitoso; evitar que diferenças políticas rompam os vínculos comunitários; lembrar aquilo que nos une: Cristo, a Palavra e a Missão; cultivar espaços de escuta e reconciliação. O que nos une é infinitamente maior do que aquilo que quer nos separar.

Os conselhos comunitários têm um papel muito importante nesse processo. Sua maneira de agir pode fortalecer ou fragilizar a unidade. Transparência, diálogo, escuta e discernimento coletivo são fundamentais.

Também precisamos cuidar da unidade entre as gerações. Muitas Comunidades percebem um distanciamento entre jovens, pessoas adultas e idosas. Criar oportunidades para que diferentes gerações convivam, celebrem e trabalhem juntas pode construir pontes e fortalecer a Comunidade.

5. Missão: sair de si para encontrar outras pessoas

A Missão nasce do Culto e da celebração. Uma Igreja que celebra o amor de Deus não pode guardar esse amor somente para si. Ela é enviada para anunciar, servir e testemunhar.

O celebrar e anunciar caminham juntos. Quando experimentamos o amor de Deus, somos convidadas e convidados a torná-lo visível no mundo: acolhendo quem sofre, cuidando das pessoas, promovendo justiça, oferecendo esperança e servindo a quem necessita.

A Missão não é apenas uma atividade entre tantas outras. Ela faz parte da própria identidade da Igreja. Por isso, os subtemas se relacionam de maneira muito natural:

- cuidado mútuo: expressão concreta do amor que celebramos;
- confessionalidade luterana: fundamento que orienta nossa fé e nossa prática diária;
- unidade da Igreja: fruto do amor que nos reúne em Cristo.

Uma Comunidade que celebra o amor de Deus é chamada a ser uma Comunidade missionária. No entanto, muitas vezes enfrentamos desafios como acomodação, medo de mudanças ou preocupação excessiva com a manutenção das estruturas internas.

Para avançar, é preciso dar passos concretos: conhecer melhor o entorno da Comunidade; perguntar quem são as pessoas que vivem ao nosso redor e quais são suas necessidades; desenvolver projetos sociais e comunitários; utilizar os meios de comunicação, inclusive os digitais; capacitar pessoas membro para testemunhar sua fé no cotidiano.

A Missão também acontece nas relações de cada dia: no trabalho, na escola, na vizinhança, na família e entre amigas e amigos. Cada pessoa cristã pode ser testemunha do amor de Deus onde vive. Temos falado de nossa fé nesses espaços? Se sim, como falamos? Se não, o que tem nos travado?

6. Desafios atuais e respostas comunitárias

A Igreja vive em um tempo de grandes mudanças e tensões. Entre os desafios que encontramos estão:

- social: desigualdade, exclusão e solidão crescente;
- político: polarizações que atingem Comunidades e famílias;
- econômico: insegurança, desemprego e dificuldades para muitas famílias;
- ecológico: uma crise ambiental que nos chama ao cuidado com a Criação;



- espiritual: perda de sentido, superficialidade e distanciamento da fé.

Diante dessa realidade, a Igreja é chamada a ser uma presença viva do amor de Deus. Isso significa Comunidades acolhedoras e cuidadoras; testemunho coerente e comprometido; fidelidade à Palavra e abertura ao diálogo; sensibilidade diante das dores do mundo.

Cada Comunidade tem a tarefa de identificar quais são os desafios mais presentes em sua realidade e como pode respondê-los de maneira concreta.

7. Celebrar: fonte e impulso para a Missão

Por que a celebração é tão importante para a Missão?

Porque a celebração renova a fé, lembrando-nos quem somos e em quem cremos; alimenta a esperança, especialmente nos momentos difíceis; fortalece a comunhão, criando vínculos de cuidado e solidariedade; nos envia para a Missão, transformando a fé em atitudes concretas. Celebrar é como respirar espiritualmente. É voltar à fonte para continuar caminhando.

Quando celebramos, experimentamos o amor de Deus, renovamos nossa fé e fortalecemos nossos vínculos. Celebrar o amor de Deus é lembrar, semana após semana, quem Deus é e quem nós somos: pessoas alcançadas pela Graça, reunidas em Comunidade e enviadas ao mundo.

Por isso, a celebração não é um detalhe da vida da Igreja. Ela é fonte e alimento para tudo o que fazemos. Sem celebração, a Missão pode se transformar em ativismo vazio. Sem o encontro com Deus, o agir da Igreja perde sua fonte. Sem comunhão, a unidade corre o risco de se tornar apenas um discurso.

Conclusão: celebrar para viver e testemunhar

O Tema do Ano 2027 não nos propõe simplesmente algo novo. Ele nos chama de volta ao essencial. “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles.” Onde Cristo está, o amor acontece. A fé é fortalecida. A esperança renasce. A Comunidade se reúne e a Missão se torna possível.

O desafio é fazer com que essa verdade não permaneça apenas como uma afirmação teológica, mas se torne uma realidade visível no cotidiano de nossas Comunidades. A Igreja é chamada a viver o amor de Deus de maneira integral: no Culto, no cuidado, na unidade e na Missão. Celebrar não é apenas um ato litúrgico. É também um jeito de viver.

Isso exige intencionalidade, compromisso e disposição para mudar. Exige olhar para as pessoas, perceber suas necessidades, abrir espaço para novos encontros e reconhecer que Deus já está presente onde a Comunidade se reúne em seu nome.

Celebrar o amor de Deus é reconhecer essa presença: onde duas ou três pessoas se reúnem, onde a Palavra é proclamada, onde há acolhida, onde uma mão é estendida, onde uma pessoa é visitada, onde há perdão, reconciliação e cuidado.

Celebrar o amor de Deus é, portanto, viver esse amor – no Culto, no cuidado, na unidade e na Missão. É fazer de nossas Comunidades sinais vivos da presença de Cristo no mundo.

Que em 2027 – e sempre – nossas Comunidades sejam espaços onde o amor de Deus seja celebrado com alegria, vivido com compromisso e anunciado com coragem. Onde houver pessoas reunidas em nome de Cristo, ali Ele estará: sustentando, enviando, cuidando e unindo seu povo.



SEÇÃO II – FUNDAMENTOS

O Culto na Bíblia

P. Dr. Roger Marcel Wanke

Introdução

O Culto é um fenômeno religioso. Ele está presente em todas as religiões e articula o imanente e o transcendente. Pode-se considerar, de forma geral, que o Culto é o lado prático da religião.

Na fé cristã, porém, a compreensão de Culto vai muito além de apenas um fenômeno que se deixa perceber em todas as religiões. Ele é muito mais do que apenas ritos e experiências religiosas com um ser considerado divino. Acima de tudo, o Culto é a autorrevelação de Deus em Jesus Cristo ao ser humano e a resposta deste ser humano, que foi encontrado por Deus em Cristo, ao seu Deus, que se revela de forma salvadora.

O Culto é o lugar de encontro entre Deus e a sua comunidade. Deus mesmo toma a iniciativa de se encontrar conosco. O tema do Culto na Bíblia é extremamente amplo, pois acompanha toda a história da revelação bíblica, desde os primórdios da história narrada no Antigo Testamento até as igrejas do Novo Testamento. Ao longo desse percurso, há mudanças significativas nos espaços litúrgicos e nas formas litúrgicas, mas também uma notável continuidade teológica: o Culto é a resposta da comunidade à iniciativa salvadora de Deus.

Na Bíblia, lemos que o povo de Israel foi chamado por Deus para ser uma *comunidade cúltica* no mundo (Gênesis 12; Êxodo 19; Deuteronômio 7; 2 Crônicas 36), isto é, uma comunidade de fé que deve celebrar a presença de Deus no mundo e testemunhar o seu plano de salvação às nações. Isso vale também para a Igreja. Ela foi chamada por Deus para ser uma *comunidade cúltica* no mundo, proclamando a boa notícia, o Evangelho da salvação em Jesus Cristo (Mateus 28.18-20; 1 Pedro 2.9-11).

O Culto na Bíblia está totalmente inserido no que conhecemos como História de Salvação de Deus. Até podemos dizer que esta História de Salvação de Deus é a história do Culto na Bíblia. Mais do que isso. O Culto é a celebração e a rememoração da História de Salvação de Deus em favor do mundo. O Culto celebra e proclama o amor de Deus. O Culto convida a comunidade a servir a Deus e às pessoas. O Culto envia a comunidade para a Missão de Deus no mundo.

Vejamos com mais detalhes essa história da celebração do amor de Deus na Bíblia. Que ela nos inspire a continuarmos sendo uma comunidade cúltica no contexto em que vivemos.

1. O princípio: o Culto como iniciativa de Deus

A Bíblia inicia falando a respeito da criação do céu, da terra e de tudo o que existe sobre ela. Também o Culto já aparece na primeira página da Bíblia. A sétima obra da criação é o descanso, no sétimo dia. Deus não só cria o descanso como o abençoa. Esse dia de descanso é entendido como dia de Culto, dia de descansar e usufruir a presença de Deus. Deus cria o descanso para que o ser humano saiba viver em comunhão na sua presença. Esse sempre foi o plano de Deus para o ser humano. Ele, inclusive, colocou o ser humano em um jardim para descansar, servindo e cuidando da Criação de Deus (Gênesis 2.15).

Contudo, as primeiras páginas da Bíblia também nos narram a trágica história do pecado do ser humano. A desconfiança em relação à Palavra de Deus e o afastamento do ser humano de sua presença rompem com o relacionamento que Deus havia estabelecido. Com isso, a Bíblia afirma haver, a partir da queda do ser humano,



um problema fundamental que inviabiliza o Culto que Deus lhe havia dado graciosamente. Trata-se, portanto, de um problema teológico e antropológico. O relacionamento humano com Deus e com o seu semelhante está rompido pelo pecado. Com isso, surge uma pergunta: o que possibilita, então, o Culto?

Deus não deixou o ser humano perdido e longe de sua presença. O pecado não teve a última palavra no terceiro capítulo da Bíblia. Deus mesmo veio ao encontro do ser humano e lhe fez uma pergunta muito importante: ser humano, onde estás? O pecado separou o ser humano de Deus. Mas Deus não se afastou do ser humano pecador. Ele o busca com a intenção de salvá-lo. Essa iniciativa de Deus também aparece nas primeiras páginas da Bíblia, no fato de o próprio Deus ter que sacrificar um animal para tirar a pele e cobrir a nudez do ser humano.

Por isso, o ser humano pode achegar-se diante de Deus e responder ao seu chamado. Isso fica evidente em Gênesis 4.26, ao lermos a respeito de Enos, filho de Sete e neto de Adão e Eva. Ele é apresentado na Bíblia como o primeiro que invoca o nome do Senhor. Isso ganha uma profundidade maior quando entendemos o significado do nome deste personagem bíblico. Enos vem do hebraico e significa ser humano mortal, pecador, miserável, enfermo, necessitado de salvação. Esse Enos pode invocar o nome do Senhor, e quem faz isso, na Bíblia, experimenta a salvação (cf. Joel 2.32; Romanos 10.13).

2. Sê tu uma bênção: Culto como aliança missionária de Deus

Nos relatos registrados no livro de Gênesis, ainda não encontramos um sacerdócio organizado nem um santuário central. As mães e os pais da fé de Israel cultuam a Deus por meio de altares de pedras construídos para fazer sacrifícios (Gênesis 12.7-9; 28.10-12). Com o chamado de Abraão e Sara e de seus descendentes e o início da História de Salvação em favor de todas as famílias da terra, Deus deixa claro o seu propósito missionário em favor do mundo (Gênesis 12). O Culto não está preso a construções ou ritos, mas, sim, ao fato de Deus chamar para ser bênção.

Aqui, o Culto é marcado pela aliança que Deus faz com essas pessoas. O Culto é resposta ao plano de salvação que Deus estabelece, ao escolher uma família e torná-la bênção para todas as nações da terra. Deus toma a iniciativa de chamar e prometer. O ser humano responde com fé, adoração e obediência.

3. Servireis a Deus neste monte: Culto como liberdade para servir

As histórias da salvação e do Culto ganham novos contornos quando abrimos o livro de Êxodo. Nele, encontramos a principal obra salvífica de Deus em favor do seu povo, no Antigo Testamento: a libertação da escravidão do Egito. Deus liberta o povo da escravidão para torná-lo um povo livre para servir. O objetivo da saída do Egito tem a ver com o Culto (Êxodo 3.12,18). Aqui, há um detalhe importante a ser considerado. A palavra hebraica *avodah*, traduzida por escravidão (Êxodo 2.23; 6.6), é a mesma palavra traduzida por rito, ou seja, a celebração da Páscoa (Êxodo 12.25-26; 13.5). O povo de Israel deixa de servir os seus opressores e passa a servir o seu Deus libertador. O povo de Deus jamais deixa de ser servo.

Ao saírem do Egito, Deus os conduz pelo deserto até chegarem ao Monte Sinai, onde Deus lhes dá a sua Lei e lhes proclama a sua Palavra. Deus não deixa o seu povo sem a sua Palavra, mesmo em meio ao deserto. Lá, Deus também faz uma aliança com o seu povo, chamando-o de Reino de Sacerdotes e Nação Santa (Êxodo 19.5-6). Mais uma vez, fica clara a Missão do povo de Deus: ser uma comunidade cúltica em favor do mundo.





4. Deus habita no meio do seu povo: Culto como celebração da presença de Deus

Ao continuarmos lendo o livro de Êxodo, vemos que Deus chama o povo de Israel para a sua Missão neste mundo. Com a saída do Egito e a aliança no Sinai, surge uma estrutura cultual muito mais elaborada. O centro passa a ser o Tabernáculo (Êxodo 25-30, 35-40), a partir do qual encontramos cinco elementos fundamentais: o sacerdócio levítico, os sacrifícios de animais, as festas religiosas, a pureza ritual e o calendário sagrado. Assim, a Bíblia nos mostra três ênfases principais: **a) a santidade de Deus e a santidade do povo:** Deus habita no meio de Israel, mas permanece santo. Deus chama o seu povo a ser um povo santo, porque Ele mesmo é santo; **b) a expiação da culpa:** o pecado do povo sempre será um entrave para a realização do Culto. O pecado cria barreiras que exigem reconciliação. O Culto é o lugar de experimentar a confissão, o perdão e a absolvição dos pecados; **c) a mediação entre Deus e o povo:** sacerdotes e sacrifícios servem como meios estabelecidos por Deus para a reconciliação.

5. O espaço de adoração: Culto como celebração da realeza de Deus

A partir dos livros de Samuel e Reis, com o surgimento da monarquia e a centralização política, ocorre também uma centralização cultual. O Templo de Jerusalém, construído pelo rei Salomão, torna-se o principal centro religioso do povo de Deus. Assim como no Tabernáculo, o Culto no Templo continua a incluir sacrifícios diários, grandes peregrinações, o ministério sacerdotal, festas religiosas, música litúrgica, corais e instrumentos musicais. Os Salmos refletem intensamente essa experiência de Culto. O Templo simboliza a habitação de Deus entre seu povo. O Culto celebra Deus como Rei de Israel e do universo. O Culto une as tribos de Israel em torno da aliança.

Ao lermos o texto do ato de inauguração do Templo (1 Reis 8), chama a nossa atenção a oração de dedicação do rei Salomão (1 Reis 8.22-61). Nela, Salomão explicita as finalidades do Templo: lugar onde o nome do Senhor habita e é invocado (v. 29), lugar de súplica e perdão (v. 29-30), lugar de justiça (v. 31-32), lugar de arrependimento e conversão (v. 33-34), lugar para aprender a andar com Deus (v. 35-36), lugar de avivamento que cura a chaga do coração (v. 37-38), lugar de refúgio para as pessoas estrangeiras (v. 41-43), lugar de justiça em meio à guerra (v. 44-45), lugar de recomeço e esperança (v. 46-53), lugar de bênção (v. 54-57), lugar para aprender a Palavra de Deus (v. 58-59) e lugar de testemunho e Missão (v. 60-61).

Podemos, portanto, afirmar que evangelização, ensino, Diaconia e Missão fazem parte, inseparavelmente, da finalidade do espaço litúrgico que o povo de Deus tem à sua disposição. Ele é um lugar "para que todos os povos saibam que o Senhor é Deus e não há outro" (1 Reis 8.60).

6. A crítica profética: Culto como misericórdia e não sacrifícios

Uma das contribuições mais importantes dos profetas é mostrar que o Culto não pode ser reduzido a um mero ritual. A liturgia só faz sentido se estiver a serviço da misericórdia. Os profetas denunciaram a hipocrisia religiosa, a injustiça social, o formalismo litúrgico e, principalmente, a idolatria. A crítica não é ao Culto em si, mas ao Culto desassociado da fidelidade a Deus e da ética.

O profeta Miqueias deixa claro o que se deve entender por Culto: "Ele te declarou, ó ser humano, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus" (Miqueias 6.8). Deus abomina uma fé e um Culto celebrado apenas como ato exterior, marcado por rituais vazios, para manter uma "fachada religiosa" (Amós 5.21-27; Oseias 6.1-11). A obediência e o discipulado são mais importantes que a mera observância ritual.





7. Exílio e surgimento das sinagogas: Culto como processo de revitalização

Infelizmente, o povo não ouviu os profetas. Ele rejeitou a Palavra de Deus. Com isso, a História de Salvação de Deus se torna história da perdição do povo. O povo perde a cidade de Jerusalém, o Templo e o messias davídico, o rei. A destruição do Templo de Jerusalém pelo povo babilônico, em 586 a.C., cria uma crise sem precedentes. Sem o Templo e sem sacrifícios, não há mais como celebrar Cultos; não há mais anúncio do perdão dos pecados. Tudo o que dava ao povo a certeza da presença de Deus fora perdido. Uma parte do povo fica em meio às ruínas de Jerusalém. Outra, por sua vez, é levada cativa para a Babilônia. Lá, ela deve recomeçar sua vida e ressignificar sua fé (Jeremias 29).

Nesse contexto, surgem as bases de uma instituição chamada sinagoga. Assim, o povo judeu desenvolve novas formas de vida religiosa. Ele revitaliza o seu Culto. O foco desloca-se para a oração, para a leitura das Escrituras, para o ensino e para a preservação da identidade comunitária, ou seja, para a vivência como uma comunidade cúltica tanto em Jerusalém quanto na realidade da dispersão. Surge uma nova ênfase teológica no Culto de Israel: a presença de Deus não está limitada a um edifício. A fidelidade à Palavra torna-se elemento central da adoração. A sinagoga passa a ser um lugar de oração, de ensino, de pregação, de comunhão e de Missão. Com o passar dos anos, ela se espalha por toda a região do Antigo Oriente e pelo Egito, chegando ao território que hoje conhecemos como Europa.

O Culto da sinagoga apresenta uma liturgia que séculos mais tarde vai servir de base para a liturgia do Culto cristão: **a)** Confissão de Fé (*Shema Israel* – Deuteronômio 6.4-5); **b)** Oração (em forma de grande petição); **c)** Leitura da Torá (Pentateuco); **d)** Leitura dos Profetas (*Haftarah* – sem os Escritos); **e)** Pregação/Interpretação das Escrituras; **f)** Bênção (Números 6.24-26).

Após o retorno do exílio, o Templo de Jerusalém é reconstruído. Entre os séculos V a.C. e I d.C. coexistem Templo, sinagogas e movimentos religiosos diversos. O Templo continua responsável pelos sacrifícios. As sinagogas tornam-se centros locais de oração e ensino. Elas se tornam a presença do povo de Deus em meio às nações (Lucas 4.16-30 e Atos 13.13-16). O Templo, por sua vez, torna-se local de peregrinação para todas as nações celebrarem a presença de Deus (Salmos 120-134; Isaías 2.1-5).

8. Jesus Cristo: Culto como sacrifício definitivo na cruz

Quando abrimos as páginas do Novo Testamento, vemos Jesus de Nazaré participando normalmente da vida cultual judaica. Ele frequenta sinagogas, visita o Templo e participa das festas. Entretanto, Ele redefine diversos aspectos do Culto. No diálogo com a mulher samaritana, afirma que os verdadeiros adoradores adorarão "em espírito e em verdade" (João 4.23). Jesus se apresenta como maior que o Templo, como mediador definitivo entre Deus e o ser humano e como revelação plena de Deus. A partir de Jesus Cristo, sua pessoa e sua obra redentora se tornam a centralidade do Culto cristão. O plano de salvação de Deus chegou ao seu cumprimento. O Culto não depende mais de lugares sagrados, nem de sacrifícios. Ele acontece diante de Jesus Cristo, aos pés da cruz, na esperança da ressurreição dentre os mortos.

Por isso, a obra redentora de Jesus Cristo é o centro do Culto cristão, celebrado em comunidade, em Palavra e Sacramento, proclamando a morte e a ressurreição de Jesus, o sacrifício definitivo em favor do mundo.

9. O Dia do Senhor: Culto como celebração do Cristo ressurreto

As primeiras comunidades cristãs herdaram elementos da sinagoga e reinterpretaram elementos do Templo à luz de Cristo. Suas reuniões incluíam a leitura das Escrituras, o ensino apostólico, a oração, os cânticos,



a celebração da Ceia do Senhor e a comunhão fraterna. Os encontros aconteciam frequentemente em casas (Romanos 16.3-5), embora as pessoas continuassem a se reunir no templo (Atos 2.46). A vida comunitária das primeiras comunidades é descrita de forma exemplar em Atos 2.42: A comunidade perseverava na doutrina dos apóstolos, na comunhão, na oração e no partir do pão.

O Novo Testamento deixa claro que a morte de Jesus substitui o sistema sacrificial anterior. Jesus é o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (João 1.29), bem como o sumo-sacerdote que opera a reconciliação entre Deus e o ser humano (Hebreus 4.14-16). Todas as pessoas crentes participam da vida cultual e ressignificam em Cristo a identidade do povo de Deus como Reino de Sacerdotes e Nação Santa (1 Pedro 2.9-11). A comunidade é descrita como habitação de Deus pelo Espírito (1 Coríntios 3.16) e experimenta a presença de Deus onde duas ou três pessoas estiverem reunidas em nome de Jesus Cristo (Mateus 18.20).

Em Romanos 12, o Culto não é apenas um ato litúrgico. A própria vida torna-se oferta a Deus. Isso significa uma entrega integral da existência humana a Deus. O Culto é evidenciado pela santidade cotidiana, pela transformação da mente e pela edificação da comunidade e serviço mútuo através dos dons (1 Coríntios 12-14). O Culto deixa de ser apenas um evento e passa a ser um modo de vida.

10. A consumação: o Culto face a face com Deus

As últimas páginas da Bíblia, no livro de Apocalipse, nos fazem ver algo maravilhoso. O livro oferece a visão mais cósmica do Culto bíblico. João nos faz ver o céu aberto e o Culto celestial acontecendo aqui e agora. Anjos, seres celestiais, mártires, anciãos e toda a Criação estão diante do trono de Deus, adorando o Cordeiro de Deus que foi morto e que venceu (Apocalipse 4-5), o único que pode interpretar a história da humanidade, porque é o centro e o cumprimento da História de Salvação de Deus. O livro de Apocalipse afirma que o Culto terreno em nossas comunidades participa antecipadamente da realidade celestial. Isso traz esperança e consolo. O livro de Apocalipse termina apontando para a realidade lá do princípio: "Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão, contemplarão a sua face, e na sua fronte está o nome dele. Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos" (Apocalipse 22.3-5).

Conclusão

Como vimos, Deus toma a iniciativa de buscar e salvar o ser humano. Ele inaugura o Culto e a reconciliação consigo mesmo. O Culto é resposta à revelação e à Graça de Deus em Cristo. O Culto envolve aliança, pois adorar é viver em relacionamento com Deus. O Culto exige santidade, pois a aproximação de Deus implica transformação moral e espiritual. O Culto envolve comunidade. Sendo assim, a adoração bíblica não é apenas individual. Jesus Cristo é o centro do Culto cristão. No Novo Testamento, todas as dimensões do Culto convergem para a pessoa e a obra de Jesus.

O auge da teologia bíblica do Culto não é simplesmente uma cerimônia religiosa, mas a consagração de toda a existência a Deus. A vida inteira torna-se Culto. Sob essa perspectiva, a história bíblica do Culto pode ser entendida como um movimento que vai de lugares sagrados e sacrifícios para uma realidade em que a comunidade de pessoas fiéis, unida a Cristo pelo Espírito, torna-se o próprio templo de Deus e oferece sua vida como adoração.

Sendo assim, o alvo prático do Culto na Bíblia é experimentar *Cristo no dia a dia*, isto é, refletir a face de Deus no mundo (Mateus 5.13-16). Já o alvo teológico do Culto na Bíblia é experimentar o *Dia de Cristo*, ou seja, ver Deus face a face (Apocalipse 22.4).

A Reforma do Culto e o Culto da Reforma

P. Dr. Júlio Cézar Adam

Quando uma comunidade se reúne para celebrar um Culto, algo muito maior acontece do que simplesmente um grupo de pessoas cantando, orando e ouvindo uma mensagem. O Culto cristão é, antes de tudo, um encontro. E, nesse encontro, quem toma a iniciativa é Deus. É Deus quem chama, reúne, fala, perdoa, alimenta, consola, fortalece e envia. A comunidade participa, canta, ora, escuta, confessa a fé e se coloca a serviço, mas tudo começa na ação amorosa de Deus.

Essa compreensão esteve no centro da Reforma do século XVI. Martim Lutero não desejava criar uma nova religião nem inventar uma liturgia totalmente diferente. Sua preocupação era ajudar a Igreja a redescobrir o Evangelho. Por isso, ao reformar a missa, Lutero não começou perguntando o que as pessoas gostavam mais, qual estilo era mais bonito ou o que poderia atrair mais gente. A pergunta central era outra: o Culto anuncia claramente Jesus Cristo? Ele fortalece a fé? Ele comunica a Graça de Deus?

O ponto de partida da Reforma foi a redescoberta da justificação por Graça mediante a fé. Isso significa que a salvação não é conquistada por obras, sacrifícios ou méritos humanos, mas recebida como presente de Deus em Jesus Cristo. Essa verdade muda também a forma de compreender o Culto. Se Deus nos salva gratuitamente, o Culto não pode ser entendido como algo que fazemos para comprar o favor de Deus. O Culto é o espaço em que Deus vem ao nosso encontro e nos serve com sua Palavra, seu perdão e sua presença.

O Culto é ação de Deus

Uma das grandes contribuições de Lutero foi recolocar Deus no centro do Culto. Na prática religiosa de seu tempo, muitas pessoas participavam da missa com medo, culpa ou insegurança. Havia a ideia de que a celebração era uma obra oferecida a Deus, quase como um sacrifício necessário para alcançar bênçãos, perdão ou salvação. Lutero percebeu que essa compreensão enfraquecia o Evangelho, pois colocava o peso da salvação sobre as pessoas.

A Reforma afirmou o contrário: não somos nós que subimos até Deus por meio de nossos ritos; é Deus que vem até nós por meio de Cristo. No Culto, não tentamos convencer Deus a nos amar. Celebramos porque Deus já nos amou primeiro. Não oferecemos algo para receber Graça. Recebemos a Graça e respondemos com gratidão. Cristo e sua cruz são o Culto de Deus em nossa direção.

O *Livro de Culto da IECLB* expressa essa compreensão ao afirmar que "o sujeito do Culto é Deus". Deus vem ao encontro da comunidade, fala por meio da Palavra, convida à mesa da Ceia e reúne as pessoas em comunhão. A comunidade, por sua vez, responde com oração, louvor, confissão, gratidão e compromisso de serviço e Diaconia.

Por isso, o Culto cristão não é espetáculo, apresentação ou evento religioso centrado em lideranças humanas. O centro do Culto é Cristo. Cristo é a Palavra viva de Deus no Culto. Ele é aquele que se entrega na cruz. Ele é aquele que ressuscita e oferece vida nova. Tudo na celebração deve apontar para ele.

O Evangelho é o coração da celebração

Lutero não rejeitou toda a tradição litúrgica da Igreja. Pelo contrário, preservou muitos elementos da missa antiga: leituras bíblicas, orações, cânticos, confissão de fé, Santa Ceia e bênção. Por isso, alguns estudiosos afirmam que a Reforma litúrgica luterana foi uma "reforma conservadora". Ela não destruiu a tradição, mas a revisou a partir do Evangelho.



O critério era simples e profundo: tudo aquilo que ajuda a anunciar Cristo pode ser mantido; tudo aquilo que obscurece o Evangelho precisa ser revisto. Assim, Lutero retirou ou criticou elementos que davam à missa um caráter de sacrifício humano oferecido a Deus. Ao mesmo tempo, preservou aquilo que comunicava a Graça, alimentava a fé e ajudava a comunidade a celebrar.

A Palavra de Deus ocupa lugar central nessa compreensão. Para Lutero, a Palavra não é apenas um texto antigo lido no Culto. A Palavra é o próprio Cristo anunciado à comunidade. Como lembra Nelson Kirst, "Jesus Cristo é tudo o que Deus tem a dizer, e tudo o que Deus tem a dizer se articula em Jesus Cristo". Por isso, a pregação não é uma palestra religiosa, nem um discurso moralista, nem uma opinião pessoal da pessoa que prega. A pregação é anúncio vivo do Evangelho.

A comunidade precisa ouvir, sempre de novo, que Deus vem ao seu encontro em Cristo. Precisa ouvir o chamado ao arrependimento, mas também a promessa do perdão. Precisa ser confrontada pela Palavra, mas também consolada por ela. Precisa perceber sua responsabilidade no mundo, mas sempre a partir da Graça que liberta e não de uma culpa que aprisiona.

Lutero expressou esse princípio de forma muito bela na chamada Fórmula de Torgau, ao dizer que, no Culto, "nada mais tenha lugar além da fala do nosso amado Senhor a nós por intermédio da sua Santa Palavra e da nossa resposta a ele em oração e louvor". Essa frase resume bem a dinâmica do Culto: Deus fala; a comunidade responde.

Culto não é lei, mas liberdade

Outro aspecto importante da Reforma é a liberdade cristã. Lutero sabia que formas litúrgicas são necessárias. Toda comunidade precisa de ordem, sequência, linguagem, gestos, cantos e símbolos. Sem alguma forma, o Culto se torna confuso. Mas Lutero também sabia que nenhuma forma litúrgica deve ser transformada em lei absoluta.

Ao apresentar a Missa Alemã, em 1526, Lutero advertiu que aquela ordem não deveria prender a consciência de ninguém. Ele escreveu: "não façam dela uma lei compulsória, nem comprometam ou prendam a consciência de ninguém". Essa frase continua atual. Ela nos lembra que a Liturgia está a serviço do Evangelho, e não o contrário.

Isso não significa que cada pessoa ou comunidade faz o que quer no Culto. Liberdade cristã não é improvisação sem responsabilidade. Para Lutero, a liberdade anda junto com o amor, a unidade e a ordem. A comunidade é livre para celebrar de forma compreensível e contextual, mas essa liberdade deve considerar as pessoas simples, as crianças, as pessoas jovens, as idosas, as visitantes e toda a assembleia reunida.

Por isso, a pergunta não deve ser apenas: "eu gosto deste Culto?" A pergunta mais evangélica seria: "este Culto ajuda a comunidade a ouvir o Evangelho? Ele favorece a participação? Ele comunica a Graça de Deus? Ele acolhe as pessoas? Ele fortalece a fé?"

A tradição é importante porque nos liga à caminhada da Igreja ao longo dos séculos. Mas a tradição não pode ser uma prisão. Ela é como uma raiz: dá profundidade, sustento e identidade. Ao mesmo tempo, a árvore precisa crescer, florescer e dar frutos em cada novo tempo.

A comunidade celebra

O Culto não pertence à Pastora ou ao Pastor, à Ministra ou ao Ministro, à equipe de música ou a um pequeno grupo responsável pela Liturgia. O Culto pertence à comunidade reunida por Deus. A comunidade não assiste ao Culto como quem assiste a um programa. Ela celebra. Ela canta. Ela ora. Ela ouve. Ela responde. Ela participa da Ceia. Ela é enviada.



Esse foi um ponto importante da Reforma. Ao valorizar o Sacerdócio Geral de todas as pessoas batizadas, Lutero ajudou a recuperar a participação da comunidade. A fé não é privilégio de especialistas. A oração não pertence apenas ao clero. O louvor não é tarefa de algumas pessoas. Toda pessoa batizada participa da vida e da Missão da Igreja.

A música teve papel fundamental nesse processo. Lutero considerava a música uma dádiva de Deus. Para ele, cantar era uma forma de proclamar o Evangelho e de gravar a fé no coração das pessoas. A música não era enfeite do Culto. Era parte da própria Liturgia. Por meio do canto, a comunidade anuncia, aprende, consola, celebra e confessa sua esperança.

Lutero chegou a afirmar que a música consola as pessoas tristes, encoraja as desesperadas, acalma as inquietas e alegra os corações. Essa compreensão continua muito importante. Em muitas comunidades, as pessoas talvez esqueçam partes da pregação, mas levam consigo uma canção, uma frase cantada, uma melodia que acompanha a semana. A música ajuda a fé a habitar o corpo, a memória e os afetos.

Ao mesmo tempo, a música no Culto não deve ser guiada apenas pela lógica do gosto pessoal ou do mercado religioso. Ela deve servir ao Evangelho e à participação comunitária. Uma boa música litúrgica não é apenas aquela que emociona, mas aquela que ajuda a comunidade a cantar sua fé.

Palavra e Ceia: alimento para a caminhada

Para Lutero, o Culto cristão se fundamenta na Palavra e nos sacramentos. A Palavra anuncia a promessa de Deus. O Batismo marca a vida cristã com a Graça. A Ceia do Senhor alimenta a comunidade com a presença de Cristo. Por isso, o Culto não é apenas um momento de reflexão. É encontro concreto com a Graça de Deus.

A Santa Ceia ocupa lugar especial. Na Reforma, Lutero criticou a ideia de que a missa fosse um sacrifício oferecido pelo sacerdote a Deus. Para ele, a Ceia é dádiva de Cristo à comunidade. Nela, Cristo se oferece a nós, fortalece a fé, cria comunhão e nos une como corpo.

Celebrar a Ceia é lembrar que a fé não é vivida de forma isolada. Sentamo-nos à mesa não porque somos perfeitas e perfeitos, mas porque somos convidadas e convidados. Recebemos pão e vinho como sinais concretos da promessa de Cristo. A mesa nos reúne, nos reconcilia e nos envia para uma vida de partilha.

Em tempos marcados por individualismo, solidão e fragmentação, a Ceia lembra que a Igreja é comunidade. Não somos consumidoras ou consumidores de experiências religiosas. Somos corpo de Cristo, chamado a viver comunhão, cuidado e responsabilidade mútua.

O Culto e a vida no mundo

O Culto não termina quando a comunidade recebe a bênção final. Na verdade, a bênção envia. Quem foi alcançada ou alcançado pela Graça recebe o chamado para viver essa Graça no cotidiano. Quem ouviu a Palavra recebe o chamado para praticar o amor. Quem participou da mesa recebe o chamado para repartir o pão. Quem recebeu perdão recebe o chamado para promover reconciliação.

Por isso, Culto e vida não podem ser separados. Uma celebração centrada no Evangelho forma pessoas para o serviço. Fortalece a esperança em meio ao sofrimento. Questiona injustiças. Consola quem sofre. Desperta solidariedade. Alimenta a coragem para viver a fé no mundo.

Isso é especialmente importante no contexto brasileiro. Vivemos em uma sociedade marcada por desigualdades, violência, racismo, exclusão, sofrimento emocional, destruição ambiental e tantas formas de abandono. O Culto cristão não pode ignorar essa realidade. Ele não é fuga do mundo, mas encontro com Deus que nos devolve ao mundo com mais fé, amor e responsabilidade.

A comunidade reunida em Culto leva diante de Deus as dores do povo, as alegrias da vida, os clamores por justiça e os sinais de esperança. Ao mesmo tempo, recebe do Evangelho uma nova forma de olhar a realidade. O Culto nos ajuda a perceber que Deus age na história e nos chama a participar de sua Missão.

Reformar sempre de novo

A Reforma nos ensina que a Igreja precisa voltar continuamente ao Evangelho. Isso também vale para o Culto. Cada geração precisa perguntar: nossas celebrações estão ajudando as pessoas a encontrar Cristo? A Palavra está sendo anunciada com clareza? A Ceia está sendo valorizada como dádiva? A comunidade participa? A música serve ao Evangelho? O Culto envia para o serviço às pessoas?

Essas perguntas não devem gerar culpa, mas discernimento. A reforma do Culto não é uma tarefa concluída no século XVI. Ela continua sempre que a Igreja escuta o Evangelho e permite que ele purifique suas práticas, suas palavras, suas estruturas e suas prioridades.

Por isso, celebrar o Culto cristão é participar de uma tradição viva. Recebemos uma herança preciosa da Igreja de todos os tempos, mas somos chamadas e chamados a vivê-la no presente. O Culto é antigo e novo ao mesmo tempo. Antigo, porque nasce da Palavra, da Ceia, da oração e do louvor da Igreja desde as primeiras gerações cristãs. Novo, porque acontece em cada comunidade concreta, com suas histórias, seus rostos, suas dores, suas culturas e seus desafios.

Celebrar Cristo no centro

Passados mais de 500 anos da Reforma, o maior legado de Lutero para o Culto cristão continua sendo a centralidade de Cristo. O Culto não gira em torno do desempenho humano, do gosto pessoal, da emoção passageira ou da tradição vazia. Ele gira em torno do Deus que vem ao nosso encontro em Jesus Cristo.

Sempre que Cristo está no centro, a comunidade é libertada de transformar o Culto em obrigação, espetáculo ou mercadoria religiosa. Sempre que Cristo está no centro, a Palavra consola e transforma. A Ceia alimenta e reúne. A música proclama e alegra. A oração abre o coração. A bênção envia para a vida.

Essa é a permanente reforma do Culto cristão: voltar sempre de novo ao Evangelho, para que cada celebração seja encontro vivo entre Deus e seu povo, e para que cada comunidade, alimentada pela Graça, viva no mundo como sinal do amor de Cristo.

SEÇÃO III – TEMAS LITÚRGICOS

O ano litúrgico como instrumento de celebração do amor de Deus

Cat. em. Dra. Erli Mansk

Introdução

A comunidade cristã é um corpo que se manifesta pelo ato de reunir-se. A reunião desse corpo se dá em determinados dias e horas.

O tempo é uma importante moldura do Culto cristão.

Tradicionalmente, na Igreja cristã, o dia de reunião para o Culto é o domingo! Este fato tem razões históricas e teológicas. Além disso, o Culto está relacionado a determinados eventos centrais da vida da Igreja, que se repetem a cada ano, marcam as celebrações comunitárias e ajudam a aprofundar a vida de fé das pessoas ao longo do ano.

A forma como os eventos e as festas cristãs mais importantes da Igreja estão organizados é o que chamamos de ano litúrgico, também conhecido como ano eclesiástico ou ano da Igreja.

Vamos entender como funciona o ano litúrgico e como ele se relaciona com os nossos Cultos.

Formação e função do ano litúrgico

O ano litúrgico é uma forma de estruturar o tempo na vida da Igreja e visa fornecer a base para a maior parte do Culto cristão. O tempo litúrgico tem como referência primordial a vida de Cristo, centro da pregação do Evangelho e da fé cristã. A vinda de Jesus a este mundo e o testemunho do amor de Deus por nós determinaram a organização do tempo litúrgico da Igreja.

Para auxiliar no planejamento e na ordem dos Cultos, a Igreja desenvolveu um calendário litúrgico, o qual estabelece as principais festas cristãs e datas, incluindo cores e símbolos, de acordo com cada época do ano da Igreja. Este calendário é diferente do calendário civil. Vamos entender!

Como surgiram as festas cristãs?

O domingo e a Páscoa: origem do ano litúrgico

Curiosamente, o tempo litúrgico não surgiu com o Natal, apesar de esta ser a primeira grande festa que aparece no calendário litúrgico. A Páscoa está na origem do ano litúrgico e é uma de suas estações centrais. Ela é uma antiga festa da tradição judaica, fazia parte das festas religiosas do tempo de Jesus (leia Marcos 14.12-16), mas recebeu novo sentido após a morte e a ressurreição de Jesus.

A Páscoa está ligada ao próprio surgimento do Culto cristão!

Após a morte de Jesus, o grupo de pessoas que o seguia se manteve unido por causa da fé na sua ressurreição. Confiantes de que Jesus estava presente por meio do Espírito Santo (Atos 2), essas pessoas "perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações" (Atos 2.42). E, conforme 1



Coríntios 11.23-26, a celebração da Páscoa se dava, de modo especial, na celebração da Ceia. Na partilha do pão e do cálice, Cristo se fazia realmente presente. Na mesa da Ceia, a Páscoa era rememorada!

Importância do domingo

Conforme lemos em Atos 20.7 e conforme confirmado em documentos do primeiro século da história cristã, a reunião comunitária em torno da Palavra de Deus, do partir do pão e das orações ocorria no primeiro dia da semana, o domingo! O domingo se tornou importante na vida da comunidade cristã por três motivos principais:

- é o primeiro dia da semana, dia da origem do mundo, quando Deus criou o dia e a noite e estabeleceu a separação entre a luz e as trevas (Gênesis 1.3-5);
- é o dia da ressurreição, da nova criação, quando novamente Deus vence as trevas e faz ressurgir Cristo, a luz da vida;

- é o dia do envio do Espírito Santo ao grupo de pessoas que seguia a Cristo, dia de Pentecostes (Atos 2.1-41).

Portanto, para a comunidade cristã, o domingo, primeiro dia da semana, se tornou um dia especial de Culto. Cada domingo representava uma Páscoa e um Pentecostes, o dia de reunião da comunidade para celebrar o amor de Deus, revelado em Jesus Cristo, continuamente presente por meio do Espírito Santo.

Ampliação da festa da Páscoa

Com o passar do tempo, a comunidade cristã foi percebendo a necessidade de ampliar a ênfase na celebração da Páscoa, pois foram surgindo perguntas sobre a vida de Cristo, incluindo fatos que antecederam a sua crucificação e ressurreição.

A partir do século II, a Páscoa se tornou a primeira festa cristã anual, sendo fixada no início da primavera (outono para nós). Essa festa anual iniciava com a Vigília Pascal, no entardecer do sábado. A comunidade se reunia e rememorava os acontecimentos em torno da morte de Jesus. Essa celebração culminava no alvorecer do domingo com a festa da ressurreição.

Ainda no século II, a festa da Páscoa se estendeu para três dias. Surgiu o Tríduo Pascal (triduum, que, no latim, significa três dias), com celebrações da Quinta-feira Santa até o Domingo da Ressurreição.

Pentecostes e Ascensão

Pentecostes é a segunda festa mais importante do ano litúrgico, pois não existe Igreja sem a presença viva de Cristo no seu meio, o qual se manifestou através do envio do Espírito Santo à sua comunidade seguidora. É uma festa que, desde o século II, pertence ao ciclo da Páscoa e celebra o nascimento da Igreja.

Originalmente, a Igreja cristã celebrava Pentecostes e Ascensão de Cristo em conjunto, pois compreendia-se que Jesus, antes de enviar o Espírito Santo, fora elevado aos céus, conforme Atos 1.6-11. No século IV, essas duas festas foram separadas. Pentecostes foi fixado no 50º dia do Domingo da Ressurreição, e o Dia da Ascensão, no 40º dia depois do Domingo da Páscoa.

Os 50 dias que estão entre o Domingo da Páscoa e Pentecostes formam o tempo pascal, época em que se celebra a alegria do Cristo ressurreto, o qual continua presente no meio da Igreja, pelo Espírito Santo.





Resumindo, o tempo pascal é tão relevante para o ciclo da Páscoa quanto a Páscoa o é para o ano litúrgico. Não foi por acaso que a Igreja cristã desenvolveu o tempo litúrgico com tamanha ênfase na Páscoa, reunindo, em torno dela, festas fundamentais do ano litúrgico (Tríduo Pascal, Ascensão e Pentecostes). O amor de Deus, que se doou a nós por meio da vida, morte e ressurreição de Cristo e da presença viva do Espírito Santo, é amplamente celebrado no Culto, sobretudo e efusivamente no tempo pascal!

Será que estamos dando atenção suficiente a este ponto central do ano litúrgico em nossos Cultos?

Natal e Epifania

Durante o século II, outros fatos da vida de Jesus Cristo foram recuperados e festejados. A comunidade cristã foi em busca dos relatos sobre os inícios da vida de Cristo e fixou as datas de nascimento, Batismo e do primeiro milagre de Jesus. Surgiu a festa de Epifania (que significa revelação de Deus), celebrada em 6 de janeiro.

A partir do século III, a festa do nascimento de Jesus foi separada. Havia uma festa muito celebrada pelo Império Romano, no dia 25 de dezembro, em adoração ao sol (natalis solis invicti = nascimento do sol invencível). A Igreja cristã de Roma ressignificou essa festa, fixando-a como o nascimento de Jesus, o sol da vida das pessoas cristãs. O dia 6 de janeiro permaneceu como a festa de Epifania, com ênfase na visita dos Magos do Oriente.

Epifania e Natal formam, portanto, o segundo ciclo do ano litúrgico.

Quaresma e Advento

No século IV, os dois ciclos do ano litúrgico, o da Páscoa e o do Natal, foram ampliados. Primeiro surgiu a Quaresma, iniciando na Quarta-feira de Cinzas e finalizando no sábado antes da Páscoa, um período de 40 dias, sem contar os domingos.

A última semana da Quaresma, a Semana Santa, celebra os acontecimentos finais da vida de Cristo, iniciando com o Domingo de Ramos.

Entre os séculos IV e VI, foi instituído o Advento, formado pelos quatro domingos antes do Natal. Advento possui duas ênfases: o preparo para receber Deus por meio do menino Jesus e a expectativa pela nova vinda de Cristo e pela manifestação final do seu reino de luz.

Outras festas da Igreja: o ciclo do tempo comum

Além dos ciclos da Páscoa e do Natal, a Igreja organizou os demais domingos do ano litúrgico, dando origem ao ciclo do tempo comum, que está dividido em dois períodos:

1) Tempo após Epifania – inicia depois do dia 6 de janeiro e segue até o domingo antes da Quarta-feira de Cinzas;

2) Tempo após Pentecostes – inicia no Domingo da Trindade. O tempo comum encerra o ano litúrgico com o Domingo Cristo Rei ou Domingo da Eternidade.

Do ciclo do tempo comum fazem parte outras festas que, nas Igrejas luteranas, incluem o Dia da Reforma em 31 de outubro e a festa de Ação de Graças, a qual varia de data de acordo com o calendário das comunidades locais.



O tempo comum representa o tempo de Missão da Igreja e o discipulado das pessoas batizadas. Ele perde o seu sentido se não estiver ancorado nas grandes festas cristológicas: Páscoa, Pentecostes e Natal.

A importância do ano litúrgico da Igreja para a celebração do amor de Deus

- O tempo litúrgico é um rico instrumento do Culto cristão. Por meio dele, a Igreja organiza a vida de Culto, orienta a sua pregação e assegura que os nossos Cultos sejam permeados pelos temas fundamentais da fé, os quais nos motivam a receber e celebrar o amor de Deus Triuno, rendendo-lhe graças e louvor.

- As principais festas do ano litúrgico asseguram o centro do Evangelho e apontam para o Cristo encarnado, crucificado e ressurreto, continuamente presente na comunidade por meio do Espírito Santo. Cada período do ano litúrgico visa, portanto, celebrar o amor de Deus baseado na revelação de Cristo.
- O ano litúrgico auxilia a Igreja a celebrar o amor de Deus de forma ampla e variada. Para cada domingo, um aspecto da vida de Cristo é refletido e aprofundado. Dessa forma, podemos dizer que o ano litúrgico é um excelente estímulo para a criatividade nos Cultos e para uma ampla visão dos temas que sustentam a fé cristã.

- A cada vez que uma comunidade se reúne, ela se depara com um novo evento. Isto é importante, pois a boa nova do Evangelho é profundamente ampla para ser desdobrada em um único Culto ou mesmo em todo um ciclo. O Culto está relacionado ao Evangelho, que é eterno, mas que se atualiza no tempo e a cada nova realidade, levando em conta a vida diária das pessoas que se reúnem.

- A observância do ano litúrgico unifica a Igreja cristã através do Culto, pois permite às comunidades cristãs celebrarem o amor de Deus, mantendo-se conectadas com grande parte das pessoas cristãs no mundo inteiro.

Clique aqui para acessar a proposta metodológica para trabalhar com o ano litúrgico ou acesse o *QR-Code* ao lado.

Liturgia: dramatização da história da salvação

P. Dr. Romeu Ruben Martini

Pessoas costumam dialogar. Pode ser em dupla. Pode ser em grupo. Nessas ocasiões, é comum compartilhar situações pessoais de tristeza, preocupação, alegria e esperança. E normalmente faz bem poder falar e ser ouvida e ouvido, ainda mais se disso resulta uma manifestação de empatia, como um abraço solidário.

O Culto cristão quer ser ocasião para que aconteça algo semelhante ao que ocorre na roda de diálogo. Afinal, vamos ao Culto carregando em nosso coração – e até demonstrando no semblante – o que se passa no dia a dia daquele tempo de nossa vida. Esperamos que alguém nos ouça, nos compreenda e até nos diga algo diante do que estamos sentindo. E, de fato, no Culto, alguém todo especial estará na roda de diálogo para nos ouvir e falar conosco! Foi Jesus que disse: "Onde duas ou três pessoas se reúnem em meu nome, ali estarei no meio" (Mateus 18.20). Eis a razão pela qual o Culto é realizado "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém". Disso também resulta que o Culto é a recapitulação da história da salvação, na qual a Igreja celebra a vitória de Cristo e antecipa sua vinda final (Jean Jacques von Allmen).

Culto, portanto, é encontro entre a comunidade e Deus. Mas Culto é, simultaneamente, encontro das pessoas que se reúnem com Deus. No Culto também há diálogo e interação – o olhar empático, o aperto de mão, o abraço, a união de vozes para clamar e louvar – entre as pessoas reunidas. É, pois, possível afirmar que Deus se torna presença viva na irmã e no irmão que interagem conosco no Culto. Nas palavras de Phil Bosmans, Deus te olha pelos suaves olhos de cada pessoa que te compreende. Ele está presente em cada boa palavra que te consola e que te dá suporte. Ele é a mão em teu ombro que te anima e com carinho te corrige quando andas por caminhos escuros.

Disso decorrem duas perguntas fundamentais: qual é o conteúdo do que denominamos história da salvação, a qual é dramatizada no Culto? E qual é o recurso disponível para bem organizar e usufruir desse diálogo com Deus trino e entre a comunidade reunida em Culto, tendo por base a dramatização da história da salvação?

A Escritura – fonte de onde se bebe na reunião comunitária – nos fala de um Deus Criador cuidadoso, próximo, parceiro de caminho e salvador. Deus criou o que existe, inclusive o ser humano. E, para Deus, a Criação foi boa (Gênesis 1 e 2). Por isso, quando a Criação é ferida, Deus intervém. Êxodo 3.7s é um exemplo emblemático disso. Diante da escravidão de seres humanos, Deus viu a dor e ouviu o gemido. Ato contínuo, desceu – incumbindo gente – para tirar da escravidão e conduzir para a liberdade.

Deus quer a liberdade física, mas quer igualmente a alma (o sentido de viver) leve, alegre. Em Jesus, oferece a oportunidade do perdão para recomeçar (Atos 2.36ss) e aponta a perspectiva da eternidade, apesar da morte (1 Coríntios 15.18-20). E é Deus mesmo, por meio de Jesus, quem busca e motiva para o diálogo. Ele quer falar, mas prefere antes ouvir. Diante dos cegos que clamavam, "Jesus parou, chamou-os e perguntou: — O que vocês querem que eu lhes faça?" (Mateus 20.32).

O Culto é lugar e tempo oportunos para dialogar e dramatizar – com Deus e entre irmãs e irmãos na fé – tendo por base a história da salvação. E qual é o recurso disponível para isso? A Liturgia, o conjunto de elementos e formas para organizar e vivenciar um Culto. Como se faz isso?

A Liturgia para o Culto na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) está descrita e explicada no seu *Livro de Culto*. Ela está subdividida em quatro partes: Entrada, Palavra, Ceia do Senhor e Saída. Cada parte compreende um conjunto de elementos. A seguir, serão destacados alguns elementos de cada uma delas para ilustrar como pode ser moldada a dramatização da história da salvação.

Jesus acolheu e abençoou crianças e pessoas cegas; ensinou a levantar as agredidas; sentou-se com as desprezadas. Diante do pecado, fruto da condição humana, Deus chama para o arrependimento e oferece o perdão. Não por mérito, mas por compaixão. Em meio aos dramas da existência, os anjos de Deus são enviados para anunciar nova vida e paz em meio à dor (Lucas 2.10-12). Em Jesus, Deus está prioritariamente onde a vida dói.

Pois essa não foi a realidade humana apenas há dezenas de séculos. Essa é a condição humana hoje! E é isso que, na Liturgia do Culto cristão, se pode dramatizar para vivenciar. Na Liturgia de Entrada, por exemplo, há espaço para confessar o pecado e ouvir o anúncio do perdão. No Kyrie, apresentamos a Deus e à comunidade as situações em que a vida dói, seja na família, seja na cidade, seja lá longe da gente, mas que sempre é dor de gente. O Gloria in excelsis é o momento para expressar gratidão e louvor, pois Deus está aqui tão certo como o ar que eu respiro; porque Deus não nos deixa cair mais fundo do que a sua mão nos alcança (Rodolfo G. Neto).

Na Liturgia da Palavra, a comunidade ouve as leituras de textos bíblicos, seguidas pela interpretação, a prédica. Normalmente, um dos textos lidos é focado. O objetivo é compreendê-lo a partir do seu contexto: foi escrito para quem? Com que intenção? O passo seguinte é relacionar a mensagem do passado com o contex-



to no qual a comunidade está inserida. O que a mensagem daquele tempo diz para nós hoje? E então se olha para o horizonte: qual o consolo da mensagem em meio às nossas dores? Qual a esperança? Em que sentido ela orienta para o nosso testemunho diaconal? Que impulsos a mensagem identificada dá para a comunidade se engajar na Missão de Deus?

A Liturgia da Ceia do Senhor é um recurso fantástico para rememorar e, de certo modo, reviver o que Jesus vivenciou ao longo da sua atuação, culminando com a Semana Santa. A começar pelo ofertório. O pão e o fruto da videira (vinho e suco) representam, por um lado, toda a generosidade de Deus no sustento da dignidade humana; por outro lado, carregam consigo toda a injusta distribuição do fruto do trabalho humano. Ao mesmo tempo, os elementos da Ceia são para quem dela participa a presença viva do Jesus amigo, presente, solidário e compassivo, e do Cristo Rei salvador, sustento da fé nos caminhos da Missão de Deus. Pois é isso que os elementos da Liturgia da Ceia – Oração Eucarística, Gesto da Paz e Comunhão – viabilizam rememorar, isto é, recordar, reafirmar, celebrar, reatualizar, como se fôssemos partícipes diretos da história da salvação, o que, em última análise, expressamos ao confessar o Credo Apostólico.

A Liturgia do Culto na IECLB culmina com a bênção final. Normalmente, a chamada bênção araônica é utilizada nesse momento (Números 6.24-26). Nada impede fazer uso de outras formulações. De todo modo, a bênção que Arão pronunciou sobre antigas pessoas escravas, quando estavam para seguir caminho e viver a liberdade na terra com abundância de leite e mel (Deuteronômio 26.9), expressa o quanto a Liturgia como recurso para dramatizar a história da salvação reafirma que grande é a misericórdia de Deus para conosco e que a sua fidelidade dura para sempre (Salmos 117.2). E essa é a razão que nos faz deixar o local do Culto para sermos pessoas misericordiosas como Deus tem misericórdia de nós (Mateus 5.7).

Há uma prática comunitária e litúrgica na IECLB que expressa de forma plástica a dramatização da história da salvação: seu fundamento e sua razão de ser em Jesus, e como nós somos dela partícipes. Referimo-nos à chamada oração em memória. Num período de tempo após um falecimento, a pessoa falecida é lembrada no Culto comunitário, e a comunidade ora pela família enlutada. E essa rememoração normalmente é marcante. Ela está permeada por emoção, dor e lágrimas. Mas também é oportunidade que aponta para a cruz vazia, lembra a Páscoa, anuncia esperança, cria espaço para o abraço solidário em meio à dor, com o olhar fixo no horizonte em que desponta a ressurreição. Isso é dramatizar a história da salvação – ainda hoje!

A riqueza da Liturgia do nosso Culto não reside no seu conjunto de elementos disponíveis em si e por ser uma decisão de Concílio, mas no fato de servir de recurso para recontar e vivenciar a história da salvação. Para isso, esses elementos da Liturgia precisam (a) ser moldados (e não copiados), construídos a cada Culto, (b) à luz da Palavra indicada, fonte da história da salvação, (c) em diálogo com o contexto em que a comunidade reunida vive.

Música no Culto: comunhão, pertencimento e vivência concreta e coletiva da fé

Cat. Dr. Louis Marcelo Illenseer
Musicista Ma. Daniela Weingärtner

Introdução

A música ocupa um lugar central na tradição luterana, constituindo-se como uma linguagem privilegiada para a vivência, a expressão e a comunicação da fé. Nos Cultos luteranos, quase sempre há alguém tocando um instrumento ou conduzindo o canto da comunidade. Isso porque **o principal espaço da música na tradição luterana é o Culto da comunidade**. Mais do que um elemento estético ou um recurso litúrgico, a música



constitui uma das principais formas de participação comunitária na pregação do Evangelho, pois serve como expressão de fé da comunidade e possibilita a conexão entre as pessoas e Deus, gerando pertencimento.

Culto e Música no Novo Testamento

Culto e música estão presentes na caminhada de Jesus. Em um dos momentos mais tensos da vida terrena de Jesus, em meio ao processo de sua prisão e posterior crucificação, lemos o relato de Mateus 26.30: "E, tendo cantado um hino, foram para o Monte das Oliveiras". Na carta do apóstolo Paulo aos Colossenses, a música é presença na vida comunitária. Orienta-se que a comunidade de Colossos, a partir da Palavra de Cristo, faça sua expressão de louvor com o canto: "Que a Palavra de Cristo permaneça em vocês, com toda a sua riqueza, de modo que possam instruir-se e aconselhar-se mutuamente com toda a sabedoria. Inspirados pela Graça, cantem a Deus, de todo o coração, salmos, hinos e cânticos espirituais" (Colossenses 3.16). O canto é a consequência da ação da Palavra de Deus na vida da comunidade, expressão do louvor do coração das pessoas, com emoção, mas também com discernimento a partir da sabedoria que provém da Palavra de Deus.

O lema escolhido pela IECLB para aprofundar o tema da Celebração, que vem do Evangelho de Mateus, **demonstra que Deus está presente no Culto da vida, no encontro entre duas ou três pessoas**. Jesus, o **Deus Emanuel** – Deus conosco –, está presente no encontro das pessoas, que, cativadas pela fé, encontram-se para celebrar o profundo e infinito amor de Deus. Este versículo não apresenta diretamente algo sobre a música ou o musicar, mas apresenta a dinâmica da comunicação entre Deus e as pessoas crentes no Evangelho que pode e deve ser feita também através da música.

A comunicação ocorre como celebração, pois Deus desce dos céus até nós. Este descer é presente no Verbo que se faz carne (João 1). O Verbo é o Deus "Emanuel", Deus presente na vida do povo, que desce como Espírito Santo e promove a comunicação da vontade triúna para a comunidade de seguidoras e seguidores de Cristo, comunicando sua vontade através da pregação da Palavra e da administração dos sacramentos. **A música, nessa dinâmica comunicacional, é tanto dádiva divina quanto expressão da comunidade de todas as pessoas crentes**. Logo, assim como em Mateus 26.30 ou Colossenses 3.16, justifica-se o uso do canto, registrado no Novo Testamento, como marco para a pregação do Evangelho com a participação da comunidade.

A Reforma Protestante

A Reforma Protestante do século XVI efetiva este marco fundamental. Antes dela, grande parte da música litúrgica era executada por pequenos grupos, limitando muito a participação da comunidade. Lutero promoveu uma profunda transformação ao defender que toda a comunidade deveria participar ativamente da vida litúrgica, incluindo o canto. Para o reformador, a música era um dom de Deus e uma forma privilegiada de proclamação do Evangelho.

A tradução dos textos litúrgicos para a língua do povo e a composição de corais congregacionais permitiram que mulheres, homens, crianças e pessoas idosas participassem do Culto não apenas como ouvintes, mas como sujeitos ativos da celebração. Nesse contexto, cantar tornou-se uma prática de democratização da experiência religiosa, pois, através do canto, o Culto deixou de ser algo realizado para a comunidade e passou a ser realizado pelas vozes da comunidade. A música passou a expressar também a compreensão eclesiológica de que todas as pessoas batizadas são parte do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes. O canto comunitário tornou-se, assim, um espaço privilegiado de encontro entre Deus e seu povo e das pessoas entre si.



O Musicar como expressão da fé a partir das práticas musicais comunitárias

Essa perspectiva encontra ressonância nas reflexões de Christopher Small sobre o significado de **musicar.** Para esse antropólogo musical, a música não deveria ser compreendida primordialmente como objeto, mas como ação. Musicar[2] significa participar, de qualquer forma, de um acontecimento musical. Seja tocando, cantando, ouvindo, organizando o espaço ou compondo, todas as pessoas que são movidas por essa música fazem parte desse processo. Assim, o sentido da música não reside apenas nos sons produzidos, mas nas relações que são estabelecidas entre as pessoas envolvidas. Pensando no contexto litúrgico, **o conceito de musicar permite compreender o Culto como uma rede de relações construída por meio da prática musical.** Quando a comunidade canta, ela não apenas expressa conteúdos teológicos, mas encena e experimenta relações de comunhão. O canto congregacional torna-se tanto um espaço quanto uma ação nos quais as pessoas reafirmam que pertencem ao corpo de Cristo e, através de suas vozes, vivenciam a dimensão comunitária da fé. O musicar litúrgico cria e fortalece vínculos, produzindo sentidos compartilhados e vivência concreta e coletiva da presença de Deus.

O canto comunitário é a voz da comunidade. Dietrich Bonhoeffer diz que "à oração do salmo e à leitura da Bíblia associa-se o *canto conjunto*, e nele ouve-se a voz da Igreja que louva, agradece e ora."[3] A comunidade reunida, em nome e na presença de Deus, se torna um só corpo. As pessoas não se relacionam umas com as outras apenas a partir de afinidades ou interesses particulares, mas porque são reunidas por Deus também através da música, que é, afirmamos, dádiva e posterior proclamação da Palavra.

Culto e música na IECLB

As dimensões comunitárias e agregadoras da música tornam-se particularmente evidentes na história da Igreja luterana no Brasil. As pessoas imigrantes alemãs que chegaram ao país a partir do século XIX trouxeram consigo não apenas tradições religiosas, mas também repertórios musicais que desempenharam papel fundamental na preservação da identidade cultural e religiosa. Em um contexto marcado pela distância da terra natal, pela adaptação às novas condições de vida e pelos desafios da colonização, **o canto comunitário tornou-se um importante elemento de coesão social e de ação promotora do encontro**. Os hinos cantados nas comunidades não representavam apenas expressões de fé. Eles carregavam memórias, narrativas familiares, experiências coletivas e referências culturais que conectavam as pessoas às suas origens. A música funcionava como ponte entre passado e presente, entre a terra deixada para trás e a nova realidade construída no Brasil.

À medida que as comunidades luteranas se enraizaram no contexto brasileiro, novos elementos culturais passaram a integrar as práticas musicais. Esse processo evidencia que a tradição não consiste na simples repetição do passado, mas em sua constante recriação diante das demandas do presente. Sob essa perspectiva, a música litúrgica não é apenas representação da fé, ela é prática de fé. Por meio do canto, da escuta e da participação corporal, a comunidade experimenta aquilo que proclama.

A música torna-se espaço de presença, onde a fé é vivida de forma concreta e encarnada. Ela possibilita que as pessoas experimentem comunhão, esperança, consolo e compromisso comunitário. No contexto contemporâneo, essa compreensão desafia as igrejas luteranas a cultivarem práticas musicais que favoreçam a participação efetiva da comunidade e dialoguem com as realidades culturais locais. Ser uma Igreja contextual

[2] "Musicar é tomar parte, em qualquer capacidade, de uma performance musical, seja se apresentando ou ouvindo, ensaiando ou praticando, oferecendo material para a performance (o que também se chama composição), ou dançando. Podemos por vezes até estender o significado do musicar às atividades das pessoas que verificam os ingressos na porta, ou das pessoas que movem o piano e a bateria, ou dos roadies que deixam os instrumentos preparados e fazem as checagens de som, ou dos faxineiros que limpam tudo depois que todos foram embora. Eles também estão contribuindo para a natureza dos eventos de uma performance musical." SMALL, C. Musicking: The Meanings of performing and listening. Hanover: University Press of New England, 1998, p. 9. [tradução nossa].

[3] BONHOEFFER, D. Vida em Comunhão. 7. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p. 46.



implica reconhecer que o Evangelho pode ser cantado com diferentes ritmos, sotaques, instrumentos e expressões musicais. A fidelidade à tradição não exige uniformidade estética, mas compromisso com a participação comunitária e com a proclamação do Evangelho em linguagens significativas para cada contexto.

A música no Culto permanece como um dos principais espaços em que a comunidade vivencia sua identidade e sua missão. Ao promover a participação, fortalecer o pertencimento e favorecer o encontro entre as pessoas e Deus, ela não apenas acompanha a liturgia, mas contribui para constituí-la como acontecimento comunitário. À luz do conceito de musicar, das reflexões sobre comunidade e da compreensão performática da Liturgia, a música revela-se uma prática que cria vínculos, torna visível a comunhão cristã e atualiza a tradição no presente. Em uma sociedade marcada pela fragmentação e pelo individualismo, o canto comunitário testemunha que a fé se realiza na relação e na participação, fazendo da comunhão uma experiência vivida e do Culto um espaço concreto de encontro com Deus, presente onde dois ou três estiverem reunidos em seu nome.

Prática da música no Culto

O canto comunitário, como expressão da coletividade do povo crente em meio a um mundo marcado pelo individualismo, é uma das principais forças que não deveriam jamais ser excluídas do processo do musicar comunitário. Os grupos musicais devem facilitar o canto da comunidade. Questões de volume do som e de organização do espaço litúrgico devem priorizar o canto da comunidade, pois, ao cantar, a pessoa (em comunhão com outras pessoas) canta e ajuda a pregar o Evangelho, favorecendo a prática do sacerdócio geral.

O espaço litúrgico não tem a mesma função que um palco; logo, a música do Culto não é uma música de show, mas uma música de integração, de congregação. Por isso, não se deve excluir ninguém, por motivos estéticos ou musicais, do fazer musical da comunidade, no momento do Culto, pois o Culto é o espaço de pertencimento, e todas as pessoas são livres para expressar sua fé através do canto. A condução musical deve facilitar o louvor do povo, e não ressaltar a intenção da performance por parte de lideranças e grupos de música.

Conduzir o canto comunitário é a tarefa principal da pessoa que é chamada, voluntária ou profissionalmente, ao ministério da música nos Cultos luteranos. Assim, os coros que cantam canções a quatro vozes deveriam ensaiar também os hinos em uníssono do Culto, para auxiliar a comunidade a cantar com mais vigor, e os grupos instrumentais deveriam auxiliar a condução da música do Culto.

A criação de novas canções para uso na comunidade deveria levar em conta o contexto, a cultura e a praticidade do canto comunitário. Há inúmeros e belíssimos hinos que são entoados, mas somente por grupos profissionais. Devemos valorizar também a música de concerto ou de apresentação, mas o foco da ação musical, no Culto da comunidade, é o canto da comunidade, por todos os aspectos teológico-práticos mencionados acima. A presença do Deus Emanuel precisa ser evidenciada com o canto da comunidade, que se sabe carente do amor divino e que participa da proclamação do Evangelho quando canta.

Celebrar o amor de Deus é, portanto, mais do que cantar sobre ele: é tornar esse amor visível na experiência concreta da comunidade reunida. Quando duas ou três pessoas se encontram em nome de Cristo e unem suas vozes em oração, louvor e proclamação, a música torna-se sinal da presença do Deus Emanuel, fortalecendo a comunhão, o pertencimento e o testemunho do Evangelho no mundo. Por isso, concluímos este breve estudo com uma criação coletiva, realizada em um dos principais encontros de formação musical da IECLB, o Seminário de Música de Rodeio 12, que já tem uma caminhada de 34 anos. Lá, um grupo de pessoas que participou da oficina de composição criou o texto e a melodia a seguir, em junho de 2026, que seguem a temática proposta pela IECLB para 2027.



Entre nós

Quando o medo mais alto falar, entre nós ele está
Quando o coração apertar
Entre nós ele está
Em todo momento ele mostra o caminho e acalma o nosso temor
Ele está no meio de nós
Ele está (ele está)
Entre nós (entre nós)
Seu amor fortalece o viver
Sua graça nos move a servir
Ele está (ele está)
Entre nós (entre nós)
É presença que faz comunhão, entre nós ele está
Entre sombras, tempestades, entre nós ele está
Quando a fé oscilar, entre nós ele está
Em todo momento ele mostra o caminho e acalma o nosso temor
Ele está no meio de nós
Ele está (ele está)
Entre nós (entre nós)
Seu amor fortalece o viver
Sua graça nos move a servir
Ele está (ele está)
Entre nós (entre nós)
É presença que faz comunhão, entre nós ele está.

Grupo de composição da Paróquia São Marcos de Pomerode/SC

Bárbara Siewert de Moura
Isabela Siewert de Moura
Ivan Falk
Nicole Nataly Falk
Valentina Falk
Louis Marcelo Illenseer

Clique aqui para acessar a partitura da música *Entre nós* ou acesse o *QR-Code* ao lado.



Liturgia como serviço do amor: o espaço que sustenta a celebração

P. Dr. Éder Beling

Inicio este texto lembrando as palavras de Lutero em sua pregação por ocasião da dedicação da Igreja do Castelo em Torgau, conhecida também como Fórmula de Torgau, na qual ele afirma um critério simples para o espaço de Culto. Ele diz:

> *"[...] que nenhuma outra coisa se suceda ali, que não seja que o nosso amável Senhor mesmo fale conosco através da sua Santa Palavra, e nós, por outro lado, falemos com Ele por meio da oração e de cânticos de louvor. [...].*

Celebrar o amor de Deus é mais do que refletir sobre um tema teológico: é deixar-se reunir, sustentar e transformar por esse amor. No centro dessa celebração está o Culto, lugar onde Deus se dirige à comunidade com sua Palavra, oferece perdão e vida, alimenta com seus dons e envia para o serviço no mundo. O Lema Bíblico do Tema do Ano 2027 – o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mateus 20.28) – aponta para o coração do Evangelho e orienta o modo como a comunidade celebra. Deus se aproxima servindo, e a celebração do Culto nasce dessa ação primeira de Deus, na qual Deus fala conosco por meio da sua Santa Palavra e nós, como pessoas batizadas, respondemos com oração e louvor.

No espaço litúrgico do clamor e da adoração, o povo de Deus é convidado a aprender sobre o significado do amor de Deus. Esse espaço pode ser qualquer local em que as pessoas se reúnem para orar e louvar. Por isso, espaço litúrgico não é apenas o prédio da igreja ou a arquitetura do templo. Estão inclusos o salão comunitário, a capela simples, a sala emprestada, a casa, o pátio ou qualquer lugar onde a comunidade se reúne em nome de Deus. Mais do que um simples cenário, o espaço faz parte da linguagem do Culto: é espaço que comunica, assim como as pedras vivas que clamam (Lucas 19.40), antes mesmo das palavras, o que a comunidade confessa e celebra.

O Culto é, à luz de Mateus 20.28, o encontro com o Cristo que serve. Por isso, o espaço litúrgico precisa favorecer esse movimento: Cristo no centro, a comunidade reunida como corpo de Deus e a celebração que conduz ao serviço do amor (Mateus 22.37-39). Mas, se o espaço reforça distâncias excessivas, centraliza-se somente em performance ou dificulta a participação, corre-se o risco de transformar o Culto em algo assistido, e não vivido. Quando, ao contrário, o espaço se torna instrumento de acolhimento, organização e orientação da celebração, ele ajuda a comunidade a perceber o amor de Deus em ação.

Tradicionalmente, o espaço do Culto cristão se organiza em torno de sinais, ou espaços litúrgicos, que expressam como Deus nos serve: a Palavra proclamada (lugar da Palavra), a Mesa compartilhada (lugar da Comunhão) e a Fonte do Batismo (lugar do Batismo). Esses centros não precisam de estruturas sofisticadas. Mesmo em contextos simples, é possível valorizar o significado simbólico do lugar da leitura bíblica e da pregação, do espaço da mesa da Ceia e da memória e do sinal de acolhimento por meio da água batismal. O essencial é reconhecer: Deus fala, Deus alimenta, Deus chama e envia.

O lugar da Palavra lembra que o Culto começa com a iniciativa de Deus, que chama a ouvir a sua voz, a do Bom Pastor (João 10). A Bíblia, lida e anunciada, não é apenas um texto informativo, mas Palavra viva de Deus dirigida ao seu povo; é a viva voz do Evangelho, como Lutero dizia. Por isso, o cuidado com a escuta, a visibilidade e a dignidade da leitura e anunciação do Evangelho é parte do serviço litúrgico. A mesa do Senhor aponta



para a gratuidade do amor de Deus, que acolhe todas as pessoas, sem distinção. Esse espaço é um convite à comunhão, à partilha e à ação de graças. A pia batismal recorda que a Igreja de Jesus, que vive sua fé nas comunidades, nasce do Batismo e vive dele, chamada a uma vida nova marcada pela Graça e pelo compromisso por meio do agir do Espírito Santo.

Além desses elementos, a própria assembleia reunida é espaço litúrgico no qual se responde ao Evangelho e se louva a Cristo. A disposição de bancos ou cadeiras, a circulação durante a celebração, a proximidade ou distância entre as pessoas que celebram e a comunidade, tudo isso influencia a participação na Missão de Deus vivenciada no espaço de Culto. Um espaço que favorece a visão, a escuta e a resposta conjunta auxilia a comunidade a cantar, orar e celebrar de forma mais envolvida. Acolhida e acessibilidade também fazem parte da celebração do amor de Deus: crianças, pessoas idosas, pessoas com deficiência e quem chega pela primeira vez precisam encontrar lugar e dignidade no espaço do Culto.

Cuidar do espaço litúrgico é tarefa amorosa para com Deus e para com as pessoas que se reúnem para louvar, aprender, cantar e comer. Simplicidade, organização e beleza humilde comunicam respeito e gratidão pelo que Deus nos oferece por meio de Jesus. Por isso, pequenos gestos – as flores do quintal, o uso de paramentos com as cores do tempo litúrgico, uma cruz simples, iluminação e acústica adequada – podem fortalecer a experiência celebrativa. Quando se pensa no espaço de Culto, uma pergunta que oferece orientação é: isso ajuda a comunidade a celebrar o amor de Deus?

Celebrar o amor de Deus em Culto implica coerência entre fé e vida. O espaço litúrgico deve apontar para além de si, lembrando que o serviço recebido de Deus se transforma em serviço ao próximo, em diaconia. Assim, o Culto não termina com a bênção final, mas continua nos gestos de amor, no cuidado, na justiça e na missão cotidiana da comunidade.

A reflexão sobre o espaço litúrgico convida a um olhar atento e esperançoso sobre o que já existe e sobre o que se deseja renovar ou construir. Quando o espaço serve à celebração do amor, comunica acolhimento e mantém a centralidade do Evangelho, ele se torna instrumento para que a comunidade experimente, celebre e testemunhe o amor de Deus revelado em Jesus Cristo – aquele que veio para servir e dar a sua vida em resgate por muitos. Assim, os espaços litúrgicos também se tornam reconhecíveis para as pessoas que buscam em Jesus orientação e vida nova.

Pessoas vivem sempre na relação entre tempo e espaço. Não existe fé desencarnada ou fora da realidade concreta. O espaço é vivenciado, experimentado, sentido com o corpo. Ele carrega memórias, emoções e histórias de vida. Assim, o espaço litúrgico é um lugar onde a comunidade não apenas se reúne, mas se reconhece, rememora e projeta sua fé no presente e no futuro – lugar onde a comunidade encontra sentido, memória e esperança.

Sugestões de reflexão para a realidade comunitária

Celebrar o amor de Deus é permitir que Cristo esteja no centro – o Cristo que serve. Quando o espaço ajuda a comunidade a receber esse serviço com alegria e a responder com fé ativa, ele cumpre sua vocação: ser casa de encontro, espaço de gratidão e ponto de partida para a Missão.

- Mapeie o que o espaço comunica. Faça um "passeio" pelo local do Culto como se você fosse uma pessoa visitante. O que aparece primeiro? O que chama atenção? O que acolhe? O que ofusca a centralidade de Cristo?
- Defina o centro. Em qualquer lugar (templo, salão ou casa), pode-se ajudar a comunidade reunida a perceber onde estão a Palavra, a Mesa e o Batismo. Mesmo com recursos simples, é possível dar clareza simbólica.





- Organize a circulação. Procissões, distribuição da Ceia, bênçãos, batismos e momentos de oração precisam de caminhos possíveis. Por isso, é importante perceber onde há barreiras desnecessárias.
- Cuide da escuta. Som, microfone e acústica são meios pelos quais a viva voz do Evangelho ressoa; por isso, sem escuta, a Palavra se perde. Faça testes, ajuste volumes, evite ruídos paralelos.
- Valorize ministérios/equipes litúrgicas e grupos. Leitores, música, acolhida, diaconia, Culto das crianças: quando cada serviço que auxilia usa bem o espaço e o lugar, isso ajuda na orientação da comunidade que experimenta o "Cristo que serve".
- Inclua quem costuma ficar à margem. Um bom critério é perguntar: quem tem dificuldade de participar neste espaço? Crianças? Pessoas com deficiência? Quem chega pela primeira vez? O que podemos adaptar e melhorar?
- Pratique a simplicidade intencional. Retire do espaço do Culto o que é armazenamento, propaganda ou improviso permanente. O mínimo bem feito comunica mais do que o muito desorganizado.

Para estimular uma conversa e estudo em grupo

1. O que Mateus 20.28 revela sobre o modo como Deus se aproxima de nós no Culto e seu espaço?
2. Que experiências de "ser servido por Deus" nossa comunidade reconhece com mais clareza: na Palavra, na Mesa, no Batismo, na oração, na comunhão?
3. O nosso espaço celebrativo favorece participação das pessoas? Por quê?
4. Quais símbolos visuais (cruz, Bíblia, mesa, água, cores, velas, paramentos) ajudam a comunidade a celebrar o amor de Deus?
5. Que mudanças simples (de baixo custo) poderiam ser realizadas para tornar o espaço mais acolhedor, acessível e coerente com o foco no Culto?
6. Como o espaço de Culto promove Cristo?

Referências

BELING, É. Liturgia e Arquitetura: espaço, arte e fé no lugar de culto. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.
LUTHER, M. 1544. Nr. 35. Predigt bei der Einweihung der Schloßkirche zu Torgau erhalten 1544, gedruckt 1546. In: LUTHER, M. D. Martin Luthers Werke: kritische Gesamtausgabe. 49. Band. Weimar: Hermann Böhlaus Nachfolge, 1913.



SEÇÃO IV – TEMAS RELACIONADOS

O Culto na Metrópole

P. Dr. Éder Beling[4]
Pa. Ma. Sandra Kamien Tehzy[5]

"São as ruas da cidade,
caminhos entre o sim e o não.
Esperanças, tantos sonhos,
desencontros, dores e solidão.
Mas podem também servir de caminhos de volta pra casa, onde a paz e a vida podem, enfim se encontrar"[6]

Ao refletirmos sobre o culto urbano, vale comparar nossas metrópoles com a Jerusalém do tempo de Jesus. Estudos recentes estimam sua população fixa em até 20 mil habitantes no período herodiano — longe dos 100 mil a 200 mil calculados no passado —, número que crescia durante as festas judaicas. Com base em achados arqueológicos e na divisão do espaço urbano, constata-se que foi nesse cenário que ocorreram a Paixão, as festividades e o ministério de Jesus, cuja mensagem rapidamente superou os limites da cidade e seu número inicial de seguidores.

O essencial é a mensagem da cruz: a graça desmedida, o serviço e o anúncio da Palavra de Deus, o *kerygma*. Esses elementos sintetizam o culto e percorrem os acontecimentos da entrada de Jesus em Jerusalém à ressurreição, às aparições, à ascensão quarenta dias após a Páscoa e ao envio do Espírito Santo, que chama à fé e ao batismo (At 2). O culto atualiza esses momentos centrais da vida de Jesus em qualquer contexto, da Jerusalém antiga às cidades brasileiras. O Evangelho permanece o mesmo na liturgia, na Ceia, no batismo e no discipulado, enquanto a música pode reunir hinos tradicionais, novas melodias e diferentes formas de celebrar o amor de Deus.

A influência das metrópoles ultrapassa seus limites geográficos, impactando as esferas social, econômica, habitacional, simbólica e psicológica da vida, além de afetar quem vive fora delas por meio da mídia e dos serviços especializados. Diante dessa dinâmica e das pressões urbanas — como rotinas aceleradas, desafios de trânsito e constante exposição à violência —, o culto muitas vezes concorre com agendas atarefadas. No entanto, os fiéis continuam a buscar nesses encontros um espaço de reconexão espiritual e aproximação de Deus por meio da Palavra, da comunhão e dos sacramentos.

Celebrar o culto na metrópole é perguntar, como Jesus no caminho de Emaús: "O que é que vocês estão conversando pelo caminho?" (Lc 24.17). O diálogo dos discípulos tratava da ação de Deus em Jerusalém e do que sucedera com Jesus. Atualizar essa memória é aproximar sua mensagem das pessoas e, pela força do Espírito Santo, despertar louvor pela salvação recebida na cruz. Mais importante que o número de participantes é o chamado à reconciliação e ao perdão onde duas ou três pessoas se reúnem. A narrativa de Emaús testemunha o anúncio central da fé: Jesus Cristo foi entregue à cruz, morreu, foi sepultado e, conforme a promessa de Deus, ressuscitou no terceiro dia. Em meio ao medo e à angústia, os discípulos reconheceram essa esperança, retornaram a Jerusalém e se entregaram ao serviço de amor.

[4]Éder Beling é doutor em Teologia pela Faculdades EST e Pastor da IECLB.
[5]Sandra Kamien Tehzy é Bacharel em Teologia pelas Faculdades EST, Licenciada em Pedagogia e História pela UNIPAR. Mestre em Teologia, pelas Faculdades EST. Doutoranda no PPGDRS pela Unioeste/PR. Bolsista CAPES. Pastora e Coordenadora da Missão na Metrópole/IECLB.
[6]Livro de Canto da IECLB (LC, 557 (Soraya H. Eberle e Cláudio Kupka)



O que as pessoas estão conversando sobre o Culto nas Metrópole?

"No encontro, na partilha,
há tempo pra viver o amor". [7]

Nas cidades contemporâneas, a aceleração, o excesso de estímulos, os longos deslocamentos e as rotinas sobrecarregadas favorecem a solidão, a despersonalização e a perda de sentido. Nesse contexto, o culto comunitário deixa de ser mera obrigação institucional e se torna espaço de ancoragem espiritual, comunhão e reconexão com o sagrado.

A Pesquisa de Percepção sobre a presença e a atuação da IECLB, realizada com 1.731 pessoas nas maiores cidades do país, indica que a busca pela comunidade de fé é movida por clareza e profundidade teológica, qualidade musical e litúrgica, acolhimento, cuidado e pertencimento.

1. A Pregação e a Liturgia: Ancoragem teológica diante da volatilidade urbana

Nesse horizonte, a pregação ocupa posição central e revela alcance transversal entre diferentes gerações e grupos sociais.

Em meio à volatilidade das informações, a pregação é a principal expectativa no culto comunitário: reúne 30,62% das citações, com 1.258 indicações diretas, e mantém relevância entre diferentes gerações e grupos sociais.

A valorização da mensagem bíblica pregada demonstra uma notável estabilidade demográfica e geracional:

Dimensão analisada	Grupo	Valorização da pregação
Transversalidade geracional	Adolescentes de 11 a 14 anos	25,00%
	Jovens de 15 a 29 anos	29,48%
	Adultos de 30 a 59 anos	31,01%
	Idosos acima de 81 anos	31,25%
Equilíbrio socioeconômico e educacional	Ensino fundamental	27,64%
	Ensino médio	29,62%
	Graduação	31,12%
	Pós-graduação	30,91%
Observação	A prioridade atribuída à pregação também se mantém constante entre diferentes faixas de renda.	

Os dados qualitativos também permitem delinear o perfil de pregação esperado: fidelidade bíblica, centralidade em Cristo e preparo teológico. Nas respostas abertas, "Teologia e Doutrina" alcançou 28% de relevância espontânea, com 627 menções. O público espera pregação fiel às Escrituras, centrada em Cristo, no perdão e na graça, conduzida por pessoas com formação teológica e capaz de relacionar a Bíblia aos desafios da família, do trabalho e da ética urbana em linguagem clara e acessível.

[7] LCI, 557





A consistência teológica também se expressa na liturgia. Embora ela, isoladamente, tenha recebido 12,78% das escolhas, a identificação com a teologia e a liturgia é o principal motivo para participar da igreja, com 30,60% e 914 citações. Sua ordem e sobriedade oferecem contraponto ao caos urbano, desde que sejam vividas como prática comunitária acolhedora, e não como formalismo ou encenação.

Tabela 1: O Momento Mais Importante do Culto Comunitário (Membros/Participantes)

Momento do Culto	Total de Citações	Frequência (%)	Posição
A Pregação	1.258	30,62%	1º lugar
A Comunhão / Confraternização	806	19,62%	2º lugar
A Música	792	19,27%	3º lugar
Oração	679	16,52%	4º lugar
A Liturgia	525	12,78%	5º lugar

2. A Dimensão Estética e Comunitária: Música, Acolhimento e Pertencimento

Na dimensão estética e comunitária do culto, a música se destaca como linguagem do sagrado, meio de fortalecimento dos vínculos e espaço de diálogo entre gerações. A música, linguagem de expressão da fé e fortalecimento dos vínculos, ocupa o terceiro lugar entre os elementos do culto, com 19,27% e 792 indicações. Entre adolescentes de 11 a 14 anos, alcança 21,67%, superando oração e liturgia; entre jovens externos de 15 a 29 anos, o estilo musical e o culto atraem 14,14%, diante de 11,40% no público externo geral.

A dimensão musical ganha relevância estratégica na juventude: entre os adolescentes de 11 a 14 anos, a música alcança 21,67% das preferências, superando a oração (20,00%) e a liturgia (16,67%). Além disso, para o público externo (não membros e ex-membros), o estilo musical e o culto figuram como fator de atração religiosa para 11,40% geral, subindo para 14,14% entre os jovens de 15 a 29 anos. A valorização da música, contudo, envolve o desafio de articular a tradição coral e hinológica com linguagens contemporâneas e expressões musicais regionais.

No agrupamento qualitativo “Liturgia e Música”, com 10% de relevância e 223 citações, aparecem tanto a valorização da hinologia luterana, dos corais, dos órgãos e dos grupos de louvor quanto o desejo de estilos contemporâneos e ritmos regionais. O desafio é integrar tradição, diversidade cultural e novas linguagens sem rigidez. Eventos culturais, artísticos e musicais — como aulas de música e corais — desempenham papel relevante tanto para membros quanto para não membros da comunidade. Além do seu valor litúrgico e estético, essas práticas promovem a comunhão, o acolhimento e fortalecem o sentimento de pertencimento, atuando diretamente no enfrentamento da solidão no contexto urbano.

Em contextos marcados pelo anonimato, a comunhão é o segundo momento mais valorizado do culto, com 19,62% e 806 escolhas. Sentir-se parte de um grupo ou comunidade é também o segundo maior motivo de pertencimento eclesial, com 25,44% e 760 escolhas, chegando a 32,73% entre pessoas acima de 81 anos. Nas respostas abertas, “Acolhimento e Comunidade” liderou com 38% de relevância e 842 citações. As pessoas buscam integração sem julgamentos e um sentido de família espiritual; entre quem está fora da igreja, Diaconia, com 21,94%, e eventos como cafés e bazares, com 15,29%, aparecem como principais portas de entrada.





Tabela 2: Valorização dos Elementos do Culto por Faixa Etária (%)

Momento do Culto	11-14 anos	15-29 anos	30-59 anos	60-80 anos	81+ anos	Total
A Pregação	25,00%	29,48%	31,01%	30,58%	31,25%	30,62%
Comunhão	16,67%	21,77%	18,58%	20,66%	23,44%	19,62%
A Música	21,67%	18,59%	19,62%	19,22%	10,94%	19,27%
Oração	20,00%	14,51%	16,83%	16,65%	14,06%	16,52%
A Liturgia	16,67%	15,19%	12,65%	11,85%	14,06%	12,78%

3. Espiritualidade, Cuidado Pastoral e os Desafios do Ritmo Urbano

A oração constitui um pilar fundamental da espiritualidade e da convivência comunitária. Ela responde por 16,52% das menções relativas aos elementos do culto (679 indicações), alcançando 20,00% de adesão entre os participantes da faixa etária de 11 a 14 anos. Além disso, 14,54% das pessoas sem vínculo comunitário manifestam o desejo de ingressar em momentos de culto e oração, enquanto 16,58% dos membros recomendam a expansão de encontros dedicados à oração e ao estudo bíblico.

O suporte pastoral e comunitário, portanto, deve ir além das paredes do templo e das celebrações dominicais. No público sem afiliação religiosa, 11,64% destacam o apoio psicológico e a orientação pastoral como áreas de interesse; já no processo de acolhimento de pessoas afastadas, a visitação domiciliar e o contato pessoal representam 28,30% das preferências, somando 286 indicações. Registra-se ainda o interesse de não membros por estudos das Escrituras (15,39%) e por retiros e experiências de aprofundamento espiritual (12,21%).

O tempo, o deslocamento e o acesso reduzem a presença nos cultos: a agenda lotada é a maior barreira (28,27%), afetando 33,48% dos jovens (15 a 29 anos) e 30,23% dos adultos (30 a 59 anos). Horários inadequados (17,45%) e a distância do templo (12,21%) também impactam. Como complemento ao culto presencial, os membros sugerem a gestão profissional das redes sociais (28,46%) e a oferta de conteúdo digital luterano (27,75%).

Na metrópole, o culto articula proclamação fiel da Palavra, liturgia e música, oração, acolhimento e aconselhamento. Sua relevância missionária depende de fidelidade teológica, sensibilidade pastoral e respostas concretas à vida urbana: horários adequados, visitação descentralizada, iniciativas artísticas e comunitárias e uso qualificado das plataformas digitais. Essas ações não substituem a celebração, mas ampliam seus vínculos ao longo da semana, para que a igreja proclame a graça de Deus, fortaleça a comunhão, acolha a diversidade e acompanhe as pessoas em seus percursos cotidianos.

"Foi Cristo quem revelou o caminho...
Ele amou a cidade,
deu-lhe sua vida na cruz"[8]

[8]LCI, 557



Espiritualidade comunitária e partilhada: o Culto

Mus. Dra. Soraya Heinrich Eberle

Há uma conexão profunda entre espiritualidade e Culto. O Culto cristão não é um evento desconectado ou isolado da espiritualidade, nem mesmo da vida cotidiana. É mais que ritual, repetição ou tradição. Podemos dizer que a vida vai ao Culto, e o Culto retorna à vida. Ao mesmo tempo, em meio ao dia a dia frenético e repleto de desafios, o Culto é como um respiro libertador e renovador.

Quando pensamos em cultivar a espiritualidade, talvez nosso imaginário nos leve a práticas e exercícios individuais, intimistas ou silenciosos. Será isso? Podemos afirmar que sim – mas não exclusivamente. A espiritualidade está presente em diferentes âmbitos da vida: na meditação silenciosa e individual, nas práticas familiares, nas vivências comunitárias (aí está o Culto) e em nossa forma de ser e estar no mundo e na sociedade e de impactar os ambientes que nos cercam. Espiritualidade inclui a fé, o exercício espiritual e o estilo de vida de cada uma e cada um de nós. Assim, chamamos de espiritualidade as maneiras pelas quais a Comunidade ou a pessoa cristã, individualmente, expressa sua fé, movida interiormente pelo Espírito Santo.

A espiritualidade luterana pode ser profundamente afetiva, comunitária, contemplativa, profética e missionária justamente porque não precisa fabricar a presença de Deus. Ela parte da confiança de que Deus já veio ao nosso encontro em Cristo, pois a espiritualidade está conectada com o todo de nossa vida.

No Culto, porém, temos espaço para viver nossa espiritualidade de maneira comunitária. Como a espiritualidade ganha vida no Culto?

1. Podemos afirmar que o Culto todo é Evangelho. A Palavra do Evangelho perpassa cada elemento do Culto e está na origem de tudo aquilo que chamamos de Liturgia. Também há um fio condutor de toda a construção da Liturgia, que tem na proclamação do Evangelho o seu ponto central e gerador.
2. O Culto todo é comunicação. A comunicação ocorre ao longo de todo o Culto, em diferentes direções: Deus fala à Comunidade reunida, a Comunidade responde à fala de Deus e a Comunidade interage entre si.
3. Considerando que a oração é essa comunicação entre Deus e nós, um diálogo entre Deus e seu povo (individual ou coletivamente), podemos afirmar que o Culto inteiro, desde o primeiro até o último momento, é oração. Ali, pela fé, cremos que Deus se faz presente em escuta atenta. Cremos que o Espírito Santo sopra na Comunidade seu fôlego de vida, congregando, dando entendimento e fortalecendo. E cremos que, naquele espaço, Cristo perdoa nossos pecados (na confissão de pecados) e promove a reconciliação entre as pessoas (gesto da paz).
4. O Culto envolve a totalidade do nosso ser; também nosso corpo participa ativamente. A fé interior motivada pelo Espírito Santo se expressa exteriormente por gestos corporais específicos que demonstram reverência e devoção, como ficar de pé, em sinal de prontidão, ou sentar-se para acolher a Palavra de Deus em calma meditação. A pessoa que oficia o Culto usa expressões corporais, como o sinal da cruz (incentivado por Lutero), que é usado no início do Culto ou no anúncio do perdão para lembrar que a vida pertence à Graça de Cristo. A imposição de mãos comunica a bênção divina.

No Culto cristão luterano, a espiritualidade não é vista como uma obra ou esforço humano para alcançar Deus, mas sim como uma resposta comunitária e corporal à Graça divina recebida pela fé. O cultivo da espiritualidade, por meio de diferentes práticas (ou exercícios), sejam elas individuais ou coletivas, não é obra meritória nem condição para a comunhão com Deus. É consequência prática da misericórdia de Deus que já nos alcançou e é obra do Espírito Santo. Na perspectiva da Teologia luterana, orar, cantar e celebrar o Culto tornam-se exercícios de liberdade, destituídos de qualquer legalismo.

Os Meios da Graça estão no centro da celebração comunitária do Culto e são as ferramentas pelas quais o Espírito Santo gera e fortalece a fé: a Palavra de Deus e os Sacramentos (Batismo e Santa Ceia). São sinais visíveis da presença de Jesus Cristo.

Frequentemente escutamos pessoas dizendo que podem cultivar sua espiritualidade sem ir à igreja, sem frequentar o Culto. Embora isso seja característico de outras religiosidades, na nossa confessionalidade esse argumento não se sustenta. Nossa vivência da fé ocorre individualmente, mas se completa, se manifesta e se alimenta na vida comunitária. O Culto é espaço importante não só para compartilhar uma mesma leitura e interpretação bíblica, mas também para ser parte do corpo de Cristo, partilhando da mesma mesa na Santa Ceia. Isso está no cerne da espiritualidade cristã de confissão luterana. Em outras palavras, sem viver em comunhão, não estamos vivendo uma espiritualidade cristã luterana.

O Culto fortalece nossa espiritualidade, porque nos ajuda a perceber que não estamos sós, isoladas e isolados. Pelo contrário, fazemos parte de uma multidão que, na Comunidade local ou em qualquer tempo (desde as primeiras Comunidades cristãs) e em qualquer espaço (até os confins da terra), se reúne para celebrar a salvação em Cristo Jesus. Em Comunidade, descobrimo-nos como pessoas que fazem parte da caminhada do povo de Deus em todos os tempos e lugares – isso não é absolutamente maravilhoso?

Essa profunda experiência de espiritualidade é que encoraja, prepara e envia cada pessoa de volta à rotina, servindo a Deus com alegria no cotidiano da vida. Assim é que o Culto volta à vida, e as vivências de espiritualidade cotidiana ajudam a manter acesa a chama da comunhão com Deus e com a Comunidade, mesmo na distância. Até que nos encontremos outra vez, no próximo Culto.

Pode ser que, após ler tudo isso, você ainda se questione: por que eu não percebo essa espiritualidade no Culto? A questão é que ele precisa ser moldado de acordo com nossos contextos e nosso tempo – obviamente, alicerçado na tradição da Igreja e no fundamento do Evangelho – para que tenha significado no Brasil, em pleno 2027. Também é necessário que cada pessoa da Comunidade busque conhecer os ritos e os símbolos, as passagens bíblicas em que se baseia cada elemento e as razões pelas quais seguimos repetindo os mesmos ritos. Caso contrário, o Culto torna-se uma ação mecânica e uma participação incompleta.

A tradição das primeiras Comunidades cristãs encontrou, nos gestos e nas ações de Jesus, expressões fortes de fé e de vivência da espiritualidade. Esses gestos e ações foram se acomodando e cristalizando na prática comunitária, com o objetivo de, a cada Culto, relembrar os passos do Mestre, para repeti-los, pisar nas mesmas pegadas, viver e amar como Ele viveu e amou. Nisso, há uma espiritualidade profunda. Assim, é importante recordarmos, relermos o Evangelho e entendermos nossa prática: por que fazemos tudo o que fazemos no Culto? Como isso nos remete à centralidade de Cristo? Como isso nos ajuda, como Comunidade, a viver como Ele viveu e a amar como Ele amou?

Podemos olhar para as primeiras Comunidades cristãs e observar como elas celebraram, conforme o relato de Atos 2.42-47. Neste texto, vemos diretamente a espiritualidade de Jesus transformada em espiritualidade comunitária, em diferentes ações: ouvir, orar, compartilhar à mesa, testemunhar e agir.

Portanto, no Culto, a espiritualidade se manifesta de forma estruturada, reverente e participativa por meio de pilares teológicos e litúrgicos bem definidos. A estrutura não quer ser engessamento nem pode conter a ação do Espírito Santo, pois o Espírito não pode ser controlado por mãos humanas. Ele "sopra onde quer" e também inspira quem prepara o Culto e planeja cada detalhe do encontro da Comunidade com Deus. A estrutura é necessária em qualquer reunião de pessoas. E, com ela, reduzimos o risco de preparar o Culto à nossa imagem e semelhança, esquecendo ou omitindo partes que, justamente, são importantes para a nossa espiritualidade.

Uma sugestão final: leia os Evangelhos buscando as práticas de espiritualidade comunitária de Jesus. Leia especialmente o Evangelho de Marcos, em que vemos um Jesus de menos palavras e mais ações, marcado por caminhos, encontros, movimentos e gestos concretos que depois se refletem no Culto das primeiras Comunidades cristãs. Busque nos Evangelhos os elementos que hoje fazem parte de nosso Culto. É fascinante descobrir que eles estão lá.

Culto e Diaconia: celebrar o amor no templo e na vida

P. Dr. João Henrique Stumpf
P. Dr. Rodolfo Gaede Neto
Cat. Dr. Louis Marcelo Illenseer

"Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mateus 18.20). O Lema Bíblico do Tema do Ano da IECLB para 2027 nos conduz ao centro da fé cristã: Cristo se faz presente no encontro comunitário. Mas essa presença não é abstrata nem desligada da vida concreta. Quando pessoas se reúnem em nome de Jesus, reúnem-se também com suas alegrias, dores, necessidades, esperanças e responsabilidades diante do mundo criado por Deus. Por isso, celebrar o amor de Deus é reconhecer que Liturgia e Diaconia pertencem uma à outra. A celebração da fé alimenta o serviço; e o serviço ao próximo revela, no cotidiano, aquilo que a comunidade celebra diante de Deus.

A Liturgia pode ser compreendida como o conjunto de formas, tempos, gestos, símbolos, palavras e ações por meio dos quais acontece o encontro de Deus com sua comunidade (Kirst, 2011). Desde o Novo Testamento, esse encontro aparece vinculado à Palavra, à Ceia do Senhor e à comunhão da casa, espaço originário das primeiras comunidades cristãs (White, 2012; Chupungco, 1994). Assim, o Culto cristão nunca foi apenas um rito separado da vida. Ele nasce como reunião concreta de pessoas em torno da Palavra, do pão, da mesa, da oração, da partilha e da presença de Cristo.

A Diaconia, por sua vez, acontece quando a fé se torna ação, quando a fé nos move em direção a uma situação de sofrimento e nos convida a sermos instrumento de transformação daquela realidade. O termo grego diakonia remete originalmente ao servir à mesa, mas foi ressignificado pelas comunidades cristãs a partir da vida e do ministério de Jesus Cristo (Gaede Neto, 2008). Jesus é o diácono por excelência. É aquele que "não veio para ser servido, mas para servir" (Marcos 10.45). Seu serviço é marcado por compaixão, cura, acolhida e transformação. Ele toca pessoas enfermas, alimenta multidões, acolhe pessoas excluídas, denuncia estruturas injustas e anuncia a vida abundante querida por Deus (João 10.10). Seu ministério é a referência central para a Diaconia cristã. Por isso, a Diaconia cristã não se reduz à assistência pontual e descomprometida. Ela é ação motivada pela fé que, em contextos de sofrimento e injustiça, busca transformar pessoas e estruturas, colocando assim sinais do seu Reino em nosso mundo.

A história da Igreja dos primeiros séculos testemunha de modo especial uma relação extraordinariamente próxima entre o serviço cristão e o Culto, ou seja, entre Diaconia e Liturgia. Essa relação é tão próxima que os primeiros Cultos cristãos eram espaços onde a Diaconia era vivenciada e planejada. As comunidades cristãs reuniam-se ao redor da mesa para celebrar a Ceia do Senhor e, ao mesmo tempo, partilhar alimentos com quem tinha fome. Essas refeições comunitárias eucarísticas, conhecidas como ágapes ou ceias do amor, não eram um detalhe secundário da vida litúrgica; eram expressão central do Culto cristão daquelas comunidades (Georg, 2005; 2006). Nelas, quem tinha mais trazia mais, e os alimentos eram compartilhados para sustentar pessoas pobres, viúvas, órfãos, viajantes e outras pessoas vulneráveis. Essas refeições comunitárias eucarísticas, ágapes, saciavam pessoas famintas de pão e sedentas de comunhão, reuniam recursos, organizavam o cuidado comunitário e forjavam o diaconato como ministério da Igreja.



Nesse sentido, nas primeiras comunidades, a Liturgia era diaconal e a Diaconia era litúrgica. A mesa celebrada era também mesa repartida. A presença de Cristo no pão e no cálice não podia ser separada da presença de Cristo nas pessoas famintas, enfermas, estrangeiras e marginalizadas. Por isso, o conflito denunciado por Paulo em 1 Coríntios 11 é tão sério: quando pessoas ricas se fartavam e pessoas pobres ficavam sem alimento, a comunidade negava, na prática, aquilo que celebrava. Ferir a comunhão da mesa era ferir o próprio corpo de Cristo.

Também por isso, a prática do ágape possuía dimensão profética, ao apresentar uma alternativa à lógica do Império Romano. Enquanto o império era marcado por desigualdades, exclusões e hierarquias, as comunidades cristãs reuniam numa mesma mesa pessoas de diferentes condições sociais, econômicas e culturais, ou seja, a comunidade cristã anunciava que outra forma de convivência, justa e amorosa, era possível. A ceia do amor testemunhava que o amor de Deus não é apenas palavra proclamada, mas Palavra que promove vida com dignidade.

Essa memória histórica interpela a Igreja hoje. Quando o Tema do Ano convida a "Celebrar o amor de Deus", não se trata de celebrar um amor genérico, sentimental ou desencarnado. Trata-se de celebrar o amor revelado em Jesus Cristo: amor que se aproxima, serve, perdoa, cura, reparte, denuncia a injustiça e cria comunhão. Onde duas ou três pessoas se reúnem em nome de Cristo, ali ele está no meio delas; e, estando no meio, Cristo envia a comunidade para o encontro com as pessoas que sofrem. O Culto cristão, portanto, não termina na bênção final. Ele se prolonga na vida, na visita, na escuta, no cuidado, na partilha, na defesa da dignidade humana e no compromisso com toda a Criação de Deus, tão maltratada.

Celebrar o amor de Deus, à luz de Mateus 18.20, é redescobrir que Cristo está no meio da comunidade reunida, mas nunca como posse privada da comunidade. Ele está no meio como Palavra que convoca, como pão que se reparte, como perdão que reconcilia, como presença que consola e como Senhor que envia. A comunidade que se reúne em seu nome torna-se sinal visível desse amor quando transforma sua celebração em hospitalidade, sua mesa em partilha, sua oração em cuidado, sua música em esperança e sua bênção em compromisso.

Por isso, Diaconia e Liturgia não devem ser tratadas como departamentos separados da vida da Igreja. Elas são duas dimensões de uma mesma fé. A Liturgia sem a Diaconia corre o risco de tornar-se ritual vazio, incapaz de escutar os clamores do mundo. A Diaconia sem Liturgia corre o risco de perder sua fonte espiritual, sua mística e sua esperança. Unidas, porém, tornam-se celebração concreta do amor de Deus: oração e ação, mesa e serviço, comunhão e missão. Onde duas ou três pessoas se reúnem em nome de Cristo, ali ele está. E onde Cristo está, o amor de Deus se torna presença celebrada, pão repartido e vida cuidada.

Referências

CHUPUNGCO, A. J. Música litúrgica y sus marcos culturales en la época primitiva. In: FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. Diálogo entre culto y cultura: informes de las consultas internacionales Cartigny, Suiza, 1993 y Hong Kong, 1994. Genebra: Federación Luterana Mundial, 1994.
GAEDE NETO, R. Diaconia. In: BORTOLLETO FILHO, F. et al. Dicionário Brasileiro de Teologia. São Paulo: ASTE, 2008.
GAEDE NETO, R. Diaconia e cuidado nos primeiros séculos do cristianismo. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 55, n. 2, jul. 2015.
GEORG, S. Diaconia e culto cristão: uma unidade essencial com consequências para a vida das comunidades cristãs. Tear: liturgia em revista, São Leopoldo, n. 18, 2005.
GEORG, S. Diaconia e culto cristão: o resgate de uma unidade. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; Centro de Recursos Litúrgicos, 2006.
KIRST, N. Liturgia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, C.; ZWETSCH, R. Teologia Prática no contexto da América Latina. São Leopoldo: Sinodal, 2011.
TEIXEIRA, F. Uma eclesiologia em tempos de pluralismo religioso. In: TOMITA, L. E.; BARROS, M.; VIGIL, J. M.; ASSOCIAÇÃO ECUMÊNICA DE TEÓLOGOS/AS DO TERCEIRO MUNDO. Teologia latino-americana pluralista da libertação. São Paulo: Paulinas, 2006.
WHITE, J. Introdução ao culto cristão. São Leopoldo: Sinodal, 2012.



O culto na era digital

P. Dr. Emilio Voigt |

Nossa vida está cada vez mais digital. Se você tem carteira de habilitação, não é necessário ter a versão impressa: basta apresentar sua CNH digital. E não apenas ela! Há muitos outros documentos e serviços disponíveis dessa forma.

Pense nas coisas que você faz e em tudo o que acontece por detrás de uma simples tela de celular ou computador. Você conversa com pessoas, envia e recebe notícias, assiste a vídeos, assina documentos, estuda, trabalha, faz compras e transações bancárias. Tudo isso é digital – e é real.

Provavelmente você também já participou de um Culto *on-line*. Mas já parou para pensar no que significa um Culto mediado por tecnologias digitais? Aliás, que verbo você usaria neste caso? Eu participo do Culto? Eu acompanho o Culto? Eu assisto ao Culto? Afinal, o que significa celebrar Culto em ambiente digital?

O Culto precisa de mediação

O Culto sempre dependeu de transmissão e mediação, mesmo antes das tecnologias digitais. A Bíblia, o hinário, a voz e os instrumentos musicais são meios que possibilitam anunciar o Evangelho e celebrar um Culto. A eles podem ser somados o próprio espaço do Culto, microfones, caixas de som, aparelho de projeção e outros equipamentos. Para que a Palavra de Deus alcance as pessoas, é preciso algum tipo de mediação.

As tecnologias de comunicação permitiram a mediação por meio do rádio, da televisão e, mais recentemente, da internet. A transmissão de Cultos não começou com a internet e muito menos com a pandemia de covid-19. As transmissões de missas e Cultos por rádio começaram há quase um século. Na televisão, esses programas ganharam impulso na década de 1960 e se consolidaram nos anos 1970. Muito antes das redes sociais, portanto, o rádio e a televisão já permitiam que celebrações religiosas chegassem aos lares brasileiros.

A internet, entretanto, trouxe uma mudança significativa: a comunicação já não precisa ser unidirecional. Em um Culto *on-line*, é possível escrever no chat, enviar pedidos de oração ou até conversar com pessoas que estão conectadas. A mediação tecnológica deixou de ser apenas um canal de difusão para se tornar um ambiente relacional. Além disso, a Comunidade não depende de uma emissora de rádio ou televisão, nem de equipamentos sofisticados para fazer sua transmissão. Um celular e uma conexão à internet já podem transformar a Comunidade em uma "emissora". Isso foi experimentado de forma especial na pandemia de covid-19.

As formas de mediação mudam ao longo do tempo. Mas qual seria a essência permanente do Culto? E que forma litúrgica traduz o Evangelho para um determinado momento e contexto? Por isso, pensar o Culto na era digital exige olhar para além das tecnologias.

A consolidação do Culto *on-line*

A pandemia de covid-19 acelerou e ampliou extraordinariamente o uso das tecnologias na Igreja. A IECLB reagiu com muita rapidez à necessidade de distanciamento social e imediatamente surgiram iniciativas em todas as Paróquias. Cultos passaram a ser transmitidos pela internet. Gravações de músicas e áudios com mensagens de fé eram compartilhados em redes sociais. Materiais para crianças, para jovens e para celebrações em casa foram disponibilizados em formato digital. As videoconferências e transmissões ao vivo tornaram-se comuns, tanto para reuniões quanto para atividades de formação, estudos bíblicos e comunhão.

Passada a pandemia, boa parte das Paróquias continua transmitindo Cultos pela internet. Também em âmbito nacional permanece a iniciativa do Culto Nacional *On-line*, que vai ao ar todo domingo às 9h (horário de Brasília) pelo canal da Igreja no YouTube, bem como pelo Portal Luterano e pelo aplicativo da IECLB. Aquilo que começou como resposta emergencial tornou-se parte do dia a dia da Igreja.

O Culto Nacional *On-line* não se entende como concorrência aos Cultos locais, mas como uma possibilidade adicional no universo da internet. Ele é resultado do esforço conjunto de Sínodos, conselhos nacionais, coordenações da Secretaria Geral e da Presidência da IECLB.

Nas práticas atuais, *on-line* e *off-line* já se misturam e se influenciam mutuamente. Considerando que as experiências presenciais e digitais fazem parte da vida das pessoas, o desafio atual da Igreja não é mais decidir entre Culto presencial e Culto *on-line*. A questão também vai além de aprender a gravar e a transmitir Cultos pela internet. Trata-se de compreender como ser Igreja e celebrar Culto em uma cultura na qual as experiências presenciais e digitais estão cada vez mais integradas. Muitos desafios decorrem dessa nova realidade e muitas perguntas permanecem em aberto.

O local do Culto

O documento *Nossa Fé – Nossa Vida* diz que "A comunidade congrega seus membros em torno de um centro comum de Culto, pregação e celebração dos sacramentos". Em outro trecho, lemos: "O Culto acontece em local devidamente preparado, no templo ou em outro lugar". Essas duas citações pressupõem um espaço geográfico, tanto para a Comunidade quanto para o Culto. Na época da redação do documento, nem se imaginava a possibilidade de Culto *on-line*. Diante das transformações pelas quais passamos, como seria a redação deste documento hoje?

A pergunta pelo local do Culto ganhou outra dimensão com a internet. Vamos pensar na seguinte possibilidade: uma Comunidade transmite o Culto presencial e, no momento da transmissão, há 50 dispositivos conectados fora do templo. Algumas pessoas podem estar em casa, sentadas confortavelmente no sofá. Outras podem estar em viagem. Outras podem estar em um leito de hospital ou em um lar de pessoas idosas. E talvez alguém esteja caminhando com o celular no bolso, ouvindo o Culto pelo fone de ouvido. Nesse caso, teríamos um local de Culto – o templo – e 50 lugares com pessoas espectadoras? Ou teríamos 51 locais de Culto – o templo mais os 50 lugares conectados?

Especialistas em estudos de Igreja e mídias evitam restringir o local de Culto *on-line* ao templo ou fazer uma simples soma de lugares. Em vez disso, fala-se em espaço intersagrado, espaço terceiro, espacialidade distribuída, rede de lugares, espaço híbrido. Seja qual for o termo utilizado, a ideia é que existe um espaço litúrgico de referência, mas a experiência do Culto acontece em múltiplos lugares.

Ao se conectar e ouvir, orar, cantar, acompanhar os gestos, interagir no chat e enviar um pedido de oração, a pessoa participa do Culto e da Comunidade pela mediação tecnológica. Nesse momento, diferentes espaços físicos passam a participar de uma mesma experiência litúrgica.

Quem está no templo compartilha o espaço físico, faz gestos comuns, percebe outras vozes, recebe o pão e o fruto da videira e pode dar um abraço de paz. Quem não está nesse local enxerga tudo pelo ângulo da câmera e ouve o que é captado pelo microfone. Há, portanto, uma dimensão sensorial e corporal que a transmissão pela internet não consegue reproduzir integralmente. Nesse sentido, a experiência é diferente. Mas também dentro do próprio templo as experiências podem ser diversas. Existe, no entanto, uma experiência comum, que é o anúncio do Evangelho e o estabelecimento de uma comunhão do corpo de Cristo mediada pela tecnologia.



O que significa pertencer a uma Comunidade?

Normalmente, a pessoa participa das atividades de uma Comunidade no âmbito geográfico em que reside. Com a internet, a amplitude mudou: tudo pode ser local e global ao mesmo tempo. Pessoas podem facilmente participar de Cultos e atividades de outras Comunidades. Alguém de São Paulo pode se conectar a um Culto de uma Comunidade de Santa Catarina, ou alguém que vive no exterior pode participar de um Culto em sua Comunidade de origem no Brasil. O que isso representa em termos de membresia e de participação na Comunidade?

O apóstolo Paulo descreveu a Igreja como o corpo de Cristo (Romanos 12.4-8 e 1 Coríntios 12.12-27). Esse corpo sempre teve uma dimensão local e global, concreta e virtual. Por um lado, o corpo de Cristo se manifesta na Comunidade que se reúne face a face. Isso poderia ser a Comunidade da cidade de Roma ou de Corinto, bem como uma de nossas Comunidades da IECLB. Na Comunidade que se reúne presencialmente está uma parte visível e geograficamente localizável do corpo de Cristo. Por outro lado, o corpo de Cristo transcende esse espaço porque cada Comunidade e cada pessoa são uma parte do corpo, independentemente de onde estejam. Aqui temos uma dimensão intangível e mais "virtual" do corpo de Cristo.

Ao participar de Cultos *on-line* de outras Comunidades, a pessoa se une ao corpo de Cristo que se expressa por meio da IECLB. E, mesmo que faça isto com regularidade, ela continua sendo membra na Comunidade onde está inscrita. A Comunidade à qual pertence tem um lugar geográfico definido e é bom que o Culto *on-line* aponte para essa vinculação. Ainda que o corpo de Cristo se manifeste também no ambiente digital, esta não deveria ser a única forma de participação. É necessário enfatizar a importância da participação presencial nas diferentes atividades comunitárias.

Assistir ou participar do Culto?

Uma transmissão pode facilmente colocar a pessoa na posição de espectadora. A liturgia do Culto cristão, porém, pressupõe participação. Como promover a participação e a comunhão quando a pessoa está distante fisicamente?

Se queremos criar um senso de comunidade com as pessoas que estão conectadas digitalmente, é preciso cuidar do vocabulário. Faz uma grande diferença dizer "você que nos assiste pela internet" e dizer "você que participa pela internet". No primeiro caso, deixamos a pessoa no papel de espectadora. No segundo, incluímos essa pessoa na mesma comunhão de quem está no templo.

Um segundo aspecto relevante é convidar as pessoas que estão conectadas a participar de ações realizadas no templo: acender uma vela, levantar-se, cantar, orar e confessar a fé. Por fim, sempre que possível, é importante promover espaços de interação, seja por meio de pedidos de oração ou de comentários na plataforma em que se transmite o Culto.

Para que as pessoas participem do Culto *on-line*, é preciso que a própria liturgia ofereça possibilidades de participação. A liturgia precisa ser pensada e o Culto deve ser conduzido de tal maneira que envolva as pessoas que se conectam.

Obviamente, o Culto *on-line* também pode se limitar à transmissão do Culto presencial, sem mudanças no formato e sem possibilidades de interação. A iniciativa é válida e permite que pessoas que não podem ir ao templo tenham acesso ao anúncio da Palavra de Deus. Aqui, porém, a tecnologia está sendo usada como um meio de transmissão, sem aproveitar suas possibilidades de interação.





As métricas e a avaliação do Culto *on-line*

Os indicadores e as métricas das plataformas de transmissão são bons mecanismos para avaliar a comunicação, mas são insuficientes quando se trata do Culto. Não basta perguntar quantas pessoas estavam conectadas, nem quantas curtidas ou compartilhamentos houve.

Um Culto com 5 mil visualizações não produz necessariamente mais comunhão do que uma celebração *on-line* com 50 pessoas. Uma Comunidade pode ter transmissões tecnicamente excelentes, com milhares de pessoas seguidoras, mas estabelecer proporcionalmente menos relações do que uma Comunidade com apenas algumas centenas.

A pergunta sobre se o Culto *on-line* "funciona" não se responde apenas do ponto de vista técnico. Mais do que verificar quantas pessoas estavam conectadas, precisamos perguntar se conseguimos anunciar fielmente o Evangelho e promover experiências de fé e participação, bem como possibilidades de comunhão e serviço.

O serviço às pessoas em necessidade, a Diaconia, faz parte da essência da Igreja e da vivência da fé. Quando o ambiente digital impulsiona ações diaconais, já temos um bom indicador de êxito. E há muitas possibilidades de identificar necessidades e de promover solidariedade no mundo digital. O simples fato de alguém pedir uma oração no chat ou escrever "estou acompanhando o Culto do hospital" indica uma porta de entrada para o cuidado e o acompanhamento.

Entretanto, a Diaconia tem um caráter corporal que não pode ser desenvolvido no ambiente digital. Segurar a mão de alguém, dar um abraço, levar alimento e roupas são exemplos de ações que necessitam da presença física. Não podemos subestimar as possibilidades das interações *on-line*, porém não podemos abdicar dos encontros e da partilha das relações presenciais.

Ferramenta ou ambiente?

Pesquisadoras e pesquisadores na área das mídias afirmam que elas deixaram de ser mero suporte ou meio de transporte de informações. As mídias já se tornaram um ambiente de vivência, no qual parte da vida social e religiosa acontece. Fala-se da internet como um ambiente "habitado". A experiência digital é real, embora suas formas de interação sejam diferentes das relações face a face.

Os aplicativos de mensagens mudam a nossa forma de conversar e de nos relacionar. Os serviços digitais alteram a maneira como interagimos com empresas e órgãos públicos. Pense na CNH digital e nas contas que você paga pela internet como apenas alguns exemplos. O trabalho remoto modifica as relações de trabalho. A inteligência artificial transforma a maneira de realizar tarefas, produzir conhecimentos e tomar decisões.

Mais do que ferramentas, as tecnologias são propulsoras de comportamentos, valores e relações. Elas mudam a forma de interpretar o mundo e provocam transformações sociais, que acontecem em velocidade cada vez maior. Em outros períodos da história, mudanças tecnológicas importantes levavam décadas para se difundir. Hoje, grandes transformações acontecem em intervalos cada vez menores. Um celular com cinco anos de uso, por exemplo, pode ser considerado antigo ou ultrapassado, mesmo que ainda funcione. A limitação da vida útil desse aparelho não reflete apenas um desgaste físico, mas sinaliza a velocidade com que novas tecnologias surgem e o mundo se transforma.

Diante dessa realidade, é necessário evitar dois extremos. Por um lado, não se pode imaginar que a experiência do Culto *on-line* seja igual à do Culto presencial. Por outro lado, não se pode afirmar que o Culto *on-line*



não seja um Culto de verdade. A Igreja tem o grande desafio de refletir sobre o que a tecnologia representa para as pessoas e quais são as consequências para a Missão.

O cuidado com a exclusão digital

Enquanto pessoas mais velhas geralmente fazem uso das tecnologias para atender a necessidades específicas, as pessoas mais novas experimentam a tecnologia como uma de suas necessidades básicas. As tecnologias se tornam parte integrante da vida e a separação entre "real" e "virtual" se torna cada vez menos evidente.

Quanto mais atividades e serviços migram para o ambiente digital, maior é o risco de deixar algumas pessoas para trás. Essa é uma queixa frequente, especialmente entre pessoas idosas, diante de serviços públicos e privados que cada vez mais dependem de plataformas digitais. Além de não terem acesso à internet e a equipamentos adequados, muitas pessoas enfrentam dificuldades para instalar aplicativos, preencher formulários, criar contas ou recuperar senhas.

A desigualdade no uso e no convívio no meio digital precisa ser considerada pela Igreja. A ampliação da presença digital traz grandes benefícios, mas não pode se tornar uma barreira ao acesso à vida comunitária. Precisamos encontrar formas de considerar e acolher as diferentes realidades.

Igreja em transformação

A Igreja não fica de fora das transformações tecnológicas e sociais, mas cabe a ela discernir e agir. A pergunta não é apenas quais tecnologias podemos utilizar, mas como queremos utilizá-las. Em outras palavras: de que maneira podemos habitar o ambiente digital de forma coerente com o Evangelho?

Quando se fala em Culto *on-line*, há o receio da perda da dimensão corpórea e da criação de Comunidades virtuais marcadas por uma cultura desencarnada e descomprometida. Esse perigo não surgiu com as novas tecnologias. O perigo da virtualização sempre rondou a Igreja. Já o apóstolo Tiago alertava para o perigo de uma fé "virtual", que não se manifesta em ações, que não considera a situação da pessoa em necessidade (Tiago 2.14-26).

A presença da Igreja na internet não significa substituir templos e Comunidades por sites, aplicativos e plataformas. Significa reconhecer que o ambiente digital também se tornou lugar de encontro, testemunho e experiência de fé. Ao mesmo tempo, a presença digital não elimina a importância dos encontros face a face, da partilha da mesa, do cuidado e da presença junto às pessoas. O Evangelho anunciado digitalmente precisa ganhar corpo nas relações, no amor e no serviço.

As tecnologias continuarão mudando. Plataformas poderão desaparecer e outras surgirão. A Missão da Igreja, porém, permanece: testemunhar o amor de Deus, promover a comunhão e servir às pessoas.

O Culto nas escolas da Rede Sinodal de Educação

P. Dr. Eloir Enio Weber*

Escrever sobre o Culto nas escolas da Rede Sinodal de Educação é abordar uma realidade rica, diversa e profundamente ligada ao contexto de cada comunidade escolar que faz parte da Rede. As experiências são amplas, pois cada escola carrega uma história própria, inserida em diferentes contextos culturais, sociais e religiosos. Com isso, não existe um único modelo de celebração. O Culto nas escolas da Rede Sinodal precisa dialogar com a identidade da instituição, com as características de seu público, com o seu projeto pedagógico

e com os desafios contemporâneos da educação. Por isso, prefere-se usar o termo "meditação" para designar os momentos celebrativos internos no espaço escolar.

De modo geral, observa-se uma significativa receptividade por parte das estudantes e dos estudantes quando as meditações conseguem estabelecer conexões com suas vivências, linguagens e perguntas existenciais. A meditação, ao estabelecer uma relação de diálogo com a vida de estudantes em suas diferentes fases e idades (crianças, adolescentes e jovens), do corpo docente e funcional, torna-se um espaço privilegiado de encontro, reflexão, escuta e construção de sentido a partir da fé. A intencionalidade de uma meditação não deve estar na transmissão de conteúdos religiosos, mas na criação de oportunidades para que a comunidade escolar experimente a espiritualidade como dimensão integradora da vida, a partir da fé luterana.

Nesse contexto, a presença da Pastoral Escolar desempenha papel fundamental em algumas instituições da Rede Sinodal de Educação. A atuação de uma pessoa ministra da IECLB na função da pastoral escolar traz uma visão ampliada do compromisso com a relação entre a espiritualidade e os processos educativos, para que esses estejam atentos às necessidades da comunidade, promovendo experiências significativas de espiritualidade e de celebração. A pastoral contribui para que a vivência religiosa não seja um elemento isolado, mas uma dimensão transversal que dialoga com o cotidiano da escola.

Um princípio central para pensar o Culto – meditação – no ambiente escolar é a necessidade de "moldar a liturgia". Isso significa compreender que a celebração não pode simplesmente reproduzir modelos prontos oriundos do contexto eclesial. Ela precisa assumir características próprias do universo educacional, tornando-se uma verdadeira liturgia do encontro. A meditação no contexto escolar deve ser moldada a partir da realidade concreta das e dos estudantes, das pessoas educadoras e das famílias, valorizando as experiências que constituem a vida da comunidade educativa.

Essa perspectiva se fortalece quando se reconhece que a própria vida escolar é permeada por múltiplas liturgias. A aula possui sua dinâmica ritual, com seus tempos, espaços, símbolos e interações. O intervalo, as cerimônias de formatura, os ritos de passagem, as atividades pedagógicas, os projetos institucionais e até mesmo a organização do calendário escolar expressam ritmos e ciclos que conferem significado à experiência humana. O dia letivo, o semestre e o ano escolar revelam rotinas construídas pela cultura própria de cada instituição, configurando formas de celebração da vida, da aprendizagem e da convivência.

A meditação no contexto escolar dialoga com essas liturgias do cotidiano e busca nelas reconhecer a Graça de Deus que se manifesta na existência humana. A espiritualidade, nesse sentido, não se restringe a momentos específicos de devoção, mas se revela nos encontros, nos processos de aprendizagem, nas relações de cuidado, nos desafios enfrentados coletivamente e nas experiências de crescimento pessoal e comunitário.

Na IECLB, compreende-se a Liturgia do Culto cristão como um conjunto de elementos e formas (espaços, lugares, tempos, objetos, funções, gestos, fórmulas, histórias, instruções, olhares, símbolos e significados) por meio dos quais se dá o encontro de Deus com sua comunidade de fé. Esse encontro de Deus com as pessoas é tão profundo que é capaz de influenciar a forma como acontece a convivência entre as pessoas (a comunidade) que se reúnem em um determinado lugar, tempo e espaço – por exemplo, na escola. Esse encontro, inclusive, contagia a forma como as pessoas percebem o mundo e as outras pessoas que não são parte daquela comunhão íntima da celebração, levando-as a respeitar diferenças de crenças, de saberes e de culturas. A partir desse encontro de Deus com a sua comunidade, a própria criação é colocada como alvo cristão de compromisso amoroso, generoso e cuidadoso.

Ao mesmo tempo, é indispensável reconhecer e respeitar a crescente diversidade espiritual e religiosa presente nas escolas da Rede Sinodal. A identidade luterana não se afirma pela exclusão das diferenças, mas

pela abertura ao diálogo e pelo reconhecimento da dignidade de todas as pessoas. Isso exige uma postura acolhedora, capaz de promover espaços celebrativos inclusivos, sem renunciar aos fundamentos da tradição da fé luterana que sustenta o projeto educativo.

A educação luterana oferece contribuições importantes para essa compreensão. Não se trata apenas de um conjunto de doutrinas; ela representa um modo de entender o ser humano e seu processo educativo. A tradição luterana reconhece que somos simultaneamente pessoas justas e pecadoras (simul iustus et peccator), seres marcados por potencialidades e limitações, em permanente processo de formação. Nunca estamos prontas nem terminadas; estamos sempre aprendendo, crescendo e nos reconstruindo nas relações com Deus, com as outras pessoas e com o mundo.

Portanto, a reflexão sobre o lugar da meditação na escola passa pela relação entre identidade, grupo e ritualização, que oferece importantes contribuições para compreender a espiritualidade no contexto escolar. A percepção de que o ser humano se constitui e encontra sustentação na vida comunitária dialoga profundamente com a compreensão luterana da pessoa humana. Não somos seres isolados ou autossuficientes; somos criadas e criados para a relação, para a convivência e para a vida em comunidade. Em uma sociedade marcada pelo individualismo e pela crescente virtualização das relações, a escola torna-se um dos espaços privilegiados de encontro, pertencimento e construção de vínculos.

Na perspectiva da educação luterana, a formação integral do ser humano acontece justamente nesse processo de convivência. É na relação com colegas, pessoas educadoras e demais integrantes da comunidade escolar que as estudantes e os estudantes descobrem suas potencialidades, reconhecem seus limites e constroem sua identidade. Como ensina a tradição luterana, somos seres em permanente processo de formação, simultaneamente marcados por fragilidades e possibilidades, sempre em desenvolvimento e nunca acabados.

Nesse contexto, os ritos e as celebrações desempenham uma função educativa e espiritual fundamental. A ritualização não deve ser entendida como mera repetição de gestos ou formalidades, mas como uma forma de dar significado às experiências humanas. Por meio dos rituais, a comunidade escolar reconhece momentos importantes de sua caminhada, fortalece vínculos e cria espaços de escuta, acolhimento e reflexão. Os ritos ajudam a organizar a vida comum, oferecendo sentido e estabilidade em meio às constantes transformações próprias da infância, da adolescência e da juventude. Por essa razão, a espiritualidade luterana no contexto escolar valoriza práticas que fortaleçam a caminhada comunitária.

A liturgia desses encontros busca expressar a compreensão luterana da Graça de Deus que se manifesta na vida cotidiana e nas relações humanas. Por meio de dinâmicas, momentos de espiritualidade, celebrações, conversas e atividades coletivas, as meditações oferecem oportunidades para que cada estudante se reconheça como parte de uma comunidade. Assim, a ritualização da caminhada conjunta torna-se uma ferramenta pedagógica e pastoral que contribui para a construção de uma cultura de cuidado, pertencimento e responsabilidade compartilhada.

Por isso, a forma celebrativa na escola luterana leva em consideração a condição humana em sua integralidade. A meditação não se dirige a pessoas perfeitas, mas a seres humanos em processo, que necessitam de acolhimento, esperança, perdão, sentido e encorajamento. Nesse horizonte, as celebrações escolares tornam-se espaços de anúncio da Graça, de fortalecimento da comunidade e de formação integral, contribuindo para que a educação seja vivida como experiência de cuidado, responsabilidade e transformação.

* Recomenda-se a leitura do artigo de Eloir Enio Weber e Júlio Cézar Adam NO SÍTIO DA LITURGIA – Cultivando práticas sobre as conexões entre retiros de adolescentes e jovens e a liturgia do culto cristão.
Clique aqui para acessar o artigo ou utilize o *QR-Code* ao lado.

SEÇÃO V – MODELOS NA PRÁTICA

Equipes litúrgicas: uma oportunidade para renovar a vida celebrativa da Comunidade

P. Me. Carlos Romeu Dege
Pa. Ma. Tânia Cristina Weimer

A vida da Igreja sempre esteve profundamente ligada à celebração. É no Culto que a Comunidade se reúne para ouvir a Palavra de Deus, celebrar os Sacramentos, cantar, orar, agradecer e fortalecer a fé para a vida cotidiana. O Culto é o encontro da Comunidade com Deus. O Culto é da Comunidade. No entanto, em muitas comunidades cristãs, a celebração acabou sendo compreendida como responsabilidade quase exclusiva da pessoa ordenada. Essa percepção, embora amplamente difundida, encontra pouca sustentação tanto na prática das primeiras comunidades cristãs quanto nos fundamentos da Teologia luterana.

As primeiras comunidades cristãs viviam aquilo que a teóloga Elisabeth Schüssler Fiorenza chamou de "discipulado de iguais". Nas origens do cristianismo, não havia uma separação rígida entre clero e pessoas leigas. A comunidade reunia-se em torno da Palavra e da Ceia, compartilhando responsabilidades e colocando os diferentes dons a serviço do Evangelho. O que unia essas comunidades não era uma estrutura hierárquica, mas a fé em Cristo ressuscitado e a ação do Espírito Santo, que distribuía dons diversos para a edificação do corpo de Cristo.

O Novo Testamento apresenta a Igreja como um corpo composto por muitos membros, cada qual exercendo funções diferentes, mas igualmente importantes. O apóstolo Paulo insiste que os dons são diversos, porém procedem do mesmo Espírito. Nenhum dom existe para promover privilégios ou superioridade. Todos existem para o serviço mútuo e para a construção da comunidade. A linguagem predominante das primeiras comunidades não era a da autoridade ou do domínio, mas a da Diaconia, isto é, do serviço.

Ao longo da história, porém, desenvolveu-se gradualmente uma estrutura cada vez mais hierárquica. A distinção entre clero e pessoas leigas foi se fortalecendo, e muitas das funções antes compartilhadas pela comunidade passaram a ser consideradas exclusivas do clero. Esse processo levou a uma progressiva redução da participação comunitária na vida celebrativa e contribuiu para a consolidação de uma mentalidade clerical que ainda influencia muitas Igrejas cristãs.

Foi justamente contra essa compreensão que Martim Lutero levantou uma das mais importantes contribuições da Reforma: a doutrina do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes. Para Lutero, o Batismo é o fundamento da identidade cristã. Por meio dele, todas as pessoas cristãs são incorporadas a Cristo e participam de seu sacerdócio. Não existem pessoas cristãs de primeira e segunda categoria diante de Deus. Todas têm acesso à Graça, todas recebem dons do Espírito e todas são chamadas ao testemunho e ao serviço.

Lutero afirma que, em Cristo, todos somos sacerdotes e reis. Essa afirmação não elimina a necessidade dos Ministérios ordenados, mas impede que eles sejam compreendidos como uma categoria superior de cristãos. O Ministério ordenado existe para servir à Comunidade, não para substituí-la. Sua função é promover a proclamação do Evangelho, a administração dos Sacramentos e a edificação do povo de Deus. Entretanto, a Missão da Igreja pertence a toda a comunidade batizada.

Essa compreensão possui consequências práticas para a vida celebrativa das Comunidades. Se o Culto é o encontro da Comunidade com Deus, então ele não pode ser percebido como uma atividade pertencente

exclusivamente à Ministra ou ao Ministro. O próprio *Livro de Culto da IECLB* afirma que o Culto acontece sob responsabilidade de toda a comunidade cristã. A celebração é obra do povo de Deus reunido e não de uma única pessoa.

A criação e o fortalecimento de equipes litúrgicas podem representar uma importante estratégia para renovar a vida celebrativa das Comunidades. Mais do que uma questão organizacional, trata-se de uma decisão profundamente teológica, fundamentada na compreensão bíblica do discipulado, no sacerdócio geral de todas as pessoas crentes e na própria compreensão luterana da Igreja.

Nesse contexto, as equipes litúrgicas surgem como uma expressão concreta do sacerdócio geral. Elas ajudam a Comunidade a compreender que a celebração é responsabilidade compartilhada. Pessoas com diferentes dons podem contribuir na acolhida, nas leituras bíblicas, nas orações, na música, na preparação do espaço celebrativo, na coordenação litúrgica e em inúmeras outras tarefas que enriquecem o Culto.

A participação de diferentes pessoas também torna a celebração mais representativa da realidade comunitária. Quando crianças, jovens, pessoas adultas e idosas participam ativamente da preparação e da condução do Culto, a Comunidade reconhece-se na celebração. O Culto deixa de ser algo apresentado à Comunidade para tornar-se uma ação realizada pela própria Comunidade.

Além disso, equipes litúrgicas favorecem a formação cristã. Pessoas envolvidas na preparação dos Cultos aprofundam seu conhecimento bíblico, litúrgico e teológico. Aprendem a relacionar a Palavra de Deus com a realidade concreta da vida. Desenvolvem sensibilidade pastoral e ampliam sua compreensão da Missão da Igreja. A formação litúrgica torna-se, assim, um importante instrumento de discipulado.

Outro aspecto relevante é a valorização dos dons. Em muitas Comunidades, pessoas com dons para a comunicação, espiritualidade, música, organização ou criatividade ainda são pouco envolvidas. As equipes litúrgicas oferecem espaço para que esses dons floresçam e sejam colocados a serviço do Evangelho, tornando visível o que Paulo descreve como o funcionamento saudável do corpo de Cristo (1 Coríntios 12).

Quando toda a dinâmica celebrativa depende exclusivamente da pessoa ordenada, corre-se o risco de empobrecer a participação comunitária e enfraquecer a corresponsabilidade das pessoas membro. Ao contrário, quando a Comunidade assume sua vocação batismal, fortalece-se o senso de pertencimento e de Missão compartilhada.

A experiência demonstra que Comunidades que investem na formação e instalação de equipes litúrgicas costumam desenvolver maior participação, maior compromisso e maior senso de unidade. Os Cultos tornam-se mais participativos, mais próximos da realidade das pessoas e mais expressivos na diversidade de dons.

Naturalmente, a constituição de equipes litúrgicas exige preparo, acompanhamento e formação contínua. Não se trata simplesmente de distribuir tarefas, mas de construir uma espiritualidade comunitária baseada na cooperação, no serviço e na valorização dos dons. O objetivo não é diminuir a importância do Ministério ordenado, mas permitir que ele cumpra melhor sua função de capacitar e equipar a Comunidade para celebrar.

Em tempos marcados por profundas transformações sociais e eclesiais, as equipes litúrgicas podem tornar-se um importante instrumento de renovação comunitária. Elas resgatam a prática do discipulado de iguais das primeiras comunidades, reafirmam a centralidade do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes e fortalecem a compreensão luterana de que a Igreja é o povo de Deus reunido pela Palavra e pelos Sacramentos.



As equipes litúrgicas constituem uma expressão concreta da própria identidade da Igreja. Quando a Comunidade celebra unida, colocando seus dons a serviço do Evangelho, torna-se visível aquilo que sempre esteve no coração da mensagem cristã: todas as pessoas batizadas são chamadas e enviadas a participar da Missão que Deus confiou a sua Igreja.

Estratégias para criar equipes de Liturgia

Compartilhamos abaixo dicas e reflexões para a formação de equipes de Liturgia.

1. Fundamentar a proposta teologicamente

Antes de escolher pessoas, é necessário ensinar à Comunidade por que a equipe litúrgica existe. A formação deve enfatizar:

- o Batismo como fundamento da participação cristã;
- o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes;
- a diversidade de dons no corpo de Cristo;
- o Culto como ação da Comunidade reunida.

Sem essa fundamentação, as pessoas da equipe correm o risco de ser vistas apenas como "ajudantes da Pastora ou do Pastor".

2. Começar com pessoas vocacionadas

O Novo Testamento trabalha com a ideia de carismas (dons). Nem todas as pessoas precisam fazer tudo, mas todas podem contribuir com aquilo que receberam de Deus. Uma equipe inicial pode incluir pessoas que demonstrem:

- facilidade de comunicação;
- gosto pela Liturgia;
- compromisso comunitário;
- sensibilidade espiritual;
- capacidade de trabalhar em grupo.

O critério principal não deve ser status social, mas disposição para servir.

3. Investir em formação litúrgica

A equipe precisa conhecer:

- o Ano Litúrgico;
- a estrutura do Culto luterano;
- o significado das leituras bíblicas;
- a função dos símbolos litúrgicos;
- a relação entre Culto e Diaconia.

A formação contínua evita improvisações e fortalece a qualidade das celebrações. Temos um bom material de estudo e de preparo de equipes de Liturgia:

- KIRST, N. Nossa liturgia: das origens até hoje. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2000. (Série Colméia, 1).
- KNEBELKAMP, A.; TREIN, H. A. Liturgia: como se faz. São Leopoldo: Sinodal, 1996. (Série Colméia, 3).





4. Trabalhar em planejamento conjunto

A equipe pode reunir-se regularmente para:

- estudar os textos bíblicos do próximo Culto;
- sugerir hinos;
- preparar orações;
- organizar símbolos e espaços celebrativos;
- pensar ações de acolhida.

Isso faz com que o Culto seja preparado pela Comunidade e não apenas pela Ministra ordenada ou pelo Ministro ordenado.

5. Instalar a equipe publicamente

A instalação pública de equipes litúrgicas, em Culto:

- legitima o serviço;
- demonstra o apoio da Comunidade;
- reforça a ideia de vocação;
- cria senso de responsabilidade.

A equipe não surge informalmente; ela recebe um envio comunitário para o serviço.

6. Cuidados que devem ser tomados

Não criar uma nova elite litúrgica. Talvez este seja o principal alerta. O processo histórico criou uma separação entre clero e pessoas leigas. Seria contraditório criar agora uma "casta litúrgica" dentro da Comunidade. Por isso:

- a equipe deve ser renovada periodicamente;
- novas pessoas devem ser formadas;
- a participação deve ser ampliada.

O objetivo é incluir, não substituir uma elite por outra.

7. Evitar o conflito com o Ministério ordenado

A equipe não existe para competir com as Ministras e os Ministros. Na visão luterana:

- o Ministério ordenado continua importante;
- a equipe complementa e amplia a participação comunitária;
- a liderança pastoral continua exercendo coordenação teológica.

A relação deve ser de cooperação e não de disputa de espaço.

8. Manter unidade litúrgica

Criatividade é importante, mas a equipe deve conhecer a tradição litúrgica da IECLB. O Culto não pode se transformar em uma soma de gostos individuais. É necessário preservar:

- a centralidade da Palavra;
- a centralidade dos Sacramentos;





- a estrutura básica do Culto cristão;
- a coerência teológica e confessional.

9. Não reduzir a equipe a funções técnicas

Frequentemente, as Comunidades entendem que a equipe litúrgica é formada apenas por:

- leitoras e leitores;
- musicistas;
- pessoas que decoram o altar.

Isso é pouco. A equipe de Liturgia deve participar da reflexão teológica e da preparação integral da celebração. Ela não é apenas executora; é corresponsável pela vida celebrativa da Comunidade.

10. Garantir representatividade

Uma boa equipe litúrgica deve refletir a Comunidade. Idealmente, deve haver:

- mulheres e homens;
- pessoas jovens e idosas;
- diferentes grupos da Comunidade;
- diferentes dons e experiências.

Isso expressa melhor a imagem paulina do corpo de Cristo.

11. Lembrar que Liturgia e Diaconia caminham juntas

Nas primeiras comunidades, culto e serviço às pessoas eram inseparáveis. A Eucaristia conduzia à partilha, à solidariedade e ao cuidado com as pessoas necessitadas. Por isso, uma equipe litúrgica saudável não prepara apenas celebrações bonitas, mas ajuda a Comunidade a conectar culto e vida.

Um caminho possível para uma Comunidade da IECLB

1. Realizar um estudo sobre sacerdócio geral e Culto.
2. Convidar seis a 10 pessoas interessadas.
3. Elaborar encontros de formação litúrgica.
4. Planejar inicialmente um Culto por mês em conjunto.
5. Ampliar gradativamente as responsabilidades.
6. Realizar uma instalação pública da equipe.
7. Avaliar anualmente o trabalho e renovar integrantes.

Esse caminho respeita a tradição luterana, fortalece o protagonismo comunitário sem enfraquecer o Ministério ordenado, ao mesmo tempo que coloca toda a Comunidade batizada como sujeito da celebração e da Missão.

Para saber mais:

DEGE, C. R. Na proposta de Jesus não há diferença entre clero e leigos/as: análise histórica e eclesiológica na argumentação para a instalação de equipes de liturgia. 2005. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Teologia – Área de Concentração: Liturgia) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005.
FABRETTI, F. Dinâmica para equipe de liturgia. Petrópolis: Vozes, 1989.
IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). Livro de Culto. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
KIRST, N. Nossa liturgia: das origens até hoje. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2000. (Série Colméia, 1).
KNEBELKAMP, A.; TREIN, H. A. Liturgia: como se faz. São Leopoldo: Sinodal, 1996. (Série Colméia, 3).
LUTERO, M. À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão. In: LUTERO, M. Obras selecionadas: o programa da Reforma: escritos de 1520. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. v. 2.
LUTERO, M. A ordem do culto na comunidade – 1523. In: LUTERO, M. Obras selecionadas. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. v. 7.
STRÖHER, M. J. A Igreja na casa dela: papel religioso das mulheres no mundo greco-romano e nas primeiras comunidades cristãs. São Leopoldo: Sinodal, 1996. (Ensaios)



O Culto de Tomé

Pa. Ma. Ana Isa dos Reis Costella

Na vida há momentos em que a alegria transborda; em outros, carregamos dúvidas, medos, perdas e perguntas sem resposta. Há, também, gratidão, esperança e sonhos, mas também cansaços, sobrecargas e feridas escondidas. São experiências profundamente humanas, parte de quem somos. Mas como criar, no Culto, espaço para que cada pessoa possa se colocar diante de Deus do seu próprio jeito, com suas palavras, seus gestos ou seu silêncio, confiando ao seu cuidado aquilo que habita o coração?

Da Finlândia para o mundo

Essas perguntas, tão atuais, foram o estopim que levou Olli Valtonen e Miikka Ruokanen a sistematizarem reflexões sobre a situação da Igreja em seu país, a Finlândia, no final dos anos 80. Em 1987, na cidade de Helsinque, capital da Finlândia, Valtonen e Ruokanen, juntamente com pessoas ordenadas, teólogas e pessoas não ordenadas, aprofundaram-se no estudo das causas do esvaziamento dos Cultos e da pouca participação das pessoas e passaram a buscar uma forma de celebração que dialogasse com a realidade urbana contemporânea daquele tempo. Em uma sociedade marcada pela solidão, pelo individualismo e pelo crescente afastamento das formas tradicionais de participação religiosa, havia, também, uma intensa procura por espiritualidade. A pergunta era simples e profunda: como criar um espaço, além do Culto comunitário, em que as pessoas pudessem encontrar Deus de maneira autêntica, trazendo consigo suas dúvidas, seus anseios e suas esperanças?

A resposta foi construída coletivamente, buscando uma celebração participativa, acolhedora e aberta, em que as pessoas pudessem sentir-se em casa. O resultado foi o Culto de Tomé. O primeiro Culto de Tomé aconteceu no dia 10 de abril de 1988, na Igreja Agrícola, a segunda maior igreja de Helsinque, com a presença de 820 pessoas.

Mas por que Tomé?

Tomé representa algo profundamente humano. Ele é o discípulo que não esconde suas dúvidas, que deseja compreender e que ousa perguntar. Sua história nos recorda que a fé não é a ausência de questionamentos. Ao contrário, muitas vezes ela nasce justamente da coragem de apresentá-los diante de Deus.

Há momentos na vida em que somos um pouco Tomé. Momentos em que confiamos plenamente. Em outros, precisamos de sinais, respostas ou simplesmente de um encontro que nos ajude a seguir adiante. A boa notícia é que Jesus não rejeita Tomé. Ele o acolhe. Escuta suas inquietações. Vai ao seu encontro. O Evangelho nos mostra um Cristo que não se afasta de quem duvida, mas se aproxima com Graça e misericórdia.

Há tempo e espaço para você

O Culto de Tomé oferece um tempo para ouvir o coração, para o silêncio, para a saudade, para exprimir o que está no íntimo, para experimentar que Igreja é espaço de cura, de dividir os pesos diários, de refletir, de sonhar junto, de ser um jeito no mundo e de orar o quanto quiser. Um espaço para nos expressar diante de Deus como somos e como estamos, sem medo.

O Culto de Tomé convida as pessoas a silenciarem, a se acalmarem, diminuindo a pressa e a afobação. No silêncio, as pessoas podem ouvir Deus e sentir que são ouvidas por Ele, podem meditar e sossegar depois de um dia cheio de atividades, de frustrações e de alegrias.



Aspectos importantes do Culto de Tomé

O Culto de Tomé deve possibilitar às pessoas participantes decidir qual será sua postura, seja ela de **"proximidade"** ou de **"distância"**. As *estações de oração*, a celebração da Ceia, os gestos e experiências são oferecidos como convites. Cada pessoa pode aproximar-se ou apenas observar, participar ativamente ou permanecer em silêncio. Tudo é Graça: um espaço de liberdade, respeito e acolhimento, em que nenhuma pessoa é obrigada a fazer algo, mas todas são convidadas a encontrar seu próprio modo de estar diante de Deus.

Quanto à **configuração do espaço litúrgico**, o ambiente é devidamente preparado a fim de criar um espaço de segurança, de aconchego, de meditação, de oração e que propicie paz. A iluminação da igreja é à meia-luz ou à luz de velas. Os "altares" destinados às *estações de oração* são preparados com zelo, identificados com o nome da estação e com os elementos e símbolos necessários para sua dinâmica.

É importante a formação de uma **equipe do Culto de Tomé**. Pode ser a equipe de liturgia da comunidade ou uma equipe formada especialmente para o Culto de Tomé, da qual faz parte a Ministra ou o Ministro. Entre as atribuições desta equipe estão a preparação da Liturgia do Culto (que pode ter um tema especial), a divisão de tarefas das partes do Culto, a preparação do espaço, a organização dos símbolos e dos materiais necessários e, após o Culto, a realização de uma breve avaliação e a preparação do próximo Culto.

O Culto de Tomé, assim como o Culto comunitário regular, tem como uma de suas características a flexibilidade litúrgica, isto é, moldar a Liturgia. Os símbolos são destaque na celebração, especialmente nas estações de oração, conhecidas como fase dinâmica.

A fase dinâmica, chamada ***Estações de Oração***, constitui uma das características mais marcantes do Culto de Tomé. Nelas, cada pessoa pode vivenciar gestos de fé que envolvem escuta, intercessão, bênção, unção com óleo, acendimento de velas e outras formas de expressão. Tudo acontece em um ambiente de liberdade, respeito e acolhimento. Cada pessoa se dirige às estações de acordo com seu interesse e ali encontra uma possibilidade de trazer e expressar seus sentimentos e a própria vida. O tempo destinado às diferentes estações de oração cria uma esfera comunitária de oração, apesar de a pessoa se dirigir individualmente às estações. A oração nos dá um sentido de não estarmos sozinhas ou sozinhos. As diferentes estações de oração previstas no Culto de Tomé abrem espaço para que as próprias pessoas possam se dirigir livremente a um altar e ali fazer sua oração, expressando seu desejo, seus pedidos, seus clamores e seus agradecimentos. Cada pessoa pode expressar sua oração com as suas próprias palavras e à sua maneira de se comunicar com Deus.

Algumas **possibilidades de estações de oração**: a) oração escrita (que será incinerada); b) oração pelo mundo; c) oração individual; d) intercessão pessoal; e) gratidão; f) contemplação (de um ícone); g) cantos; h) muro das lamentações; i) bênção e unção pessoal; j) grupo de dança litúrgica; k) confissão de pecados, absolvição com o lavar das mãos; l) espaço para as crianças; m) abraço solidário; n) intercessão escrita que alguém leva para orar por um determinado tempo; o) unção (que também pode estar como elemento na Liturgia, não como estação) etc.

A Liturgia do Culto de Tomé pode ser moldada, considerando, por exemplo, o tema do Culto. Assim, a fase dinâmica, ou *Estações de Oração*, pode estar na Liturgia da Palavra, como Oração geral da Igreja, ou na Liturgia de Entrada, logo após a Confissão de Pecados e Absolvição. A unção com óleo pode ser uma das *estações de oração* ou pode ser um elemento na Liturgia do Culto, tanto na Liturgia de Entrada quanto na Liturgia da Palavra.

A celebração da Ceia do Senhor ocupa lugar central no Culto de Tomé. Em torno da mesa de Cristo, as pessoas são lembradas de que pertencem a uma Comunidade que vive da Graça. Ali, provamos o convite amo-



roso de Jesus, que acolhe, alimenta e fortalece. Na Ceia, cada pessoa é convidada a participar integralmente com a sua individualidade, com as suas angústias e medos, seus sonhos e desejos, acompanhada de outras pessoas, pois Ceia é sempre comunitária. Na ceia, as pessoas recontam, lembram e vivenciam todas as obras de Jesus Cristo, "começando pela Criação, incluindo ambos os testamentos e esperando o retorno de Cristo". Ceia é festa de ação de graças, é comunhão ou confraternização, é alimento para a caminhada diária, perdão dos pecados e força para perdoar.

O Culto de Tomé tende a se encerrar do lado de fora do templo. Isso se as *estações de oração* contemplarem a "Oração Escrita", quando as orações são incineradas no final do Culto. Para tanto, as pessoas são convidadas, na Liturgia de Despedida, a se dirigir a um **espaço fora do ambiente do Culto**, que pode ser na entrada da igreja, no pátio ou em outro ambiente aberto.

Deus nos encontra

O Culto de Tomé reconhece que a vida humana não é feita apenas de certezas. Ela é tecida por alegrias, dores, encontros, preocupações, fé, dúvidas, perguntas e sonhos. E proclama a boa notícia de que Deus deseja encontrar-nos exatamente aí, na realidade concreta da vida. Em meio ao ritmo acelerado da vida e às múltiplas demandas do cotidiano, o Culto de Tomé oferece um tempo para parar, respirar, silenciar e voltar-se para Deus. Nele, as perguntas não precisam ser escondidas ou superadas. Elas podem ser acolhidas e transformadas em caminhos de encontro, confiança e amadurecimento na fé.

Clique aqui para acessar a Liturgia do Culto de Tomé ou acesse o *QR-Code* ao lado.

Clique aqui para acessar o documento Preparando as estações ou acesse o *QR-Code* ao lado.

História, proposta e potencial missionário do culto contemporâneo na Comunidade Apóstolo Pedro

P. William Bretzke
P. Daniel Port
P. Rafael Coelho

A Comunidade Apóstolo Pedro foi fundada em 1907, com a chegada do Pastor Ferdinand Schlünzen, proveniente da Alemanha. Jaraguá do Sul/SC foi se constituindo a partir de pessoas que vinham de Blumenau, Pomerode, Timbó e Joinville, passando por Brüdertal e Guaramirim. Com a implantação da via férrea, Jaraguá foi se estabelecendo como um novo ponto de convergência de pessoas luteranas, em sua maioria descendentes de imigrantes alemães.

Naquele contexto, a Igreja tinha primordialmente a função de celebrar Cultos, ministrar os Sacramentos e atender às pessoas em suas necessidades relacionadas aos ofícios religiosos, como Batismos, confirmações, casamentos e sepultamentos.

Com o passar dos anos, Jaraguá do Sul tornou-se um importante polo industrial e, por conta disso, continua atraindo pessoas em busca de oportunidades de trabalho. Atualmente, mais de 50% da população é constituída por pessoas vindas de outras localidades. A cidade conta com aproximadamente 200 mil habitantes e

possui um polo industrial diversificado, com empresas de destaque nos segmentos de alimentação, vestuário, metalmecânico e tecnologia da informação.

A Comunidade Apóstolo Pedro está situada no coração da cidade e, por isso, necessariamente precisa ocupar-se com a Missão urbana.

Até cerca de 15 anos atrás, também éramos uma Comunidade essencialmente voltada ao atendimento. A cada ano, muitas atividades simplesmente eram repetidas na agenda anual. Naquele momento, percebemos que era necessário romper com essa estrutura de repetição e buscar efetivamente novos caminhos. Sabíamos que "nada muda quando sempre se fazem apenas as mesmas coisas".

A primeira mudança foi a criação de um Comitê de Planejamento, composto por oito pessoas, que se reunia quinzenalmente para sonhar, refletir e pensar em novos modos de sermos Igreja dentro desse contexto.

Desde então, tivemos o cuidado de respeitar e valorizar a história construída pela Comunidade ao longo dos anos, mas também desenvolvemos um olhar atento para aquilo que poderia ser inovado, especialmente no trabalho com crianças, adolescentes, jovens e casais jovens com crianças, que estavam, em sua maioria, ausentes do convívio comunitário.

Passamos a focar intencionalmente em conectar essas pessoas à Comunidade a partir de suas necessidades pessoais, apresentar o Evangelho de forma clara e criar ambientes de comunhão acolhedores e atrativos. Precisávamos também aprender a dar respostas às perguntas que as pessoas de fora da Igreja fazem.

> ***"Deve-se perguntar à mãe em casa, às crianças na rua e ao homem comum no mercado como eles falam e traduzir de acordo. Então eles compreenderão e perceberão que estamos falando alemão com eles."***
>
> *Martinho Lutero, Sendbrief vom Dolmetschen (Carta Aberta sobre a Tradução), 1530, Weimarer Ausgabe (WA) 30/II, p. 637.*

> ***"Uma contextualização saudável significa traduzir e adaptar a comunicação e o ministério do evangelho a uma cultura específica sem comprometer a essência e os elementos fundamentais do próprio evangelho."***
>
> *Tim Keller, Center Church: Doing Balanced, Gospel-Centered Ministry in Your City.*

De modo zeloso, continuamos cuidando dos grupos históricos da Comunidade e do "Culto clássico", nos quais também temos experimentado crescimento numérico. Ao mesmo tempo, intencionalmente criamos novos trabalhos que se tornaram portas de entrada para pessoas que estavam fora da Comunidade – tanto luteranas e luteranos quanto muitas pessoas sem vínculo com qualquer Igreja.

O "Culto contemporâneo" é resultado desse conjunto de iniciativas intencionais envolvendo crianças, adolescentes, jovens, música, Curso Alpha, Pequenos Grupos, casais e outras ações.

Nós, Ministras e Ministros, também passamos a nos envolver de maneira mais direta com as demandas da cidade, estabelecendo relações, dialogando e servindo em escolas, prefeitura, empresas, hospitais, faculdades e outras instituições.



Nossas lideranças e pessoas membro atraem outras pessoas pela influência nos seus locais de trabalho.

Entendemos que o conceito de Igreja precisa chegar às pessoas de novos modos, estando presente também nos espaços onde elas vivem, trabalham, estudam e se relacionam.

Os dois formatos de Culto – clássico e contemporâneo – não geram concorrência nem se excluem. Pelo contrário, atraem para a comunhão pessoas de diferentes gerações, origens e necessidades.

Também retrabalhamos a hinologia do Culto da manhã, incorporando novos grupos de canto, instrumentos de cordas, flautas, grupo de metais e uma orquestra. Esse Culto é transmitido por uma rádio regional e também pelo nosso canal no YouTube.

As duas possibilidades têm fortalecido o conjunto da Comunidade. Nunca trabalhamos com a ideia de que um Culto seja melhor ou pior do que o outro. As pessoas que chegam – ou retornam – à Pedro são incentivadas a conhecer ambos e, posteriormente, escolher o Culto com o qual mais se identificam.

Tanto o Culto clássico quanto o contemporâneo têm atraído pessoas para o Evangelho e fortalecido nossa Missão de sermos Igreja de Jesus Cristo.

O Culto contemporâneo, porém, é nossa opção intencional de sermos uma Igreja luterana que mantém sua Teologia e identidade, mas assume um novo viés de celebração, criando uma possibilidade de aproximação para pessoas que talvez não chegassem à Comunidade por outro caminho.

O Culto contemporâneo

Queremos deixar claro que o modelo adotado é fruto de muita reflexão e que, provavelmente, não é replicável em sua totalidade. Ao mesmo tempo, cremos que existem princípios e práticas que podem ajudar a criar ambientes mais acolhedores e atrativos para pessoas que estão fora de nossas Comunidades.

O Culto contemporâneo acontece no nosso auditório, pois o templo acabou se tornando pequeno para a frequência atual. O templo possui 380 lugares, e a frequência média do Culto contemporâneo foi de 430 pessoas por domingo em 2025. Em 2026, já temos uma média maior. Além disso, temos feito três Cultos no primeiro domingo do mês e a média de participação está em 1.100 pessoas por domingo, somando os três Cultos dominicais.

Mais do que uma mudança de espaço ou de estilo de celebração, o Culto contemporâneo faz parte de uma estratégia mais ampla de aproximação e acolhimento.

Procuramos pensar em toda a experiência da pessoa, desde o momento em que ela chega ao estacionamento até os momentos posteriores ao Culto.

Criamos um ambiente de acolhida já no estacionamento. Há pessoas sorrindo, identificadas com coletes e disponíveis para auxiliar quem chega, especialmente as pessoas que estão visitando a Comunidade pela primeira vez ou chegam mais desconfiadas. Para isso, contamos com uma equipe de voluntárias e voluntários que trabalha em regime de escala.

Já no espaço do Culto, os Pequenos Grupos também participam da recepção, orientando as pessoas e ajudando-as a encontrar lugar, as salas das crianças e os demais ambientes.



Temos o espaço *kids*, pensado e planejado especificamente para as crianças. O objetivo não é simplesmente oferecer um espaço onde as famílias possam deixar as crianças durante o Culto, mas proporcionar a elas uma experiência própria de aprendizagem, comunhão e fé, adequada à sua idade.

As crianças seguem para suas salas já na chegada ao auditório.

Da mesma forma, temos o "Conectados", um trabalho voltado aos adolescentes, realizado em uma sala planejada para esse público. As pessoas participantes têm um ambiente próprio, com linguagem, dinâmica e abordagem adequadas à sua faixa etária. A mensagem principal do Culto é trabalhada de maneira contextualizada.

Essa estrutura contribui para que famílias inteiras possam participar do Culto no mesmo horário.

Crianças, adolescentes, jovens e pessoas adultas encontram espaços nos quais são acolhidas e podem desenvolver sua espiritualidade.

Outro elemento importante é a acessibilidade. Contamos com intérpretes de Libras, procurando fazer com que pessoas surdas também possam participar plenamente da celebração e da vida comunitária.

Também temos uma equipe dedicada à fotografia e à produção de conteúdo para as redes sociais, especialmente fotos e stories. Não entendemos isso apenas como divulgação. As redes sociais se tornaram uma importante ferramenta de aproximação. Muitas pessoas chegam à Comunidade Apóstolo Pedro porque primeiro tiveram contato com aquilo que fazemos por meio de uma fotografia, de um vídeo, de um *story* ou de outro conteúdo publicado nas redes.

Por isso, a comunicação também passou a fazer parte da nossa Missão. Procuramos utilizar as ferramentas disponíveis para que aquilo que acontece dentro da Comunidade possa alcançar pessoas que ainda estão fora dela.

Nas telas do auditório, uma contagem regressiva indica o tempo que falta para o início do Culto. Começamos e terminamos pontualmente. O Culto tem duração de uma hora.

Terminada a contagem regressiva, alguém do grupo musical dá as boas-vindas, explica em nome de quem nos reunimos – utilizando uma saudação trinitária bastante simplificada –, faz uma breve oração e inicia-se a primeira música.

O louvor é interrompido pelo vídeo com os avisos e, logo depois, continua com mais quatro ou cinco músicas, conduzindo a Comunidade à adoração. Esse primeiro momento dura aproximadamente 30 minutos.

O fim do louvor é o momento em que os adolescentes descem para a sala dos Conectados.

É um momento que encanta a Comunidade: de repente, levantam-se uns 50 adolescentes, naquele movimento animado, cada pessoa querendo chegar primeiro à sala. É uma cena de alegria contagiante e que revela a vitalidade e a renovação da Comunidade.

Enquanto isso, o Pastor responsável pela pregação do dia – a mesma pessoa prega tanto no Culto clássico quanto no contemporâneo – posiciona-se para o tempo da mensagem.

O Culto termina com oração, Pai-Nosso e bênção. Ao final, as pessoas presentes são convidadas para um momento de convivência, com um cafezinho e bolachas.



Toda essa estrutura procura comunicar uma ideia muito simples: a Igreja precisa pensar nas pessoas antes, durante e depois do Culto.

Não queremos apenas que alguém assista a uma celebração. Queremos que essa pessoa seja acolhida, encontre um lugar, estabeleça relacionamentos, compreenda o Evangelho e descubra que pode fazer parte de uma Comunidade.

Por isso, estacionamento, recepção, *kids*, Conectados, Libras, música, comunicação, fotografia, redes sociais, Pequenos Grupos e o próprio Culto não são iniciativas isoladas. Fazem parte de uma mesma compreensão de Missão: criar caminhos para que pessoas que estão longe da Igreja possam se aproximar, conhecer Jesus, estabelecer vínculos e encontrar seu lugar na Comunidade.

O Culto contemporâneo, portanto, não pretende e não quer substituir o Culto clássico ou vice-versa.

Ele é uma das portas de entrada que encontramos para cumprir nossa Missão de sermos uma Igreja evangélica luterana no coração de uma cidade que mudou profundamente desde 1907.

Nossa convicção é que a fidelidade à identidade luterana não significa necessariamente repetir todas as formas pelas quais a Igreja se expressou no passado. Significa permanecer fiel ao Evangelho, à Palavra, aos Sacramentos e à nossa confissão, ao mesmo tempo em que buscamos compreender as pessoas e a realidade para as quais somos chamadas e chamados a comunicar essa mesma mensagem.

É nesse sentido que encontramos em Lutero um princípio que continua desafiador: falar de modo que as pessoas compreendam. E é nesse mesmo caminho que a reflexão de Tim Keller nos ajuda a reconhecer que uma contextualização saudável exige adaptar a comunicação e o Ministério a uma cultura específica sem comprometer a essência e os elementos fundamentais do Evangelho.

Não entendemos, portanto, o Culto contemporâneo como uma tentativa de tornar a Igreja mais atraente a qualquer custo, nem como uma concessão da Teologia aos gostos da cultura. Ele é uma expressão intencional de nossa Missão. A mensagem não muda; o Evangelho não é negociado; a identidade luterana não é abandonada. O que procuramos avaliar continuamente são as formas pelas quais essa mensagem pode ser comunicada, compreendida e vivida pelas pessoas que Deus colocou ao nosso redor.

Desde 1907, Jaraguá do Sul mudou. A composição da cidade mudou, as relações sociais mudaram, as formas de comunicação mudaram e as pessoas às quais somos chamadas e chamados a servir também mudaram. A pergunta que precisamos fazer não é se devemos abandonar nossa identidade para acompanhar essas mudanças. A pergunta é se estamos suficientemente comprometidos com nossa Missão para compreender esse novo contexto e comunicar, dentro dele, o mesmo Evangelho de Jesus Cristo.

Por isso, preservar a história e abrir novos caminhos não são movimentos opostos. Uma Comunidade que conhece sua identidade pode inovar sem perder suas raízes. Uma Igreja que sabe o que é essencial pode avaliar com liberdade aquilo que pertence às formas. E uma Igreja que existe para a Missão não precisa escolher entre fidelidade bíblica e compreensão cultural.

Esse é o caminho que temos procurado percorrer na Comunidade Apóstolo Pedro: permanecer firmes naquilo que não pode mudar e ter coragem para repensar aquilo que precisa ser constantemente avaliado. Não queremos ser uma Igreja diferente para ser contemporânea. Queremos ser uma Igreja luterana, fiel a Jesus



Cristo e ao Evangelho, presente de maneira inteligível, acolhedora e missionária na cidade à qual fomos enviadas e enviados.

Clique aqui para acessar as fotos do Culto contemporâneo ou acesse o *QR-Code* ao lado.

Clique aqui para acessar o vídeo do Culto contemporâneo ou acesse o *QR-Code* ao lado.

Culto com pessoas enlutadas na Comunidade da Consolação

Pa. Vera Immich |

Surgimento e missão da Pastoral e Comunidade da Consolação

A Pastoral da Consolação surgiu a partir de uma demanda percebida pela Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba (CELC), que, entre outras funções, administra o Cemitério Luterano de Curitiba. As famílias enlutadas, que tinham uma concessão de sepultura no cemitério e que não integravam nenhuma comunidade cristã, muitas vezes precisavam de um "acompanhamento pastoral", o que ocasionou a criação da Pastoral da Consolação. Os objetivos consistiam em realizar os sepultamentos, celebrar Cultos em memória na capela e, quando solicitado, agendar visitas e/ou encontros para conversar e partilhar a dor.

A Pastoral atuava também junto à Capelania dos hospitais Evangélico e das Clínicas, em Curitiba, dando suporte a pacientes e familiares, além de manter um cronograma de visitação e acompanhamento a corais. Hoje, as visitas se mantêm no Hospital de Clínicas, conduzidas pelo Pastor voluntário Adair Franklin, e no Hospital Municipal Zilda Arns, sob responsabilidade da Pastora Vera Maria Immich.

Passou-se a realizar Cultos mensais para celebrar as orações em memória. Esses Cultos foram muito bem aceitos pelas pessoas atendidas, o que levou à criação da Comunidade da Consolação, no dia 5 de março de 2006, com o lema motivador do profeta Isaías, que diz: "Fortalecei as mãos frouxas e firmai os joelhos vacilantes. Dizei aos desalentados de coração: sede fortes, não temais" (Isaías 35.3-4a).

As orações em memória fazem parte do Culto dominical e têm o objetivo de acolher as pessoas enlutadas e convidá-las a participar do Grupo de Apoio na Dor e no Luto. O Culto de Finados também costuma ter lugar de destaque no acolhimento às famílias atendidas durante o ano. É uma oportunidade de integrar essas pessoas à vida comunitária (informações do texto Comunidade da Consolação. *In*: *Luteranos no Brasil*. Comunidades do Sínodo Paranapanema. 1. ed. Curitiba: Farol dos Reis; Sínodo Paranapanema, 2024).

Culto Comunitário com ênfase nas famílias enlutadas

Opções de lembranças:

Mensagem: um marca-página com um versículo consolador: "Deus é nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações" (Salmo 46.1).

Lembrança: entregar a alguém da família uma vela (simbolizando a luz de Cristo, que ilumina os dias difíceis e um folheto evangelístico com mensagem para as pessoas enlutadas).

Árvore da vida: um galho seco em uma mesa no corredor da igreja, para pendurar bilhetes com o nome das pessoas falecidas, como conclusão da pregação. Pode-se usar o tema do Culto para fazer os bilhetes: uma lágrima em papel azul, uma flor de girassol ou uma cruz. Enquanto as pessoas escrevem o nome e penduram os bilhetes na árvore da vida e da esperança, um hino completa a liturgia.

Oração em memória: das pessoas falecidas no mês? No ano? Pode ser no Culto de Finados? Cada Comunidade deve descobrir sua demanda e propor uma regularidade.

LITURGIA INICIAL

Acolhida e boas-vindas

Nos reunimos para buscar o consolo do Senhor em meio à dor da perda. O luto é uma experiência profunda e real, mas a Palavra de Deus assegura que Ele caminha conosco em cada lágrima, trazendo esperança, força e cura para o coração. Também queremos dar graças pela vida das pessoas que partiram. Acolho vocês com as palavras do salmista: "Perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito oprimido" (Salmo 34.18). Nos reunimos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Hino: A cada manhã – LCI 340

Confissão de pecados

Hino: Tem misericórdia de mim – LCI 31

Anúncio da Graça: "Desfaço as suas transgressões como a névoa e os seus pecados, como a nuvem. Volte para mim, porque eu o remi" (Isaías 44.22). Assim como a névoa se dissipa quando o sol aparece, Deus remove os pecados e convida o seu povo a voltar para Ele e buscar seu consolo, reconciliação e esperança.

***Kyrie eleison*:** LCI 56

Oração inicial

Hino: Estou pronto, Senhor – LCI 165

LITURGIA DA PALAVRA

1ª leitura: Salmo 56.8-13
Aleluia
Evangelho: Mateus 5.1-10

Subsídios para a pregação

Deus nos sustenta na dor e vê as nossas lágrimas. Ele se importa com o nosso sofrimento e cuida de nós. O luto faz parte da vida humana, e somos preparadas e preparados desde a infância pela perda de animais de estimação, brinquedos, colegas que se mudam, relacionamentos frustrados e pela morte, que leva amigas, amigos e familiares. O luto é um caminho a ser percorrido com nossas amigas e nossos amigos, nossa Comunidade de fé, com o grupo de apoio, com oração e lágrimas.

No Salmo 56.8, ouvimos: "Contaste os meus passos quando sofri perseguições; recolheste as minhas lágrimas no teu odre". Nenhuma lágrima passa despercebida diante de Deus. Ele conhece a profundidade da dor e se importa com o sofrimento.



No texto das bem-aventuranças, as pessoas que choram serão consoladas. Essas palavras são um abraço de Deus para quem vive a dor e a saudade do luto. Consolo implica proximidade, e Jesus caminha conosco, não ignora nem minimiza a dor e o sofrimento. Ele reconhece a realidade da perda e promete a sua presença consoladora. Para as pessoas que creem em Cristo, a morte não é o fim. Existe a promessa da vida eterna.

Muitas pessoas costumam colecionar coisas. Eu, quando criança, colecionava cartões telefônicos, nos tempos idos do orelhão, ou seja, do telefone público. Hoje, coleciono plantas. Quem sabe vocês também já colecionaram ou colecionam algo. Deus faz coleção de algo diferente e até estranho. Eu quero ler para vocês o que Deus coleciona: "Recolheste as minhas lágrimas no teu odre" (Salmo 56.8). É confortador descobrir que Deus coleciona nossas lágrimas. Deus guarda cada uma junto de si. Esta é certamente uma coleção muito inusitada. Não conheço ninguém mais que colecione lágrimas. O que fazemos é chorar. Nós choramos quando estamos tristes, quando alguém especial morreu, quando alguém de quem gostamos está doente, mas também choramos de emoção quando algo bom acontece conosco.

Costumamos secar as lágrimas com um lenço, com a mão ou deixamos o próprio ar secá-las. Mas ninguém guarda lágrimas. Ninguém carrega um vidrinho e vai guardando as suas lágrimas. Mas, neste texto da Bíblia, o salmista diz que Deus guarda as nossas lágrimas no seu odre. Odres eram recipientes de couro para guardar líquidos. Não havia vidro, e guardavam-se água, vinho e leite dentro desses vasilhames de couro. Davi havia passado por um momento muito difícil na vida e vem contando isso no Salmo 56.8. O texto diz que, quando Davi chorou, as lágrimas que deveriam ser secadas por sua mão foram recolhidas pelo próprio Deus. De maneira poética, Davi ilustra: recolheste as minhas lágrimas no teu odre.

O que ele deixou claro aqui foi que suas lágrimas não pararam simplesmente de correr. Deus, na verdade, as enxugou e guardou. As nossas lágrimas são guardadas num frasco. Davi descobriu isso em sua experiência – o seu sofrimento e o seu choro não passaram despercebidos por Deus.

O texto nos diz que Deus vê todas as nossas lágrimas. Isso porque Deus está atento ao que acontece conosco. Ele nos vê. Temos um Deus que se importa conosco e vê as nossas lágrimas dia e noite. Mesmo quando nos escondemos em nosso quarto, sob os cobertores, Deus vê nossas lágrimas. E esta é a diferença revelada na Bíblia: Ele é o Deus que vê, é o Deus sensível, que nunca está distante.

Pode ser que, em algum momento, a gente se pergunte: será que Deus se esqueceu de mim? Será que Deus virou as costas para mim em um momento difícil? Será que Deus realmente está me vendo?

Tanto o salmista quanto Jesus – este seguido por uma grande multidão – falavam do sofrimento como algo inerente à condição humana, algo que revela a nossa humanidade, fragilidade e dependência de Deus. O luto nos faz caminhar por vales difíceis, mas não caminhamos a sós. Deus conhece cada lágrima, acolhe cada lembrança e a guarda em seu coração. A tristeza não tem a última palavra, pois a fé e a esperança da ressurreição iluminam nossos dias escuros.

O galho seco que está no corredor vai se encher de esperança. Vamos chamá-lo de árvore da vida e da esperança. Serão distribuídos bilhetes e canetas, e cada pessoa pode escrever o nome da pessoa de quem sente saudade e pendurar o bilhete na árvore. "E Deus limpará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor" (Apocalipse 21.4). Amém.

Hino: Mais perto quero estar – LCI 326

Árvore da vida e da esperança: durante o hino, as pessoas são motivadas a escrever o nome ou os nomes de pessoas falecidas e pendurar os bilhetes no galho seco.



LITURGIA DE ENCERRAMENTO

Comunicações

Oração de intercessão

Hino: Bênçãos virão sobre ti – LCI 301

Bênção: Que o Deus de toda a consolação fortaleça o teu coração, sustente a tua fé e renove a tua esperança. Que a paz de Cristo guarde tua mente e teu coração e que o Espírito Santo te acompanhe hoje e sempre.

Clique aqui para acessar as fotos ou acesse o *QR-Code* ao lado.

O cuidado espiritual às pessoas enfermas: presença, escuta e esperança cristã

Diac. Ms. Vanderlei Boldt

O cuidado espiritual às pessoas enfermas constitui uma das dimensões fundamentais da Missão cristã. Nos Evangelhos, percebe-se que Jesus Cristo se aproximava das pessoas em sofrimento com compaixão, escuta, presença e cuidado integral. Seu ministério junto às pessoas enfermas não se limitava à cura física, mas envolvia acolhimento, dignidade, esperança e fortalecimento da fé diante da fragilidade humana. Nesse sentido, o Culto, as celebrações, o aconselhamento pastoral e as visitas tornam-se expressões concretas da Graça de Deus e da comunhão cristã.

A Igreja é chamada a exercer sua missão de cuidado e compaixão seguindo o exemplo de Jesus Cristo. Para Hildegart Hertel, a experiência diaconal revela que acompanhar pessoas em situações de crise, especialmente aquelas que enfrentam a fase final da vida, constitui uma expressão significativa da Missão da Igreja. Conforme Sidnei Noé, o cuidado com pessoas enfermas pertence à própria identidade da comunidade cristã. A visitação, nesse contexto, não é apenas um gesto de cordialidade, mas uma expressão concreta do cuidado divino. Por meio da presença, da escuta e do acolhimento, a Igreja torna visível a proximidade de Deus junto às pessoas em sofrimento.

A enfermidade revela a complexidade da condição humana. A pessoa doente enfrenta não apenas limitações físicas, mas também medos, angústias, incertezas e questionamentos sobre a vida e seus limites. Daniel Marcolin, médico geriatra e paliativista, destaca que a experiência da dor humana possui diferentes dimensões, incluindo a dor espiritual, relacionada às crenças, aos valores e ao sentido da existência. Essa dimensão torna-se especialmente presente diante da proximidade da morte, quando surgem questionamentos profundos sobre o sofrimento, a vida e a transcendência.

Alexsandro C. da Silva destaca a Capelania em Saúde como uma expressão do amor e da presença de Deus junto à pessoa enferma, realizada por meio da escuta qualificada, da empatia, da oração, da reflexão bíblica e da presença solidária. Diante das transformações e desafios impostos pela enfermidade, a espiritualidade oferece sentido, esperança e fortalecimento, enquanto o acompanhamento pastoral acolhe a pessoa em sua integralidade, atendendo às suas necessidades espirituais e contribuindo para a ressignificação da experiência do sofrimento.

O rito litúrgico junto às pessoas enfermas possui características próprias, pois acontece em ambientes marcados pela vulnerabilidade, como quartos hospitalares, residências ou instituições de longa permanência. Ainda

assim, constitui verdadeiro encontro comunitário de fé, pois Deus se manifesta por meio da Palavra, da oração, do canto, da escuta e dos sacramentos. Mesmo em sua forma mais simples, a Liturgia testemunha que a pessoa enferma continua pertencendo ao corpo de Cristo e à comunidade da fé.

A Palavra de Deus ocupa lugar central no cuidado espiritual, oferecendo consolo, esperança e presença divina à pessoa enferma. A leitura bíblica, a oração, a escuta atenta e a presença solidária fortalecem a fé, acolhem as dores e ajudam a perceber que Deus permanece próximo no sofrimento. O aconselhamento pastoral junto às pessoas enfermas exige sensibilidade, discernimento e acolhimento, possibilitando que elas expressem suas dúvidas, esperanças e sua relação com Deus. A celebração da Santa Ceia com pessoas enfermas reafirma a presença de Cristo, a comunhão e a Graça de Deus, tornando-se fonte de consolo e fortalecimento espiritual. A bênção com imposição das mãos manifesta cuidado, proteção e a continuidade da comunhão da pessoa enferma com a comunidade de fé, lembrando que ela permanece envolvida pelo amor de Deus.

Assim, o cuidado espiritual às pessoas enfermas revela que o sofrimento não elimina a dignidade humana nem afasta a pessoa da Graça de Deus. Visitar, ouvir, orar e celebrar junto às pessoas enfermas é uma expressão do Evangelho de Jesus Cristo, no qual a Igreja anuncia esperança onde existe medo, oferece companhia onde há solidão e testemunha a presença misericordiosa de Deus em meio à fragilidade humana.

Liturgia com pessoas enfermas

Acolhida

Aqui, neste lugar de cuidado, nos reunimos na presença e em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Nosso Senhor Jesus Cristo assim disse: “Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles” (Mateus 18.20). Portanto, nos reunimos como parte de uma comunidade de fé, que ora, intercede e suplica a Deus pela tua vida. Deus conhece tua vida, tua dor, teus medos e também tua esperança. Ele permanece presente mesmo nos momentos de fragilidade e sofrimento.

Passagens bíblicas

Salmo 46.1 – “Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações.”

Mateus 11.28 – “Vinde a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso.”

Breve palavra

Nos momentos de enfermidade, fragilidade e incerteza, é comum que surjam sentimentos de medo, ansiedade, solidão e insegurança. A doença muitas vezes nos coloca diante dos nossos limites e nos faz perceber o quanto necessitamos de cuidado, apoio e esperança. Nesses momentos, a Palavra de Deus nos lembra que não caminhamos sozinhas e sozinhos.

O salmista afirma que Deus é refúgio e fortaleza, alguém que se aproxima de nós especialmente nas horas difíceis. Ele não é um Deus distante da nossa dor, mas um Deus presente, que acolhe nossas lágrimas, conhece nossas preocupações e permanece ao nosso lado quando as forças diminuem. Seu cuidado não significa ausência de sofrimento, mas a certeza de que, mesmo em meio às dificuldades, somos sustentados por sua Graça.

Jesus também nos convida: “Vinde a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei



descanso". Esse convite revela o coração misericordioso de Cristo. Ele acolhe aquelas e aqueles que carregam pesos, sejam eles físicos, emocionais ou espirituais. No encontro com Jesus, encontramos não apenas alívio, mas também a certeza de que nossa vida está nas mãos de Deus.

A presença de Cristo junto às pessoas enfermas se manifesta por meio da sua Palavra, da oração, do cuidado das pessoas que nos cercam e da comunhão da comunidade de fé. Ele nos fortalece para enfrentar cada dia, renova nossa esperança e nos lembra que nosso valor e nossa dignidade permanecem firmados no amor de Deus.

Mesmo quando o corpo está enfraquecido, a fé pode encontrar novas forças. Deus continua sendo fonte de consolo, paz e vida. Nele encontramos abrigo para o coração cansado e coragem para seguir confiando: o Senhor está conosco, hoje e em todos os momentos. E que a paz do Senhor Jesus esteja com você, irmã/irmão.

Oração

Senhor Deus, Pai de bondade, colocamos diante de Ti a vida de (nome), que também é uma pessoa querida e amada pela sua comunidade. Tu conheces suas dores, preocupações e necessidades. Concede força nos momentos difíceis, alívio nas dores, esperança no coração e paz em meio às inquietações. Acompanha também familiares, cuidadoras e cuidadores e profissionais da saúde. Que teu amor sustente e fortaleça cada uma e cada um. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Pai-Nosso

Bênção

Que o Senhor te abençoe e te guarde. Que o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti. Que o Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz. Amém.

Obs: Havendo possibilidade, pode-se cantar um ou mais hinos.

Referências:
HERTEL, H. Espiritualidade e crise existencial na vivência do câncer. São Leopoldo: Oikos, 2008.
MARCOLIN, D. Morte e Morrer: condutas éticas em defesa da dignidade humana. In: SIVIERO, I.; ROSIN, N. (org.). Envelhecimento Humano, Espiritualidade e Cuidado. Dimensões fundamentais da saúde e da arte de cuidar. Passo Fundo: IFIBE, 2014. v. 3.
NOÉ, S. V. (org.). Comunidade viva: Manual de educação a distância. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2003.
SILVA, A. C. da. A capelania hospitalar: uma contribuição na recuperação do enfermo oncológico. São Leopoldo: Oikos, 2010.

Cultos com pequeno número de participantes

Pa. Vera Engelhardt |

O apóstolo Paulo permaneceu por três anos na cidade de Corinto pregando o Evangelho, e ali se formou uma Comunidade. Paulo escreve uma carta a essa Comunidade, e sua palavra inicial é de gratidão. "Sempre dou graças ao meu Deus por vocês, por causa da Graça de Deus que foi dada a vocês em Cristo Jesus" (1 Coríntios 1.4). Aquela Comunidade tinha muitas dificuldades – aconteciam por lá fatos que não deveriam existir em uma Comunidade que confessa Jesus Cristo como seu Senhor.

Não era uma Comunidade ideal, mas uma Comunidade muito real, com erros e fraquezas humanas. O motivo de Paulo ser grato a Deus era que ali havia uma Comunidade e que, por meio de sua existência, haveria continuidade na pregação do Evangelho. Pela nossa condição humana pecadora e por nossas fragilidades, é mesmo um milagre a perseverança em pregar o Evangelho! É por meio da ação do Espírito Santo que a Comunidade permanece anunciando a boa notícia do Evangelho da Glória e da Graça de Jesus Cristo.





Celebrar Culto em uma Comunidade com pequeno número de participantes continua sendo motivo de gratidão a Deus. E essa é uma realidade bem presente em toda a IECLB. Jesus, ao firmar a promessa "Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mateus 18.20), nos encoraja a nos reunirmos em seu nome, começando por duas ou três pessoas. Não importa se são poucas pessoas reunidas; o que verdadeiramente importa é estarmos juntas e juntos em nome de Deus.

Quem participa de um Culto se prepara para estar ali. E o faz movido pela fé: quer ouvir a boa notícia do Evangelho, quer agradecer a Deus pelo cuidado experimentado diariamente, busca respostas a perguntas e dúvidas, procura acalmar medos e busca forças para enfrentar situações mais delicadas que tem diante de si. Confia que a Palavra de Deus, ouvida junto com irmãs e irmãos na Comunidade, as orações e o louvor a consolam e a fortalecem. Celebra-se com as pessoas que ali estão reunidas e que vieram, pois foram convidadas a ali estarem. A essas pessoas se anuncia o Evangelho, a Boa Nova, que muda e transforma vidas e realidades. E isso independe do número de pessoas que se reúnem.

Há Comunidades com muitas pessoas inscritas, ou seja, registradas no fichário, mas com pouca participação no Culto e na vida comunitária de modo geral. A Comunidade precisará buscar resposta à indagação sobre por que isso está acontecendo e encontrar maneiras de convidar, acolher e incluir todas as pessoas no Culto. Precisará buscar a vitalidade comunitária. Na diversidade das Comunidades, encontramos também aquelas com um pequeno número de pessoas membro. Nem todas participam, e há poucas pessoas visitantes nos Cultos e nas demais ações comunitárias. A pergunta sobre a razão disso é sempre necessária e pertinente.

Há também Comunidades que, no decurso de sua história, eram maiores e hoje são menores ou estão se tornando pequenas Comunidades. Temos exemplos em áreas rurais, onde as novas gerações saíram para outros lugares em busca de estudo e trabalho, bem como em lugares onde houve intensa migração. Aqui, é importante ter gratidão pela história comunitária vivida e olhar para frente, para os novos desafios das pessoas que ali se reúnem em Culto. A decisão de permanecer como Comunidade que celebra Culto ou de encerrar as atividades no local, se assim for necessário, precisa ser discutida por toda a Comunidade, não devendo ser uma decisão de uma só pessoa ou de poucas pessoas. Um alerta especial neste ponto é em relação ao tratamento a ser dado aos espaços sagrados desta Comunidade, ou seja, ao espaço que era o templo, ao salão comunitário e mesmo ao cemitério. Quando se deixa de usá-los, que destino lhes é dado? De que forma se faz a transição? É preciso lembrar que ali pessoas celebraram bodas, casamentos, confirmações e Batismos, ou seja, a espiritualidade das pessoas está presente, e a dimensão do sagrado não deve ser negligenciada.

Há pequenas Comunidades, com poucas pessoas inscritas, e há uma participação assídua, constante e perseverante da quase totalidade das pessoas membro, tanto nas atividades celebrativas quanto nas demais ações comunitárias. As pequenas Comunidades têm, normalmente, diante de si tanto o desafio da sustentabilidade financeira quanto o de mobilizar dons a serviço da Missão de Deus.

Esses são alguns aspectos das Comunidades da IECLB. Estamos presentes nas cinco regiões brasileiras, neste país de dimensões continentais e grandes diferenças socioculturais. Mas é aqui, no Brasil, que somos Igreja e celebramos o amor de Deus na confiança de que "onde dois ou três estão reunidos" em nome de Jesus, o Senhor da Igreja está presente. Portanto, não importa o tamanho da Comunidade ou o número de pessoas que se reúnem, mas importa que a reunião seja em nome de Jesus, para a honra e a Glória de Deus.

O Culto

A Comunidade, a pessoa celebrante e a equipe litúrgica preparam o Culto comunitário com a perspectiva de celebrá-lo com as pessoas da Comunidade. Quando as pessoas não vêm, quando o número de participantes





fica reduzido, isso pode desmotivar quem celebra e até mesmo quem participa. Diante dessa situação, é preciso reafirmar e relembrar por que nos reunimos em Culto. As palavras do apóstolo Paulo – "Dou graças ao meu Deus por vocês" – e a promessa de Jesus – "onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mateus 18.20) – são bálsamo nesses momentos e nessas situações.

As pessoas que recebem o convite para participar do Culto e estão presentes no local e no horário informados se preparam para a celebração. Elas se organizam para ali estar, aguardam a chegada do dia e do horário, trazem suas vidas diante de Deus e querem receber nelas a Palavra de Deus. Há uma entrega e uma disposição para receber. Aquela celebração tem profundo significado e deve ser vista com absoluta convicção de que, independentemente do número de participantes, faz sentido na vida das pessoas.

Alguns cuidados ao celebrar Cultos com poucas pessoas participantes

Muitas Comunidades têm Pontos de Pregação. Em sua concepção, eles são lugares estratégicos de presença, com o objetivo de se fortalecerem e se tornarem novas Comunidades, aproximando a Igreja das pessoas que vivem nesses locais. Normalmente, iniciam com um pequeno número de pessoas. Nos Pontos de Pregação e em Comunidades com poucas pessoas membro, os Cultos são, muitas vezes, celebrados em residências, espaços cedidos, salas de aula ou mesmo em templos emprestados por outra denominação religiosa. Isso requer cuidado na preparação do Culto. Também devem ser consideradas as condições climáticas, o espaço disponível, a acessibilidade, as diferentes faixas etárias das pessoas presentes e o contexto social. Esses aspectos influenciam, por exemplo, a escolha do dia e do horário do Culto.

Outro ponto de cuidado e zelo no preparo diz respeito às relações entre as pessoas. Pequenas Comunidades, em grande parte, são formadas por núcleos familiares. Se ocorre algum desentendimento entre as pessoas, isso se reflete diretamente na Comunidade e na participação no Culto. Exemplos são atritos, fofocas, desavenças, dificuldades relacionadas a heranças familiares e relações de emprego mal encaminhadas. Essas situações causam impacto direto na dinâmica da vida da Comunidade. Cabe à Ministra e ao Ministro ter atenção e cuidado com tais aspectos, que requerem escuta, perdão, reconciliação e uma boa dose de paciência, "fazendo tudo para preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz" (Efésios 4.3).

Os desafios

Normalmente, os Pontos de Pregação celebram os Cultos nas residências das famílias participantes. Há uma preparação do espaço, dentro das possibilidades e da estrutura ali existente. Aqui, pode ser criado um espaço específico de comunhão e acolhimento. Um exemplo é a realização, após o Culto, de uma refeição comunitária, para a qual cada pessoa traz um alimento a ser compartilhado. Em alguns lugares, a família hospedeira prepara a refeição, que pode ser um almoço, um café da tarde ou um jantar. Essas refeições são especialmente importantes devido às distâncias e também para as pessoas que saem do trabalho e vão diretamente ao Culto, sem a possibilidade de passar primeiro em casa. Além disso, esse momento de partilha favorece a comunhão e a convivência. Por outro lado, é preciso ter cuidado para que as refeições não se tornem um fator de separação ou desagregação em razão de comparações. Há quem possa oferecer uma refeição e há quem não possa. Ter essa sensibilidade comunitária é importante para que ninguém se sinta inferior ou sofra constrangimento.

Aqui são importantes o zelo e o cuidado no preparo do altar. É necessário dialogar com a pessoa ou família que hospedará o Culto comunitário em sua residência ou no local definido para tal sobre a organização do altar e os demais itens necessários, como a disponibilidade de água para consumo, a acolhida de pessoas com necessidades específicas e de bebês e crianças pequenas. Todos os detalhes são importantes e merecem atenção.



Os motivos de gratidão

Logo depois de agradecer pela existência da Comunidade, o apóstolo Paulo escreve que, onde o Evangelho é pregado, há dádivas e menciona duas: palavra e conhecimento (1 Coríntios 1.5-6). "Aos que ouviram o evangelho não faltará palavra para dizer o que ouviram, para confessar perante os outros: Cristo é o Senhor e não há salvação em nenhum outro! Assim o ouvinte do testemunho torna-se testemunha para proclamar o reino de Cristo. Não pode haver membros passivos da Igreja, todos são chamados a ser testemunhas" *In: A realidade da Igreja* – P. Ernesto Schlieper).

Cabe à Comunidade, às pessoas celebrantes e às participantes agradecer pela celebração de Cultos com pequeno número de participantes e zelar para que o Culto realize o que se propõe na vida das pessoas. Precisamos nos empenhar para que a Palavra ouvida nos motive a confessar publicamente que Cristo é o Senhor e a proclamar o Reino de Deus em palavras e ações amorosas. Duas ou três pessoas reunidas em nome de Jesus seguem anunciando o Evangelho, para que mais duas ou três pessoas se reúnam em nome de Jesus. Assim, somos uma rede de acolhida e nos unimos em Comunidades de irmãs e irmãos.

Algumas ações para celebrar Cultos com pequeno número de participantes

Quem vem ao Culto espera poder celebrá-lo. É importante, então, que o Culto aconteça. É necessário encontrar o dia e o horário mais adequados para permitir a participação de todas as pessoas.

É importante manter a regularidade e respeitar os horários. As pessoas participantes têm seus compromissos e sua rotina diária. O Culto faz parte dessa rotina. Quando acontecem muitas mudanças de data e horário, é difícil reorganizar as atividades diárias ou semanais de trabalho, por exemplo.

Não se celebra um Culto "maior ou menor" em função do pequeno número de pessoas. Celebra-se o Culto! Um Culto com pequeno número de participantes oportuniza pregações com diálogo, a participação de todas as faixas etárias na celebração e orações participativas, entre outras possibilidades. O que importa é celebrar o amor de Deus com todas as pessoas presentes no Culto.

Culto intergeracional: a comunidade que Deus reúne

Pa. Vera Regina Waskow
Cat. Pa. Daniela Hack

Celebrar o Culto com diferentes gerações é um dos sinais mais profundos da vitalidade da comunidade cristã. A Igreja não é formada por grupos separados por idade, mas por pessoas que, reunidas pela Palavra e pelos Sacramentos, constituem o Corpo de Cristo. No Culto, crianças, pessoas jovens, adultas e idosas compartilham o mesmo Evangelho, participam da mesma mesa e são enviadas para a mesma Missão.

Do ponto de vista bíblico e teológico, a fé sempre possui uma dimensão intergeracional. O Salmo 145.4 afirma: "Uma geração anunciará à outra as tuas obras." A transmissão da fé acontece no encontro entre gerações, quando a experiência das pessoas mais velhas dialoga com a criatividade, as perguntas e a esperança das mais jovens. Esse movimento fortalece a identidade da comunidade e revela a fidelidade de Deus ao longo da história.

O apóstolo Paulo aprofunda essa compreensão ao afirmar que "há um só corpo e um só Espírito" (Efésios 4.4-6). A unidade da Igreja não elimina as diferenças; ao contrário, integra a diversidade de dons, histórias e idades em uma comunhão sustentada por Cristo. Assim, o Culto torna-se um espaço de pertencimento, acolhimento e participação, onde cada pessoa é reconhecida como indispensável para a vida comunitária.

Uma Comunidade que celebra entre gerações testemunha o Reino de Deus de forma concreta. Ela aprende a ouvir, cuidar, ensinar e servir mutuamente. Mais do que preservar tradições, constrói pontes entre passado, presente e futuro, permitindo que a fé seja vivida e compartilhada de maneira significativa.Celebrar o Culto com diferentes gerações é um dos sinais mais profundos da vitalidade da comunidade cristã. A Igreja não é formada por grupos separados por idade, mas por pessoas que, reunidas pela Palavra e pelos Sacramentos, constituem o Corpo de Cristo. No Culto, crianças, pessoas jovens, adultas e idosas compartilham o mesmo Evangelho, participam da mesma mesa e são enviadas para a mesma missão.

Do ponto de vista bíblico e teológico, a fé sempre possui uma dimensão intergeracional. O Salmo 145.4 afirma: "Uma geração anunciará à outra as tuas obras." A transmissão da fé acontece no encontro entre gerações, quando a experiência das pessoas mais velhas dialoga com a criatividade, as perguntas e a esperança das mais jovens. Esse movimento fortalece a identidade da comunidade e revela a fidelidade de Deus ao longo da história.

O apóstolo Paulo aprofunda essa compreensão ao afirmar que "há um só corpo e um só Espírito" (Efésios 4.4-6). A unidade da Igreja não elimina as diferenças; ao contrário, integra a diversidade de dons, histórias e idades em uma comunhão sustentada por Cristo. Assim, o Culto torna-se um espaço de pertencimento, acolhimento e participação, onde cada pessoa é reconhecida como indispensável para a vida comunitária.

Uma comunidade que celebra entre gerações testemunha o Reino de Deus de forma concreta. Ela aprende a ouvir, cuidar, ensinar e servir mutuamente. Mais do que preservar tradições, constrói pontes entre passado, presente e futuro, permitindo que a fé seja vivida e compartilhada de maneira viva e significativa.

Liturgia do Culto familiar/comunitário (intergeracional)

Tema: A colcha de retalhos: unidas e unidos pelo fio da Graça

Textos Bíblicos: Salmo 145.1-7; 1 Timóteo 4.12; 5.1-2; Colossenses 3.12-14

Evangelho: Mateus 18.1-5

Símbolo central: uma colcha de retalhos

Acolhida e Preparação

À entrada do templo, cada pessoa recebe um retalho de pano colorido de algodão, uma caneta e é convidada a escrever ou desenhar algo que aprendeu com outra geração.

Crianças, adolescentes ou jovens podem auxiliar na entrega dos retalhos.

Obs.: Observe para que os retalhos não sejam somente estampados, mas facilitem a visualização da palavra escrita ou do desenho feito. Tenha também à disposição canetas permanentes de cores diferentes, para facilitar a leitura.

LITURGIA DE ENTRADA

Saudação inicial

Liturga ou liturgo: Avisem ao coração preocupado: este é o espaço de abrigo! Tragam a pressa da pessoa jovem, a novidade da criança e a sabedoria da pessoa anciã. Pois a casa do nosso Deus não é feita de pedras frias, mas do calor das histórias que entrelaçamos em conjunto.



Pessoas adultas e/ou idosas: Nós trazemos a nossa memória, o nosso colo e a fé testada pelo tempo! Comunidade: Aqui, ninguém é visitante. Somos todas e todos retalhos da mesma Graça, costurados no amor de Cristo para sermos um só corpo. Vem, Espírito Santo!

Invocação Trinitária

Pessoa idosa: Nós invocamos a presença do Deus Criador: aquele que nos sonhou antes mesmo de nascermos e que acompanha os passos das nossas crianças.

Jovem: Nós invocamos a presença de Jesus Cristo, o Filho: aquele que caminhou entre nós, abraçou a juventude, honrou as pessoas mais velhas e nos ensinou que o amor é a única linguagem que une todas as idades.

Criança: Nós invocamos o Espírito Santo: o vento que sopra energia nas pessoas jovens e renova as forças das pessoas idosas.

Liturga ou liturgo: Três Pessoas, um só Deus. Muitas idades, um só corpo. Ergamos nossos tecidos ao alto!

Comunidade: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Aqui estamos, unidas e unidos pela tua Graça! Amém!

Hino: Canção da Chegada – LCI 8

Confissão de pecados e absolvição

Dinâmica dos nós (contrição)

Convide todas as pessoas a dar um nó no seu retalho de tecido, representando os momentos em que nos desentendemos, nos isolamos por causa das diferenças de idade ou fomos impacientes umas com as outras.

Liturga ou liturgo: Senhor nosso Deus, tu que és o Pai de todas as gerações, nós nos colocamos diante de ti para reconhecer nossas falhas.

Pessoa adulta ou idosa: Perdoa-nos quando nos falta paciência com o barulho, a pressa e a novidade das pessoas mais jovens. Perdoa-nos quando julgamos suas formas de se expressar ou quando nos esquecemos de como é ser uma pessoa jovem e cheia de descobertas.

Adolescente ou jovem: Perdoa-nos quando olhamos para as pessoas mais velhas com apressada indiferença, achando que suas histórias não importam ou que elas não entendem o nosso mundo. Perdoa-nos quando não honramos a sabedoria e os passos de quem caminhou antes de nós.

Comunidade: Perdoa a nossa falta de unidade, o nosso egoísmo e a nossa resistência em ouvir. Limpa o nosso coração de todo preconceito. Transforma a nossa intolerância com o teu amor, desata os nós da nossa convivência e ensina-nos a caminhar, servir e aprender juntas e juntos, como um só corpo em Cristo Jesus. Amém!

Palavra de perdão

A Palavra de Deus nos garante: *"Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça"* (1 João 1.9).





Portanto, *"suportem-se uns aos outros e perdoem-se mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outro. Assim como o Senhor perdoou vocês, perdoem também uns aos outros"* (Colossenses 3.13).

Dinâmica

Desfaçam o nó do seu tecido! Onde havia aperto e distância, a Graça de Deus traz alívio e aproximação. O perdão nos dá a possibilidade de recomeçar. Em nome de Jesus, eu lhes digo que os seus pecados estão perdoados. (+)

Kyrie Eleison

Senhor, te pedimos, tem piedade das crianças, adolescentes, jovens, pessoas adultas e idosas em sofrimento. Por isso, cantamos:

Hino: Pelas dores deste mundo – LCI 56

Salmo 145.1-7 – leitura interativa

Criança ou adolescente: Meu Deus e meu Rei, eu anunciarei a tua grandeza e sempre darei graças a ti.

Jovem: Todos os dias te darei graças e sempre te louvarei. O SENHOR Deus é grande e merece receber altos louvores.

Pessoa adulta: Quem pode compreender a sua grandeza? Ó Deus, cada geração anunciará à seguinte as coisas que tens feito e cada uma delas louvará os teus atos poderosos.

Pessoa idosa: Elas falarão da tua glória e da tua majestade, e eu meditarei nas coisas maravilhosas que fazes. Falarão dos teus atos poderosos, e eu anunciarei a tua grandeza. Falarão da tua imensa bondade e cantarão com alegria a respeito da tua fidelidade.

Hino: Damos graças ao Senhor – LCI 478

Leitura do Novo Testamento: 1 Timóteo 4.12; 5.1-2

(Lida em conjunto por uma pessoa jovem e uma pessoa idosa.)

Jovem: *"Ninguém o despreze por você ser jovem, mas seja um exemplo para os crentes na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza."*

Pessoa idosa: *"Não repreenda asperamente o homem idoso, mas exorte-o como a um pai. Trate os jovens como a irmãos, as mulheres idosas, como a mães; e as moças, como a irmãs, com toda a pureza."*

Oração do dia

Querido Deus, Agradecemos por nos reunir aqui, em nossa diversidade de gerações, características e histórias. Ajuda-nos a prestar bem atenção na tua Palavra agora. Acalma o nosso coração, tira as distrações da nossa cabeça e fala conosco.





Que a tua Palavra alcance o nosso coração e nos ajude a amar mais as demais pessoas e a tua Criação, do mesmo jeito que Jesus nos ama. Por Jesus Cristo, nosso amigo e Salvador. Amém.

Evangelho: Mateus 18.1-5

(Lido por uma criança acompanhada da pastora ou do pastor.)

Aclamação ao Evangelho: ♪ Aleluia – LCI 188 (cantada por toda a Comunidade)

Leitura bíblica

Naquela hora, os discípulos aproximaram-se de Jesus e perguntaram: "Quem é o maior no Reino dos céus?"

Jesus chamou uma criança, colocou-a no meio deles e disse:

"Em verdade lhes digo: Se vocês não se converterem e não se tornarem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no Reino dos céus. E quem receber uma criança como esta em meu nome, recebe a mim."

Pregação participativa (Colossenses 3.12-14)

Desenvolvimento da dinâmica

1. Crianças e adolescentes recolhem os retalhos em cestos e os levam até o altar.
2. Enquanto a reflexão bíblica é compartilhada, um grupo de pessoas jovens, adultas e idosas une os retalhos com amarrações simples ou alfinetes, formando a grande colcha diante do altar.

Proposta de mensagem: Unidas e unidos pelo fio da Graça

Texto base: Colossenses 3.12-14 | Salmo 145.4 | Mateus 18.1-5

Estimada Comunidade, olhem por um instante para esse pequeno retalho em suas mãos.

Cada pedaço de pano traz em si uma identidade única: as cores vivas e inquietas da infância, o vigor e os contrastes da adolescência e da juventude, as texturas firmes, as marcas e as dobras do tempo carregadas pela maturidade e pela velhice. Se deixarmos esses tecidos espalhados pelas bancadas, cada um permanece bonito, mas isolado. Sozinho, um retalho não consegue aquecer ninguém no inverno.

A fé cristã não se vive em voo solo. O apóstolo Paulo nos escreve em Colossenses que fomos escolhidas e escolhidos por Deus como povo santo e amado. E, por causa dessa escolha, somos convidadas e convidados a "nos revestir" de compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência. Reparou na metáfora da roupa? Paulo fala de vestir-se. Mas nenhuma roupa se faz com um único fio.

Acima de todas essas virtudes, o texto bíblico nos exorta: *"Revistam-se do amor, que é o elo da perfeição"*. Na linguagem da nossa colcha, o amor de Cristo é a linha firme e graciosa que passa pelo buraco da agulha da comunhão. É o amor que atravessa as barreiras do tempo e une a vivacidade da criança, a busca da pessoa jovem e a sabedoria acumulada da pessoa idosa.





(Neste momento, enquanto o texto prossegue, o grupo começa a unir e amarrar os retalhos no centro do altar, ao som de um fundo musical suave, executado ao violão ou ao piano.)

No Evangelho de Mateus, Jesus coloca uma criança no meio dos discípulos e diz que o Reino pertence às pessoas que se aproximam com essa simplicidade. Em Timóteo, Paulo orienta o jovem pastor a honrar as pessoas mais velhas como mães e pais e a tratar as pessoas mais novas como irmãs. O Salmo 145 confirma essa sinfonia: *"Uma geração louvará as tuas obras à outra"*.

A Igreja de Cristo é esse lugar onde as gerações não competem por espaço; elas se complementam. As pessoas mais velhas carregam a memória das promessas de Deus; as mais jovens trazem o vigor para caminhar rumo ao futuro que Deus abre diante de nós.

Quando vamos unindo um retalho ao outro, vamos vendo a Comunidade se formar. Somos pessoas diferentes, com jeitos e costumes diferentes, mas Deus usa cada uma na sua individualidade para dar beleza a essa grande família. Esta colcha que nasce diante dos nossos olhos nos lembra que, sós, somos apenas uma parte, e, unidas e unidos pelo amor de Deus, nos tornamos corpo, Comunidade, família de fé.

Olhem para esta colcha. Ela nos lembra que ninguém aqui é tão frágil que não possa apoiar, nem tão autossuficiente que não precise do aconchego das outras pessoas. Que este tecido ajude nossa Comunidade a ser sempre assim: um abrigo quentinho de Graça, onde todas as pessoas, nas diferentes fases da vida, encontram lugar, descanso e celebração. Amém.

Confissão de fé

Hino: Partilha – LCI 224 (recolhimento das ofertas)

Oração geral da Igreja

Pai-Nosso

Bênção

(A Comunidade acolhe a bênção com o seguinte gesto: cada pessoa toca suavemente no ombro de quem está à sua esquerda e estende a mão direita aberta e virada para cima.)

Que o Deus Criador envolva você com seu abrigo e proteção.

Que Jesus Cristo entrelace as suas palavras e atitudes no perdão, no amor e na paz.

Que o Espírito Santo fortaleça seu ânimo e aqueça o seu coração para servir com alegria.

Que assim o Trino Deus abençoe você: Pai, Filho e Espírito Santo. (+) Amém.

Envio

Liturga ou liturgo: Ide em paz e servi ao Senhor com gratidão, amor e alegria!

Comunidade: Damos graças a Deus.



SEÇÃO VI – MATERIAIS DA REDE SINODAL DE EDUCAÇÃO

Celebração com famílias/comunidade escolar para o início do novo ano letivo

Pa. Bianca Goede Giesch

OBS.:

- projetar a imagem do Tema do Ano da IECLB e/ou:montar uma mesa, semelhante à imagem do Tema do Ano, e acrescentar aos elementos litúrgicos as palavras “lembrar”, “valorizar”, “compartilhar” e “legar” (ou “preservar”);
- a proposta a seguir evoca a associação dos termos citados acima com o movimento de celebrar, ou seja, celebramos o que lembramos e valorizamos, celebramos motivadas e motivados a compartilhar e a preservar, deixar como legado;
- dependendo do tempo disponível, espaço físico, número de pessoas reunidas etc., e das condições específicas de cada instituição escolar, pode-se realizar a seguinte dinâmica: cada família registra, em um cartão recebido na chegada, seu principal motivo de celebração no novo ano letivo. Depois, coloca o cartão sobre a mesa/altar, em um espaço próximo ou em outro local adequado, de modo a compartilhar o que se celebra.

Acolhida (pela Direção)

Caras famílias, estudantes, comunidade escolar!

Iniciar um novo ano letivo é sempre um convite para recomeçar. Novos desafios, novas descobertas, novos encontros e novas possibilidades se apresentam diante de nós. Mas, antes de olhar, talvez até com certa ansiedade, para aquilo que ainda está por vir, somos convidadas e convidados a celebrar.

E celebrar é muito mais do que realizar uma cerimônia ou viver um momento festivo. Celebrar pressupõe lembrar e reconhecer o valor daquilo que desejamos compartilhar e preservar. Celebramos aquilo que faz sentido para nossas vidas, aquilo que nos constitui como pessoas, famílias e como comunidade escolar. Ao celebrarmos o amor de Deus, recordamos que esse amor nos antecede, nos acolhe e nos acompanha em cada etapa da caminhada de nossas complexas e preciosas vidas.

Sugestões de poesias de acolhida (pela Coordenação Pedagógica)

ASSIM EU VEJO A VIDA – Cora Coralina

A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança



dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.

Ou

Viver e celebrar – C. e B. G. G

Viver é o primeiro milagre do dia,
O sopro divino que nos acorda pela manhã,
Na prece silenciosa que o peito tece,
Na graça infinita que nunca esmorece.

Celebrar a existência é olhar para o céu
E ver no infinito o amor divino,
Que molda o caminho com mãos de ternura,
E realiza em nossa fraqueza a divina candura.

Não há solidão onde habita essa luz,
O amor soberano que a vida conduz.
Cada batida do peito é um louvor,
Um hino sagrado ao Deus Criador.

Sorrir pelo dom de poder recomeçar,
Sentir que o milagre é o próprio respirar.
Com amor divino, a vida é uma bênção,
E a gratidão é uma eterna canção.

Sugestão de música

Música composta para o Tema do Ano da IECLB

Sugestão de textos bíblicos para leitura (por professora ou professor)

Salmo 100 – Nova Almeida Atualizada (NAA)

"Celebrem com júbilo ao Senhor, todas as terras.
Sirvam ao Senhor com alegria, apresentem-se diante
dele com cântico. Saibam que o Senhor é Deus;
foi ele quem nos fez, e dele somos;
somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio.
Entrem por suas portas com ações de graças
e nos seus átrios, com hinos de louvor;
rendam-lhe graças e bendigam o seu nome.
Porque o Senhor é bom, a sua misericórdia
dura para sempre, e, de geração em geração, a sua fidelidade."





ou

Colossenses 3.14-17 – NAA

"Acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição. Que a paz de Cristo seja o árbitro no coração de vocês, pois foi para essa paz que vocês foram chamados em um só corpo. E sejam agradecidos. Que a Palavra de Cristo habite ricamente em vocês. Instruam e aconselhem-se mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus com salmos, hinos e cânticos espirituais, com gratidão no coração. E tudo o que fizerem, seja em palavra, seja em ação, façam em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai."

Uma proposta de reflexão (pela Pastoral Escolar)

Sejam muito bem-vindas e bem-vindos ao início de mais um ano letivo. É uma alegria receber cada família que hoje escolheu estar aqui. A presença de vocês revela algo muito importante: educar nunca é uma tarefa solitária. Educar acontece no encontro, na parceria e no compromisso compartilhado entre família e escola. Educar acontece onde, pelo menos, duas ou três pessoas se encontram...

A chamada que acompanha este convite, "Celebrar o amor de Deus", se relaciona à uma fala de Jesus, na qual Ele assegura: "Onde duas ou três pessoas estiverem reunidas em meu nome, ali estou no meio delas." Essa promessa revela que o divino se faz presente nos encontros humanos marcados pelo amor, pelo respeito, pela escuta e pela esperança. Hoje, ao nos reunirmos como famílias, educadoras e educadores, estudantes e pessoas colaboradoras, confiamos nessa presença que fortalece nossos vínculos e ilumina nossa missão educativa.

Uma escola confessional luterana compreende a educação como um processo que vai além da transmissão de conhecimentos. Educar é cuidar da pessoa em sua integralidade, reconhecendo que cada criança, adolescente e pessoa jovem é criada à imagem de Deus, possui dons únicos e é chamada a desenvolver seus talentos e todas as potencialidades do seu ser, colocando esses dons a serviço das pessoas e da transformação da sociedade.

Por isso, o início do ano letivo também é tempo de renovar uma parceria indispensável: a parceria entre família e escola. Ambas compartilham a responsabilidade de educar, formar valores, incentivar o respeito, cultivar a solidariedade e despertar o compromisso com o bem comum. Quando caminhamos juntas e juntos, construímos um ambiente onde cada estudante encontra segurança para aprender, crescer e florescer.

Celebrar o amor de Deus significa reconhecer que nenhuma pessoa, família ou instituição caminha sozinha. Em meio às alegrias, às preocupações e aos desafios próprios de cada tempo, Deus continua reunindo pessoas para cuidar umas das outras. Esta comunidade escolar que hoje se encontra é expressão concreta desse cuidado divino, que se manifesta em gestos de acolhimento, diálogo, cooperação, construção do conhecimento e vivências culturais, sempre a serviço do fortalecimento da dádiva da vida.

Que este novo ano letivo seja marcado por relações pautadas pela confiança, pela empatia e pelo respeito mútuo. Que possamos celebrar não apenas em momentos especiais, mas também nas pequenas atitudes do cotidiano: na palavra de incentivo, na escuta paciente, no perdão oferecido, na alegria pelas conquistas e no apoio diante das dificuldades.

Ao celebrarmos o amor de Deus, reafirmamos aquilo que desejamos preservar: uma comunidade educativa onde o conhecimento caminha junto com a fé em Deus, a excelência acadêmica se une aos valores do Evangelho e cada pessoa é reconhecida em sua dignidade e singularidade inalienáveis como filha de Deus.





Que a certeza da presença de Cristo entre nós inspire nossas decisões, fortaleça nossa esperança e faça deste novo ano letivo um tempo de crescimento, aprendizagem e construção de uma comunidade que testemunha, com palavras e ações, o amor de Deus. Celebrando esse amor, renovamos diariamente o compromisso de vivê-lo e compartilhá-lo. Assim se realize. Amém!

Música: Canção do cuidado – LCI 567 (neste momento as famílias podem trazer seus cartões com registro do seu motivo de celebração à mesa ou mural perto desta, caso se opte por fazer essa dinâmica)

Oração (por alguém da Orientação Educacional)

Senhor, nosso Deus, neste início de ano letivo nos reunimos para celebrar o teu amor, que nos une, acolhe, fortalece e conduz. Agradecemos pela oportunidade de recomeçar, aprender, ensinar e crescer coletivamente em vivências na comunidade escolar. Ajuda-nos a lembrar de tua presença constante em cada sala de aula, em cada encontro e em cada desafio. Permanece entre nós em todos os momentos que virão pela frente neste novo ano escolar. Ensina-nos a valorizar os dons que colocaste em cada estudante, pessoa educadora, pessoa colaboradora e família. Que nossa convivência seja marcada pelo acolhimento, pelo respeito, pela solidariedade e pela esperança. Faz de nossa escola um lugar onde a fé cristã e o conhecimento científico caminhem juntos a serviço da vida. Que possamos legar às novas gerações não apenas saberes, mas também valores, compaixão e presença responsável no cotidiano. Abençoa nossa caminhada, ilumina nossas decisões e fortalece nosso compromisso contigo e com as pessoas que colocas junto de nós. Amém.

Música: Onde reina o amor – LCI 4 ou Iluminado– Djavan

Bênção (pela Pastoral Escolar)

Que o Deus da vida nos abençoe e nos acompanhe neste novo ano letivo.
Que, em cada encontro, possamos celebrar o seu amor, que nos reúne, fortalece e envia.
Que jamais deixemos de lembrar as pessoas, as histórias e os dons que moldam nossa caminhada como escola.
Que saibamos valorizar cada estudante, pessoa educadora, pessoa colaboradora e família como preciosos presentes de Deus.
Que a gratidão seja a marca de nossos dias, reconhecendo a graça que sustenta nossa comunidade educativa.
Que o Espírito Santo inspire nossos pensamentos e ações na construção coletiva de saberes, bem como nossas relações e vivências, fazendo desta escola um lugar de acolhida, conhecimento, cuidado mútuo e paz. E que a bênção do Deus Pai, do Filho e do Espírito Santo permaneça sobre todas e todos nós, hoje e sempre.
Amém.

Atividade com a educação infantil e os anos iniciais

Professora Alice Mueller Kern, coordenadora educacional do Bonjinha
Colégio Bom Jesus (IELUSC)

PPHmista Mariéli Saft, Pastoral Escolar Universitária Bom Jesus

"Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mateus 18.20)

Olá, crianças lindas! Espero que estejam bem e felizes. Hoje vamos descobrir como podemos celebrar o amor de Deus quando estamos reunidas e reunidos. Vamos cantar, fazer uma atividade, ouvir uma história, aprender sobre o texto bíblico de Mateus 18.20 e orar.





1. Introdução ao tema

O que acontece quando duas, três ou mais crianças estão reunidas?

Quando nos reunimos, acontecem muitas coisas bonitas. Nós brincamos, jogamos, aprendemos, damos risada e também cuidamos umas das outras. Jesus sabia como é importante viver junto com as pessoas em comunidade. Por isso, Ele disse: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles." Vamos descobrir como podemos perceber a presença de Jesus quando estamos juntas e juntos e celebrar o amor de Deus em nossa vida?

2. Sugestão de músicas

Pom Pom Pom disponível clicando aqui ou via *QR-Code* ao lado.

Celebrai Glória Aleluia disponível clicando aqui ou via *QR-Code* ao lado.

Agora vamos fazer uma brincadeira para perceber como estar com duas, três ou mais pessoas pode nos unir e como Jesus fortalece esses laços.

3. Dinâmica quebra-gelo: O cordão da amizade

Essa dinâmica permite mostrar que, quando nos unimos com um propósito bom, a presença e a força de Jesus nos unem de verdade.

Material necessário: um rolo de barbante ou fita colorida.

Como fazer

1. Peça para as crianças ficarem em um círculo.
2. Segure a ponta do barbante e diga algo bom sobre a pessoa ao lado (por exemplo, *"A Ana é muito legal e divide os brinquedos"*).
3. Segurando a sua parte, jogue o rolo para a Ana. A Ana segura um pedaço da fita ou barbante e joga para outra criança, dizendo algo bom sobre ela.
4. Repita até que todas as crianças estejam segurando uma parte da fita ou barbante, formando uma grande "teia" no meio do círculo.

Ensino: peça para as crianças olharem para a teia. Explique que, quando nos reunimos para falar coisas boas, amar e perdoar, nós criamos vínculos de carinho e afeto. Jesus prometeu que, quando nos juntamos assim, em grupos de duas, três ou mais pessoas, Ele fica bem ali no meio, fortalecendo a nossa amizade. Isso é motivo para celebrar, cantar e sorrir.

Olhem que bonito ficou! Uma fita ou um barbante sozinho não forma uma rede. Mas, quando todas as crianças seguram suas partes juntas, forma-se uma grande rede. Assim também acontece conosco. Quando cuidamos umas das outras, falamos palavras boas e ajudamos nossas amigas e nossos amigos, Jesus está bem no meio de nós.





Variação para crianças menores: substitua o barbante por fitas largas de tecido ou TNT colorido. Cada criança recebe uma fita e segura uma das pontas. Com a ajuda de uma pessoa adulta, as fitas são unidas umas às outras, formando uma grande teia. Enquanto constroem, converse sobre atitudes que fortalecem a amizade, como ajudar, cuidar, brincar em conjunto, compartilhar e pedir desculpas.

Ao final, mostre a teia e diga: "Cada pessoa tem uma parte, mas, quando juntamos nossas partes, formamos algo bonito e forte. Assim também acontece quando cuidamos das nossas amigas e dos nossos amigos. Jesus está conosco quando estamos reunidas e reunidos em Seu nome."

Mas o que acontece quando estamos brincando e nos desentendemos? Vamos conhecer a história de duas crianças que descobriram como Jesus pode transformar uma briga em um momento de perdão.

4. História: O brinquedo quebrado

Dica para quem está ensinando: você pode desenhar cenários simples em cartolinas ou usar bonecos para representar as personagens enquanto conta a história ilustrada.

Cena 1: A brincadeira

O que mostrar: duas crianças felizes brincando com blocos de montar no chão do quarto.
A história: Lucas e Otávio eram melhores amigos e adoravam construir pistas de corrida gigantes no tapete da sala. Eles passavam horas rindo e criando carros velozes com blocos de montar. Tudo era perfeito quando brincavam juntos.

Cena 2: O acidente e a briga

O que mostrar: um carrinho quebrado no chão, uma criança com os braços cruzados (brava) e a outra com cara de assustada.
A história: De repente, *BUM!* Otávio pisou sem querer no carrinho favorito do Lucas, e a rodinha voou longe. Lucas ficou muito vermelho de raiva. "Você quebrou de propósito!", gritou Lucas. Otávio tentou explicar: "Foi sem querer!" Mas a briga já tinha começado. Cada um foi para um canto da sala, de braços cruzados e de cara amarrada. O quarto ficou em um silêncio triste.

Cena 3: O conselho da mamãe

O que mostrar: uma mãe bondosa conversando com o filho triste.
A história: Vendo os dois separados e magoados, a mãe de Lucas se ajoelhou perto dele e disse: "Filho, lembra da promessa de Jesus? Ele disse que, onde estiverem dois ou três reunidos em Seu nome, Ele estará lá. Mas Jesus é o Príncipe da Paz. Quando vocês ficam com raiva um do outro, fica mais difícil perceber o amor e a paz que Jesus nos ensina. Que tal chamar o Otávio para resolver isso juntos?"

Cena 4: O perdão e a presença

O que mostrar: as duas crianças consertando o carrinho juntas, com um brilho ou coração no meio delas, simbolizando a presença de Jesus.
A história: Lucas respirou fundo, engoliu o orgulho e foi até Otávio. "Desculpa por gritar com você", disse Lucas. Otávio sorriu aliviado: "Desculpa por pisar no seu brinquedo. Vamos consertar?" Naquele momento, enquanto os dois colocavam a rodinha no lugar, o coração deles ficou quentinho e eles se alegraram. Eles não podiam ver Jesus com os olhos, mas sentiam a alegria dele bem ali no meio deles, porque decidiram perdoar e brincar juntos novamente.



Vamos conversar, crianças:

- Como vocês acham que o Lucas estava se sentindo?
- Como vocês acham que o Otávio estava se sentindo?
- O que mudou quando eles pediram desculpas?
- Já aconteceu alguma situação parecida com vocês?
- O que podemos fazer quando estamos chateadas e chateados com outra pessoa?
- O que podemos fazer quando estamos chateadas e chateados com uma situação?

Hoje aprendemos que Jesus gosta de ver as pessoas reunidas. Quando brincamos em conjunto, ajudamos umas às outras, compartilhamos, pedimos desculpas e cuidamos das nossas amigas e dos nossos amigos, estamos vivendo do jeito que Jesus nos ensinou, e Ele sempre estará junto de nós. Que possamos levar esse aprendizado para nossa casa, escola e comunidade e para todos os lugares onde estivermos.

Livros de apoio que podem ser lidos com as crianças para abordar temas como amizade, cooperação, perdão, comunidade e a presença de Deus:

O pote vazio – aborda honestidade, coragem e integridade.

Disponível clicando aqui ou via *QR-Code* ao lado.

O grande rabanete – mostra que grandes desafios são vencidos quando todas as pessoas colaboram.

Disponível clicando aqui ou via *QR-Code* ao lado.

Juntos somos mais fortes – este livro ilustrado mostra as alegrias do trabalho em equipe e da vida em comunidade.

Disponível clicando aqui ou via *QR-Code* ao lado.

Anos Finais do Ensino Fundamental

P. Dr. Manfredo Carlos Wachs

Introdução ao tema

O período escolar de estudantes do 6º ao 9º ano corresponde à pré-adolescência e ao início da adolescência. Essa passagem de um para outro período ou fase da vida, do desenvolvimento humano, tem relação com a maturação da pessoa no sentido físico, biológico, relacional, social, cognitivo e espiritual. O desenvolvimento dessas dimensões não é homogêneo em uma mesma pessoa. Ou seja, a pessoa pode apresentar maior desenvoltura e articulação na questão cognitiva do que na espiritual e vice-versa, ter ótima convivência comunitária e dificuldade de se manifestar em público. Por isso, o desenvolvimento também é distinto entre pessoas da mesma geração e da mesma faixa etária. Às vezes, a pessoa jovem busca o distanciamento para estar consigo mesma; outras vezes, busca o convívio em um pequeno grupo ou em um grande grupo.

Na dimensão da espiritualidade, uma característica dessa faixa etária é o questionamento que se revela mais pelo desejo por alguém que a escute do que por uma resposta apresentada como verdade absoluta.



A característica do questionamento também revela a busca por uma espiritualidade pessoal que, às vezes, se distancia da experiência religiosa dos familiares mais próximos e de determinadas tradições religiosas. Essa busca por algo pessoal, que seja do seu jeito de ser e pensar, nem sempre é bem compreendida, porque o caminho é traçado por perguntas inquietantes. Na prática educativa, é preferível a pessoa que manifesta as perguntas e inquietudes, pois revela o seu pensamento, a alguém que se mantém em silêncio ou manifesta concordância com tudo, sem que se consiga saber o que realmente passa em sua mente.

Diante dessas e outras características, pode-se afirmar que a escola confessional é um importante espaço de escuta atenta, de conexão entre as pessoas, das pessoas com Deus e de vivência de uma espiritualidade acolhedora, aberta e integradora.

Objetivo

Promover um espaço para diálogo sobre o Tema do Ano da IECLB no ambiente escolar do Ensino Fundamental – Anos Finais, por meio da interconexão entre distintos cenários da adolescência e alguns contextos bíblicos, visando a fortalecer a espiritualidade pessoal de cada estudante e uma vivência acolhedora, ecumênica e integradora.

Metodologia

A proposta de trabalho prevê três momentos distintos que podem ser tratados em uma aula, em um encontro de jovens ou em diferentes ocasiões.

1º momento: aqui são apresentados três diferentes cenários de vivência da pessoa jovem. O pano de fundo dos cenários é o versículo lema do Tema do Ano. A intenção é refletir sobre o lema sem mencioná-lo diretamente, fazendo isso somente no terceiro momento da dinâmica.

É possível organizar a turma em três grupos para refletir separadamente sobre cada um dos três cenários ou realizar a atividade em forma de circuito, em que todas e todos transitam pelos três cenários. No circuito, é importante estabelecer o tempo de permanência em cada cenário. Cada cenário é apresentado com algumas características que podem ser ampliadas pela pessoa docente ou pela liderança do grupo. Junto com cada cenário, há algumas questões para diálogo. Não são perguntas fechadas; são mais indicativos de temas para diálogo.

CENÁRIO 1 – Diferença entre encontro virtual e presencial

a) Atualmente, o acesso aos meios de comunicação eletrônica tem facilitado o contato entre as pessoas, inclusive com as que se encontram próximas de nós, e permitido enormemente o contato com as pessoas distantes. Realmente, essa facilidade melhorou muito a comunicação.

Ou seja, podemos realizar encontros virtuais com nossas melhores amigas e nossos melhores amigos.

Há pessoas que preferem os encontros presenciais com amigas e amigos e sempre planejam momentos para estarem juntas.

Temos, portanto, uma realidade de encontros virtuais e encontros presenciais. As duas formas são importantes.





b) Se fôssemos refletir:
• Qual é a diferença entre o encontro virtual e o presencial? Qual é a vantagem de um e qual é a do outro? Qual é o benefício de um e qual é o do outro?
• Onde nos sentimos mais à vontade para falar dos nossos "segredos"?
• Em qual dos dois tipos de encontro eu me sinto mais à vontade?
• Os dois são importantes. Em que momento eu prefiro o virtual e em que situação eu prefiro o presencial?

CENÁRIO 2 – Momento de recreio na escola e atividade livre na sala de aula

a) Quando a professora ou o professor organiza um trabalho em grupo de livre composição para uma atividade em sala de aula, normalmente formam-se grupos com as mesmas pessoas. Se observarmos as e os estudantes saírem da sala de aula para o intervalo, podemos perceber que sempre são os mesmos grupos que se juntam e procuram um canto para conversar.

Esse agrupamento, alguém diria, é uma panelinha ou bolha; contudo, outra pessoa afirmaria que é importante e traz benefício pessoal.

Há colegas que resistem e até reclamam quando precisam fazer atividades escolares com pessoas fora da sua "bolha".

Na sala de professoras e professores não é diferente. Também há pessoas que se agrupam em um canto. Todas e todos conversam entre si, mas, mesmo assim, há os grupinhos.

b) Se fôssemos refletir:
• Por que procuramos ficar sempre com as mesmas pessoas no intervalo das aulas? Não é somente porque acho a pessoa legal. Nós conseguimos dizer o que é?
• Quais são as vantagens e os benefícios de realizarmos as atividades escolares sempre com as pessoas que escolhemos?
• Quais são os benefícios de realizarmos atividades com pessoas diferentes?

CENÁRIO 3 – Ambiente estranho e desconhecido

a) Podemos perceber que pessoas das mais diferentes faixas etárias, ao entrarem em um lugar estranho e totalmente desconhecido, olham para todos os lugares, todos os cantos e verificam se encontram alguém conhecido. É um movimento espontâneo e automático.

De repente, quando reconhecem um rosto familiar, respiram aliviadas e procuram ir ao encontro da pessoa conhecida. Isso pode ocorrer em uma festa, em um campo de esporte, em uma atividade cultural da escola, por exemplo.

b) Se fôssemos refletir:
• Qual é o sentimento pessoal que nos move a procurar um rosto conhecido em um espaço desconhecido?
• Qual é o nosso sentimento ao estarmos em um lugar totalmente estranho e não encontrarmos ninguém conhecido? O que teríamos vontade de fazer nessa situação?
• Qual seria a nossa reação se encontrássemos alguém conhecido e a pessoa nos ignorasse?





2º momento

Antes de iniciar o 2º momento, sugiro um diálogo sobre o conjunto dos cenários. A intenção é realizar uma síntese e preparar a conexão com o momento seguinte.

Nesse momento, a sugestão é trazer duas situações diferentes da vida de Jesus e procurar relacioná-las com os cenários apresentados acima. Vamos chamá-las de vivências.

Diálogo inicial: assim como nós, jovens e pessoas adultas, realizamos momentos de encontros individuais ou em pequenos grupos, Jesus Cristo também o fazia. Nós, às vezes, preferimos ficar sós com os nossos pensamentos, em nosso silêncio. Jesus, às vezes, também tinha o mesmo sentimento.

1ª VIVÊNCIA – Jesus se retira

Em diversas situações, Jesus se retirou para orar e para refletir. Ele procurava ficar só. Em alguns desses momentos, as pessoas descobriam onde Jesus estava e iam ao seu encontro.

- Lucas 9.10-11 – Jesus retira-se à parte de uma cidade. A multidão o segue.

- Lucas 22.39-46 – Jesus ora no Getsêmani em seu momento de agonia.

2ª VIVÊNCIA – Encontro de Jesus com pessoas

Jesus não ensinava unicamente para multidões, mas também para pequenos grupos. Ele também convivia com pequenos grupos. Ele se encontrava individualmente com pessoas.

A proposta é ajudar as e os estudantes a perceberem essa relação de proximidade entre Jesus e as pessoas. A tarefa é perceber como acontecia o encontro entre as pessoas nos textos listados. Aqui trazemos somente três exemplos bíblicos. Sem dúvida, podem-se mencionar outros.

- Lucas 19.1-10 – Jesus se encontra e se hospeda na casa de Zaqueu.

- Lucas 10.38-42 – Jesus se encontra com Marta e Maria.

- João 3.1-15 – Nicodemos procura Jesus para perguntar sobre as suas dúvidas.

3º momento – Cartaz do Tema do Ano

Toda a nossa proposta de estudo tem como pano de fundo o lema do Tema do Ano.

Para culminar esse estudo, sugiro refletir sobre o cartaz do Tema do Ano, destacando o lema.

Durante esse estudo, refletimos sobre aspectos da nossa vivência e da vivência de Jesus com algumas pessoas. Nós temos, agora, o cartaz do Tema do Ano da IECLB diante de nós.

Se fôssemos refletir:

- Quais são alguns detalhes do cartaz que chamam a atenção de vocês?





- Qual será que foi a intenção da autora do cartaz ao apresentar esses detalhes?

- Qual é a relação do cartaz com o que refletimos anteriormente?

Depois da reflexão, convidamos todas e todos a ler e contemplar em silêncio o Tema do Ano.

Encontro com o Ensino Médio: Celebrar o amor de Deus no estudo e nos relacionamentos

Nathan Krieger
Teólogo e Professor de Ensino Religioso e Projetos Sociais
Colégio Cônsul Carlos Renaux

Antes de apresentar esta proposta, convido você a fazer uma breve pausa para refletir sobre a presença de Deus em sua caminhada. Em meio aos desafios da vida escolar, aos estudos, às amizades e aos sonhos para o futuro, Jesus nos lembra: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mateus 18.20). Este encontro é um convite para celebrar esse amor que nos reúne, nos fortalece e dá sentido ao aprender e ao conviver. Que as reflexões, as atividades e os momentos de partilha inspirem cada estudante a reconhecer que Deus está presente no cotidiano da escola, transformando o estudo em um ato de amor e os relacionamentos em oportunidades de viver e testemunhar esse amor ao mundo.

Objetivos do encontro

- Compreender o estudo como uma forma de celebrar o amor de Deus e também desenvolver os dons e talentos concedidos por Deus.
- Refletir sobre como o conhecimento pode ser colocado a serviço do bem comum.
- Valorizar relacionamentos marcados pelo respeito, pela empatia, pelo diálogo e pelo cuidado com as pessoas.
- Incentivar atitudes concretas que expressem o amor de Deus no ambiente escolar, na família e na comunidade.

Estudar é um ato de amor!

Quando pensamos em amor, geralmente lembramos da família, das amigas e dos amigos ou de pessoas especiais. Mas a Bíblia nos mostra que o amor de Deus alcança todas as dimensões da nossa vida, inclusive os estudos.

Deus nos criou com inteligência, criatividade, curiosidade e capacidade de aprender. Desenvolver esses dons é uma forma de agradecer ao Criador. Cada novo conhecimento adquirido representa uma oportunidade de compreender melhor o mundo, cuidar da Criação e servir às pessoas. Assim, estudar torna-se um ato de amor a Deus, reconhecendo e valorizando os talentos que Ele nos confiou.

Estudar também é um gesto de amor por nós mesmos. Ao nos dedicarmos ao aprendizado, investimos em nosso crescimento pessoal, intelectual e espiritual. Aprendemos a pensar de forma crítica, a tomar decisões responsáveis e a construir um futuro com mais possibilidades.

Ao mesmo tempo, todo conhecimento verdadeiro encontra seu sentido quando beneficia outras pessoas. Profissionais da medicina cuidam da saúde, docentes compartilham saberes, profissionais da engenharia constroem soluções, artistas inspiram vidas, pessoas que atuam em pesquisas descobrem novos caminhos. Em qualquer profissão e vocação, aprender é preparar-se para servir. Por isso, estudar também é amar as pessoas.



Além disso, Deus manifesta seu amor através dos relacionamentos. Na convivência com colegas, professoras e professores, funcionárias e funcionários e familiares, somos convidadas e convidados a experimentar o respeito, o perdão, a cooperação e a solidariedade. O ambiente escolar deixa de ser apenas um lugar de conteúdos e passa a ser um espaço onde Deus continua formando pessoas.

O versículo de Mateus 18.20 nos lembra que Cristo está presente quando nos reunimos em seu nome. Isso significa que cada sala de aula, cada grupo de estudo, cada conversa respeitosa e cada gesto de acolhida podem se tornar lugares onde o amor de Deus se faz presente. Somos chamadas e chamados não apenas a receber esse amor, mas também a refleti-lo em nossas palavras, atitudes e escolhas diárias.

Atividade/dinâmica – Mural de barbante

Material

- Cartões ou folhas coloridas;
- Canetas;
- Barbante;
- Alfinetes ou fita adesiva.

Desenvolvimento: entregue um cartão para cada estudante e proponha duas reflexões:

Lado 1: "Como posso demonstrar o amor de Deus através dos meus estudos?"

Algumas respostas podem ser:

- *Dedicar-me mais às atividades.*
- *Não colar nas provas.*
- *Ajudar colegas que têm dificuldades.*
- *Valorizar as professoras e os professores.*
- *Usar meus talentos para fazer o bem.*

Lado 2: "Como posso demonstrar o amor de Deus nos meus relacionamentos?"

Exemplos:

- *Ouvir mais.*
- *Perdoar.*
- *Incentivar alguém.*
- *Evitar fofocas.*
- *Ser gentil.*
- *Acolher quem está só.*

Depois, todas e todos formam um círculo. Cada estudante compartilha uma das respostas e prende seu cartão em um mural, ligando os cartões uns aos outros com um barbante.

Ao final, destaca-se que nenhuma atitude isolada transforma uma comunidade, mas muitas pequenas atitudes de amor constroem um ambiente onde Cristo é percebido.



Imagem gerada por Inteligência Artificial

Para concluir

Celebrar o amor de Deus vai muito além de cantar ou participar de um Culto. É reconhecer sua presença em cada momento da vida. Quando estudamos com dedicação, desenvolvemos os dons que Ele nos concedeu. Quando tratamos as pessoas com respeito, paciência e solidariedade, tornamo-nos reflexos do amor que primeiro recebemos de Cristo. Que as nossas escolas sejam esse lugar de encontro: onde aprendemos, crescemos, convivemos e testemunhamos o amor de Deus em gestos concretos. Assim, cada aula, cada amizade e cada oportunidade de servir tornam-se uma forma de celebrar o amor de Deus.

Oração

Querido Deus, nós te agradecemos porque estás presente quando nos reunimos em teu nome. Agradecemos pelos dons que colocaste em cada pessoa: a inteligência para aprender, a criatividade para construir, o coração para amar e a capacidade de servir.

Ajuda-nos a compreender que estudar também é uma forma de te honrar, desenvolvendo os talentos que recebemos e colocando nosso conhecimento a serviço das pessoas. Ensina-nos a cultivar relacionamentos marcados pelo respeito, pela amizade, pela empatia e pelo perdão.

Que nossa escola seja um lugar onde teu amor seja vivido diariamente, nas salas de aula, nos corredores, nos trabalhos em grupo e nas pequenas atitudes de cuidado com as pessoas.

Que possamos ser instrumentos da tua paz e reflexos do teu amor, lembrando sempre da promessa de Jesus: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”.

Em nome de Jesus.

Amém.



Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil

ISBN: 978-65-5600-139-5



luterano.org.br ieclboficial